

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

TORCIDA DE FUTEBOL:
ADESÃO, ALIENAÇÃO E VIOLÊNCIA

ROBERTO ROMEIRO HRYNIEWICZ

São Paulo
2008

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

TORCIDA DE FUTEBOL:
ADESÃO, ALIENAÇÃO E VIOLÊNCIA

Roberto Romeiro Hryniewicz

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Escolar
Orientador: Prof. Dr. José Leon Crochík

São Paulo

2008

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Hryniewicz, Roberto Romeiro.

Torcida de futebol: adesão, alienação e violência / Roberto Romeiro Hryniewicz; orientador José Leon Crockík. -- São Paulo, 2008.

167 p.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Futebol, 2. Freud, Sigmund, 1856-1939 3. Escola de Frankfurt
4. Indústria cultural 5. Violência I. Título.

GV940

Roberto Romeiro Hryniewicz

Torcida de futebol: adesão, alienação e violência

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Escolar.

Orientador: Prof. Dr. José Leon Crochík

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Dissertação apresentada e aprovada em: ____/____/____

À minha grande família

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, à agência de fomento Capes por me conceder uma bolsa para a realização deste trabalho.

Ao meu orientador, José Leon Crochík, divisor de águas da minha maneira de pensar, que possibilitou, já na graduação, que eu conhecesse uma forma de refletir crítica que mudou minha postura e observação. Muito paciente e compassivo, conseguiu reconhecer meus problemas e possibilitou que o trabalho seguisse dentro de minhas possibilidades.

Aos meus pais, por me proporcionarem uma educação que me possibilitou discutir o que nem sempre é discutido. Por todo o apoio em tudo, sempre. E também pela paciência.

Aos meus irmãos: a Marcos pela ajuda, a Bruna pelo apoio e aos dois pela paciência e pela amizade.

Aos professores Conrado Ramos e Paulo Albertini, pela grande ajuda na qualificação, e ao último pelas ótimas aulas durante a graduação.

Aos professores do Instituto de Psicologia da USP, por sempre me acolherem quando precisei e por tudo o que me ensinaram.

Aos membros do Laboratório de Estudos sobre o Preconceito, pela ajuda e pelo apoio no início do trabalho, em especial à Marie Claire Sekkel, minha supervisora no projeto PAE.

Aos amigos do Instituto de Psicologia da USP, que me auxiliaram direta e indiretamente neste trabalho. Em especial aos “caras” e às amigas do ano 2000. E, como a estes, a outros que estiveram presentes em todas as viagens e festas que tive durante a graduação, muitos dos melhores e mais importantes momentos da minha vida.

Aos amigos de infância e da Rua Urano, com os quais conheci e discuti muito futebol e por tudo o que vivemos juntos.

E a todos, novamente, pela paciência.

SUMÁRIO

SUMÁRIO	VII
RESUMO	IX
ABSTRACT	X
1 APRESENTAÇÃO	11
2 INTRODUÇÃO	13
3 AS FACES DA TORCIDA – ESTUDOS SOBRE O TORCEDOR	17
3.1 BREVE HISTÓRICO DA TORCIDA COMUM DE FUTEBOL NO BRASIL	20
3.1.2. CONCEPÇÃO HISTÓRICA DA ALIENAÇÃO DA TORCIDA COMUM	27
3.2. TORCIDA: VIOLÊNCIA, ALIENAÇÃO E INDÚSTRIA CULTURAL	31
3.2.1 TORCIDA ORGANIZADA: ADESÃO E VIOLÊNCIA	31
3.2.1.1 A adesão	31
3.2.1.2 A violência	35
3.2.3. DISCUSSÕES SOBRE A VIOLÊNCIA NA TORCIDA	42
3.2.4. TORCIDA COMO ALIENAÇÃO E INDÚSTRIA CULTURAL	55
4 O ESPORTE NO CAPITALISMO TARDIO	65
5 PERSPECTIVA FREUDIANA ACERCA DAS MASSAS	72
5.1 FUNDAMENTOS	72
5.2 AS MASSAS EM UMA NOVA CONCEPÇÃO HISTÓRICA	80
6 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE A EDUCAÇÃO, A TORCIDA E O ESPORTE	86
7 OBJETIVOS E HIPÓTESES	96

7.1 OBJETIVOS	96
7.2 HIPÓTESES	96
8 MÉTODO	97
8.1 SUJEITOS	97
8.2 MATERIAL	99
8.3 PROCEDIMENTO	100
9 RESULTADOS E DISCUSSÃO	102
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	127
ANEXO 2 – ENTREVISTAS	133

RESUMO

HRYNIEWICZ, R. R. **Torcida de futebol: adesão, alienação e violência.** 2008. 167 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

Esta pesquisa tem como objeto o torcedor de futebol comum, analisando o que leva um indivíduo a torcer e o que, nessa prática, pode levá-lo à alienação e à violência.

Nossos principais referenciais teóricos são a Escola de Frankfurt e a teoria freudiana. Estudamos o futebol sob o aspecto de sua apropriação pela indústria cultural e o torcedor como parte das massas estudadas por Freud (1921/1974a) em *Psicologia de grupo e análise do ego* e posteriormente pelos frankfurtianos.

Dezesseis torcedores de diferentes times foram entrevistados. Formaram dois grupos de oito sujeitos, com base no processo de escolarização: um grupo de torcedores que têm até o ensino fundamental completo e outro de torcedores com ensino médio completo.

Os resultados demonstraram certa devoção ao time nos dois grupos, bem como alienação e tendência à barbárie e ao preconceito. Isso ficou mais visível no grupo dos mais escolarizados, o que indica que a educação de hoje pode favorecer esse tipo de atitude.

Palavras-chave: Futebol; Escola de Frankfurt; Freud; Indústria cultural; Violência.

ABSTRACT

HRYNIEWICZ, R. R. **Football Supporter: adherence, alienation and violence.** 2008. 167 p. Dissertation (Master). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

The object of this research is the regular football supporter, analyzing what drives a person to cheer and what in this practice can lead to alienation and violence.

Our main theory references are the Frankfurt School and the Freudian theory. We have studied the football in its appropriation by the cultural industry and the supporter as part of the masses studied by Freud (1921/1974a) in *Group psychology and analysis of the ego* and subsequently by the frankfurtians. Sixteen supporters of different Brazilian teams were interviewed.

They were divided in two groups of eight subjects according to their education level: one group of supporters with low education level and another group with middle education level.

The results have shown a certain devotion to the team in both groups as well as alienation and a tendency to barbarity and prejudice. This was more visible on the group with higher education level, what means that nowadays education can promote this kind of attitude.

Keywords: Football; Frankfurt School of sociology; Freud; Cultural industry; Violence.

1 APRESENTAÇÃO

A realização desta dissertação foi motivada, a princípio, pela observação do cotidiano de torcedores, tanto dos que pertencem às torcidas organizadas quanto dos que não pertencem. Notava-se que esses dois tipos de torcedores tinham uma postura semelhante e que, apesar de os torcedores comuns não praticarem a violência física, é comum que pratiquem a violência verbal e entrem em discussões calorosas e agressivas sobre o assunto no dia-a-dia.

Os cantos – ou gritos de guerra – nos estádios muitas vezes buscam exaltar o “time do coração”, mas também insultam o rival. São entoados por todos os torcedores, sem exceção, e podem incitar a violência. Isso ocorre, por exemplo, quando, durante um jogo no estádio do Morumbi, a torcida, do time que está perdendo, em maior número canta: “Boi, boi, boi, boi do Piauí, agora quero ver para sair do Morumbi”.

O futebol pode ser visto como arte, o humano em sua superação. A beleza das jogadas de Ronaldinho, Kaká, Messi, Robinho, entre outros, enche os olhos de quem a vê; elas são belas por si só, mas já estão profundamente arraigadas na ideologia hodierna e na lógica do capital, e, dessa forma, perdem sua aura artística e ganham um forte papel na mistificação das massas.

Há, sim, um prazer no torcer que vai além da mera explicação do *panis et circencis*, mas é preciso saber em que medida esse prazer pode restringir a liberdade e a capacidade de esclarecimento, bem como fomentar a violência.

Enfim, este estudo vem de uma dúvida, e não de um repúdio ao futebol e a todas as suas práticas. Ele pretende indagar sobre esse esporte e suas relações com a alienação, a violência e a ideologia vigente.

Este trabalho está dividido em sete capítulos. No primeiro, por meio de estudiosos do próprio futebol e de sua torcida, como Da Matta (1994), Pimenta (1997), Santos (2004), Sevcencko (1994), entre outros, discutiremos a torcida de futebol. Além disso, com base no cronista e historiador do futebol, Rodrigues Filho (1964), e com auxílio das crônicas de Nelson Rodrigues (RODRIGUES, 1994), apresentaremos um panorama geral da história da torcida de futebol e, fundamentados na teoria freudiana e frankfurtiana, descreveremos o que há, no esporte, que pode fomentar a ideologia dominante, entre outras questões, como a personalidade autoritária, a indústria cultural, a música popular (seu fã, mais precisamente), algumas formas de preconceito e a violência.

No segundo capítulo, com base em autores como Oliveira (2000), Pociello (1995), Bastidas (2002) e Crochík (2000), refletiremos sobre o esporte no capitalismo tardio e a posição do futebol nesse quadro.

Em seguida, no capítulo três, analisaremos o texto *Psicologia de grupo e análise do ego* (FREUD, 1921/1974a), nos atendo à constituição da torcida e suas atitudes. Embasados na teoria crítica da sociedade, mais precisamente em Horkheimer, Adorno e Marcuse, verificaremos como esse estudo pode ser pensado na atualidade.

No capítulo quatro, por meio dos estudos de Adorno sobre a educação e a formação, discutiremos as relações que podem ser estabelecidas com a torcida.

No capítulo cinco traremos os objetivos e as hipóteses da dissertação. No sexto, exporemos o método utilizado na pesquisa. No sétimo, apresentaremos e discutiremos os resultados. E, por fim, faremos nossas considerações finais.

2 INTRODUÇÃO

Em 20 de agosto de 1995, na final da Copa São Paulo de Juniores a Sociedade Esportiva Palmeiras “sagrou-se” campeã sobre o São Paulo Futebol Clube. Na ocasião, algo sempre descrito nas páginas dos jornais ou comentado nos telejornais, mas nunca visto a não ser pelos presentes se tornou conspícuo a todos. Findada a partida, torcedores de ambos os times se digladiaram dentro do estádio em frente às câmeras de televisão e dos fotógrafos da imprensa escrita. Munidos de entulhos de uma reforma que ali estavam, agrediram-se com paus e pedras. Uma “guerra campal” tomou conta do estádio onde havia sido realizado o jogo e resultou em um morto e mais de cem feridos (KFOURI,1996; MACHADO, 1996; FOLHA, 2001).

As autoridades acusaram as torcidas organizadas pelo acontecimento e começaram um processo para extingui-las em São Paulo. Muitos diziam que a culpa era dos entulhos e das más condições do estádio que abrigava o jogo. No entanto, essas “batalhas” acontecem em toda a São Paulo durante os dias de “clássicos” – jogos entre os times mais populares do estado. As torcidas organizadas, depois de alguns anos, voltaram a ser aceitas, com algumas limitações, dentro dos estádios, mas permanecem brigando nas ruas. A polícia é hoje mais dura e chega a agredir qualquer grupo grande de torcedores para que, durante os “clássicos”, eles mudem sua rota e não se encontrem com a torcida rival em algum ponto do percurso, na ida ao estádio ou na volta para casa. Os policiais controlam a situação com o cassetete, e até aqueles que não brigam ou nunca brigaram podem ser agredidos (BUFORD 1991, KFOURI,1996, MACHADO, 1996, RETTO 1996).

A violência está na ação da polícia, que, em estado de alerta, já não espera a ação ofensiva e parte antes ao “contra-ataque”. Está no grito da torcida no estádio e nos trajetos de ida e volta.

Juntos, os torcedores gritam aos outros times e às outras torcidas simples ofensas verbais ou chamados diretos à confrontação física. (BUFORD,1991, PIMENTA, 1997; RETTO, 1996). A depredação dos ônibus e de tudo que estiver pela frente é comum em jogos de grande público (PIMENTA, 1997; BUFORD, 1991).

A massa que toma conta das arquibancadas chega a ser bela. O grito uníssono de alegria, que narra involuntariamente o gol, arrepia, enaltece, dá mais beleza à partida, mas de forma antagônica por expressar, na maioria das vezes, uma vivência¹ das relações. A massa, em alguns casos, está alienada de si e responde ao ambiente de forma irrefletida. Uma massa que aparenta ter vida, mas, por ser anômica e cega em sua constituição, engendra a barbárie.

O futebol é inequivocamente o esporte mais popular do mundo hodierno. Segundo alguns autores, um esporte milenar com práticas que já o preconcebiam desde a pré-história.

No Brasil, o futebol já era visto em 1873, quando padres do Colégio São Luís, em Itu, São Paulo, organizaram partidas entre os alunos segundo regras inglesas (ENCICLOPÉDIA MIRADOR, 1989). Porém, considera-se que a introdução oficial do esporte no país foi feita em 1894, por Charles Miller, brasileiro, filho de ingleses, que trouxe as regras e os materiais da Inglaterra na volta de seus estudos em uma universidade inglesa (FRAIRE, 1994). No início jogavam apenas ingleses, posteriormente também brasileiros, mas apenas os mais abastados ou os descendentes de ingleses (GRANDE ENCICLOPÉDIA, 1945; ENCICLOPÉDIA UNIVERSAL, 1958; ENCICLOPÉDIA BRITANNICA, 1993; DUARTE, 2000; DIAS, 1980; RODRIGUES FILHO, 1964; PIMENTA, 1997).

¹ Benjamin (1938) diferencia a experiência da vivência. A primeira seria “real, acumulada, sem intervenção da consciência” e a segunda, “experiência vivida, evento assistido pela consciência ” (BENJAMIN, 1938, p. 146). A experiência seria sedimentada com o tempo, enquanto a vivência estaria no isolamento e no processamento rápido, teria efeito imediato.

Na década de 1920, com a vitória do Brasil sobre o Uruguai no Campeonato Sul-Americano, a democratização do futebol no Brasil se concretizou. Antes restrito, em grande parte, aos de classe social mais elevada, o esporte se popularizou entre as camadas de baixa renda e ganhou ainda mais adeptos na prática e, principalmente, na torcida (ENCICLOPÉDIA MIRADOR, 1989; RODRIGUES FILHO, 1964). Em sua história, o esporte tem sido enaltecido por alguns poetas e intelectuais e repudiado por outros. A torcida também teve seus momentos de glorificação, mas tem sido, na maioria das vezes, depreciada pela mídia². Poucos estudos foram encontrados sobre o torcedor individual, que está sob as malhas do grupo, mesmo quando em casa, assistindo ao jogo pela televisão³.

O torcedor comum não demonstra a paixão como o organizado (torcedor filiado a uma torcida), mas nos estádios, mesmo em lugares separados, cantam juntos as mais variadas canções. Apesar de alguns torcedores comuns evitarem cantar aquelas que se referem diretamente às organizadas ou que exaltam a violência, esses dois grupos pouco se diferenciam quanto à comemoração e às reclamações.

O futebol mostra-se, na literatura a seu respeito – principalmente nas crônicas de Nelson Rodrigues⁴ e nos relatos de Mario Filho –, como reflexo da situação sócio-histórica brasileira. Por algumas vezes vil e violenta, por outras acalentadora e pacífica, a torcida de futebol vem sendo mais vista e apresentada como sinônimo de guerra do que de paz. Esta dissertação tem

² As torcidas organizadas são mais comentadas do que os torcedores comuns (os que não fazem parte daquelas).

³ Freud (1921/1974a), na introdução do texto *Psicologia de grupo e análise do ego*, coloca que o indivíduo, mesmo quando pensado individualmente, demonstra traços significativos de suas relações sociais.

⁴ Para Rodrigues (1994), a personalidade do brasileiro foi moldada em conjunto com o futebol e as ações do brasileiro estão muito imbricadas ao futebol: “Começamos por nós. Quinta feira, o Estádio Mario Filho estava abarrotado. Com algum exagero, diria eu que havia gente pendurada até no lustre. Por conta do jogo, a cidade suspendeu todos os pecados. Ninguém matou, nem roubou nem traiu. Que eu saiba não houve um único escasso assalto. Todas as classes, profissões, ideologias, raças e idades juntaram-se no ex-maracanã.” (RODRIGUES, 1994, p. 148). Esse relato da partida amistosa de Brasil e Inglaterra – vitória do Brasil por 2 a 1 – de 12 de junho de 1969 conta do jogo do Brasil com a então atual campeã da Copa do Mundo. Aqui há um claro exagero, mas também a observação de que o brasileiro pára em dias de jogos da Seleção.

como objeto o torcedor de futebol comum, sua adesão e suas derivações, e tem como objetivos verificar o que leva o indivíduo a torcer, sua relação com os times rivais e os sentimentos envolvidos no ato de torcer. Intenta também verificar se a escolaridade desses torcedores os diferencia nessas atitudes.

As questões históricas e psicológicas, a socialização e a própria cultura serão enfatizadas neste estudo; em nossa perspectiva, frankfurtiana, não há como pensar o indivíduo sem levar em conta esses aspectos que o circundam e o formam.

3 AS FACES DA TORCIDA – ESTUDOS SOBRE O TORCEDOR

“Hoje, o meu personagem da semana é uma das potências do futebol brasileiro. Refiro-me ao torcedor. Parece um pobre-diabo, indefeso e desarmado. Ilusão. Na verdade, a torcida pode salvar ou liquidar um time. É o craque que lida com a bola e a chuta. Mas acreditem: — o torcedor está por trás, dispondo.”

Nelson Rodrigues

O torcedor é parte fundamental do “espetáculo” futebolístico. Apesar de toda a violência, é ele que faz do futebol um evento ainda mais admirável. A emoção e a beleza presentes nesse esporte fascinam milhares por todo o mundo. Escreve Prado (1994): “[...] há poucos prazeres comparáveis ao de pular e gritar com a multidão comemorando um gol que passa a ser de todos, por direito de contigüidade emocional.” (PRADO, 1994, p. 22). São poucos aqueles que no contato com a massa ficam indiferentes. A torcida de futebol parece realmente exercer uma força sobre as pessoas, até os desavisados se prendem em suas tramas. Isso fica explícito nas palavras de Buford (1991), jornalista americano que foi a um jogo na Inglaterra para conhecer o esporte e, principalmente, sua torcida:

Eu não era um torcedor do time de Cambridge; estava ali movido pela curiosidade [...], mas fiquei surpreso comigo mesmo pela intensidade com que acabei sendo envolvido pelo jogo. Em questão de minutos, eu estava vibrando, até mesmo cantando, juntamente com todos os demais – minha voz, num tom ligeiramente alto, soando tão estranha para mim quanto as vozes ao meu redor. Eu me condoía, quando a multidão se condoía e, quando esta se inclinava em determinada direção e todos precisávamos acompanhar seu movimento, instintivamente esticava o braço para os que estavam próximos a mim, agarrando-me a eles, a fim de manter o prumo. [...] Tendo acabado de pisar ali, vindo da rua, eu entrara numa situação de intimidade pouco habitual e, embora eu não tivesse dirigido mais do que poucas palavras às pessoas que me rodeavam – estávamos por demais espremidos, uns contra os outros para manter um diálogo – algo estava sendo comunicado entre nós. Algo, que eu sentia, estava sendo comunicado entre todos que estavam ali: praticamente cada integrante daquela massa de nove mil pessoas estava fortemente prensado contra alguém, mantendo-se, assim como nós, em estreita união, à espera de um gol (BUFORD, 1991, p. 150).

O cronista Rodrigues (1994), ao relatar uma vitória brasileira, fala de um torcedor em “pileque sem ter bebido”, após o transe do jogo e da vitória do Brasil sobre a Espanha por 2 a 0 pela Copa do Mundo de 1962:

[...] Ganhamos. E que fazer agora senão arrancar do nosso peito um gemido solene e fundo, como um mugido cívico? Quando acabou o jogo, quando a vitória uivou, vimos o seguinte: – era esta uma cidade espantosamente bêbada. Cada um de nós foi arremessado do seu equilíbrio chato, foi arrancado do seu juízo medíocre e estéril.

Saímos à rua. Eu disse “cidade bêbada” e já explico: – fomos uma nação em pileque unânime. De pileque sem ter bebido nem água da bica. E é lindo, e gostoso, e sublime quando não há, entre 75 milhões de sujeitos, não há um único sóbrio (RODRIGUES, 1994, p. 86).

Obviamente essa crônica tem mais relação com a inebriação da vitória, mas é essa inebriação que parece auxiliar uma certa sugestão da massa que fica em transe em frente ao jogo. Por outro lado, Buford (1991) conheceu o futebol de maneira quase direta; por ser americano, vindo de um país sem tradição nesse esporte, não teve mediação ou imposição da cultura como têm os brasileiros, mas mesmo assim suas emoções são impressionantes e dão uma noção da força inebriante do futebol:

À medida que o jogo avançava, descobri que estava nascendo em mim o anseio por um gol. Enquanto esperanças e frustrações desse gol continuavam sendo expressas através dos corpos das pessoas pensadas contra mim, fui tomado por um sentimento semelhante a um apetite, progressivamente intenso, de ansiedade, esperando, aspirando, desejando que um daqueles chutes conseguisse ultrapassar o goleiro do Millwall. O ato de assistir a partida começara a excluir outros pensamentos. Ele foi envolvendo tantos aspectos de minha pessoa – o que eu vi, cheirava, dizia, cantava, murmurava, tudo aquilo que eu sentia de ponta a ponta do meu corpo – que estava me tornando alguém diferente daquele que ingressara no estádio: eu estava deixando de ser eu. Não houve um momento determinado em que tivesse que perceber a mim mesmo; houve apenas a percepção de que, por certo período de tempo, eu deixara de ser. O jogo conseguiria dominar meus sentidos e me transportara, a mim que jamais dera a mínima importância ao destino do Cambridge, a um estado emocional bastante exaltado (BUFORD, 1991, p. 154).

O autor não tinha ainda a experiência do estádio de futebol, mas foi em meio à massa da torcida de um time qualquer que ele se exaltou. Posteriormente, foi ao jogo para analisá-lo para seu trabalho sobre os *hooligans*, no entanto, em meio aos torcedores, ele não esteve imune à emoção do gol. Na continuação do episódio, narra:

E então, depois do silêncio, a explosão. Havia lugar e espaço a meu redor e a multidão, explodindo, dilatando-se, erguia-se alguns centímetros acima do chão. Um estranho, que momentos antes parecera ameaçador e agressivo, agarrou-me ambas as mãos. Outro me abraçou. Virei-me e fui beijado no rosto. Fui abraçado novamente. Todos estavam em movimento, quando, subitamente, o movimento extrapolou meu entendimento e eu estava tropeçando para a frente, todos estavam tropeçando para a frente, despencando pelos degraus da arquibancada. Rolei por vários degraus – cinco, seis – e quando olhei para cima não havia ninguém em pé. Todos tinham caído e, apesar disso, a comemoração prosseguia. As pessoas se levantaram apoiando-se nos joelhos e estavam aos berros. Sempre eufóricas, algumas rolavam de um lado para outro, dando chute no ar, gritando de alegria como se estivessem sofrendo convulsão (BUFORD, 1991, p. 157).

Com o gol, Buford foi abraçado e beijado por desconhecidos. A torcida unida transformara-se em uma única entidade, unida pelo amor ao time. Porém, logo após a partida, com o arrefecimento dos ânimos há um certo enfraquecimento dessa união:

Caminhei de volta até meu carro. Havia estacionado em local proibido, junto a um posto de gasolina na Newmarket Road e, ao chegar ali, descobri que, por uma surpreendente coincidência, o carro estacionado ao lado do meu, também incorrendo infração, pertencia exatamente ao homem que estivera ao meu lado no estádio – aquele com o rosto vincado e forte cheiro de cigarro americano. Cumprimentamo-nos de forma cordial, mas envolvendo o mínimo possível de gesticulação física. Creio que ergui uma sobrancelha esquerda ligeiramente. Creio que ele talvez tenha abaixado o queixo, simplesmente. E assim estava correto: uma conversa então – mesmo um simples cumprimento – estaria completamente fora de lugar (BUFORD, 1991, p. 160).

Toda aquela arrebatção, aquele envolvimento, os beijos e os abraços pertenciam à massa; fora dela, a frieza se restabelecia. Essa sensação de fazer parte, de atuar, aparece também em uma

crônica de Rodrigues (1994) que narra a conquista do bicampeonato brasileiro na Copa do Mundo de 1958:

[...] Ao soar o apito final, cada brasileiro presente sentiu-se fisicamente implicado no triunfo. Aliás, o bi foi um êxito pessoal de 75 milhões de sujeitos. Todos nós “ganhamos”, todos nós “chutamos”. E depois do match, cada um de nós tinha as canelas materialmente esfoladas (RODRIGUES, 1994, p. 96).

Além do prazer de fazer parte, o torcedor deve cumprir o papel de apoiar o time sempre e acompanhá-lo como puder em todos jogos; os torcedores cobram isso entre si e para si mesmos (SANTOS, 2004; PIMENTA, 1997).

3.1 BREVE HISTÓRICO DA TORCIDA COMUM DE FUTEBOL NO BRASIL

É longa a história da torcida do futebol brasileiro. Segundo Rodrigues Filho (1964), ela se iniciou em 1900, quando da implementação do esporte no país. À época, não tinha muita popularidade, mas foi crescendo ao longo dos anos. A história que ele narra é do futebol do Rio de Janeiro, principalmente. Conta que os torcedores, os juizes e as mulheres iam ao jogo muito bem vestidos⁵: eles de paletó e elas com trajes sociais da época. Alguns torcedores traziam uma fitinha⁶ com as cores do clube amarrada na lapela do chapéu de palha, e isso diferenciava pobres e ricos, já que a tal fitinha era importada e inacessível à maioria da população. O início do futebol brasileiro era marcado pelo ferrenho elitismo; era um esporte para ricos, jogado e visto apenas pela classe alta. As mulheres estavam sempre presentes aos jogos. “O trilar do apito confundia-se

⁵ Isso principalmente em Laranjeiras, sede do Fluminense.

⁶ A fitinha era muito desejada, segundo Rodrigues Filho (1964). Aqueles que não a tinham se sentiam humilhados. Ela precisava ser encomendada e muitas vezes demorava a chegar.

com os gritinhos das moças. Parecia que uma moça tinha dado um gritinho maior” (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 24). Nas palavras de Rodrigues (1994):

Naquele tempo tudo era diferente (1911). Por exemplo – a torcida tinha uma ênfase, uma grandiloquência de ópera. E acontecia esta coisa sublime – quando havia um gol, as mulheres rolavam em ataques. Eis o que empobrece liricamente o futebol atual: – a inexistência do histerismo feminino. Difícil, muito difícil, achar-se uma torcida histórica. Por sua vez os homens torciam como espanhóis de anedota.[...] (RODRIGUES, 1994, p. 9).

A torcida feminina era numerosa e exaltada, algumas do Botafogo chegavam a se empenhar bastante pelo clube: por volta de 1911, costuravam bandeiras e rezavam pelo escrete (RODRIGUES FILHO, 1964).

Por volta de 1910, o torcedor e o jogador pareciam ser mais civilizados. Eram, em grande maioria, os ingleses que imigraram para o Brasil e seus descendentes, os quais passavam parte da vida estudando na Inglaterra e voltavam ao Brasil. O brasileiro⁷ que tinha condições financeiras para praticar um esporte dedicava-se ao remo, o mais popular da época (RODRIGUES FILHO, 1964).

Até a moda de comemorar um jogo, segundo Rodrigues Filho (1964), não era tão brasileira. Segundo ela, “os vencedores confraternizavam com os perdedores”:

A idéia partia dos vencedores, os vencidos ainda tontos, sem cabeça para pensar em nada, muito menos em comemoração. Comemoração da derrota? Era feio recusar, os vencidos tinham de se mostrar à altura dos vencedores, comendo como eles, bebendo como eles, cantando como eles. E, principalmente, pagando como eles (RODRIGUES FILHO, 1964, p.11).

Mas logo (na mesma década) o brasileiro criaria a sua maneira de comemorar a vitória, além de alterar o estilo de jogo, mais solto e mais brincalhão do que o dos ingleses. Do jantar

“nivelador” de confraternização, surgiu do brasileiro algo bem díspar – o gozo –, mas não tão grave como jogar pó-de-arroz na cara do torcedor do Fluminense⁸, como se fazia:

O Gozo era outra coisa. Uma espécie de trote de carnaval. Como o trote de carnaval entre conhecidos, era preciso ter intimidade para gozar alguém.

Às vezes, os moleques ficavam esperando o time que perdia, lá fora, para gritar “está de cabeça inchada”⁹ e sair correndo. Para amarrar latas velhas atrás dos automóveis de capota arriada, alugados para trazer e levar os jogadores.

Os jogadores vinham, tomavam os carros, quando os carros partiam, o barulho de latas velhas era uma espécie de gargalhada. A gargalhada dos moleques.

Contra o gozo dos moleques havia o recurso de sair atrás deles, de pular do carro. Não havia recurso nenhum contra o gozo dos colegas, dos conhecidos, dos companheiros. Muita gente deixava de ir ao estudo, ao trabalho, trancando-se, ficando doente de repente, a cabeça inchada (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 47).

Enfim, o modo de comemoração havia mudado e Rodrigues Filho expressa bem

isso:

Está claro que o gozo tinha de acabar com aquele hábito nada brasileiro, do jantar de comemoração a dois. O vencedor convidando o vencido, confraternizando no restaurante. Comendo, bebendo, cantando juntos.

A vitória e a derrota não uniam mais. Separavam. Jogando cada um para o seu canto, para o seu clube. Na alegria, na tristeza. Os jantares de comemoração continuavam. Para os vencedores somente. Os vencedores comiam, bebiam e cantavam sozinhos.

O gozo maior, mais requintado, era quando o jantar tinha sido encomendado pelo outro clube. O outro clube, certo da vitória, não querendo esperar que o jogo acabasse, encomendando o jantar antes. Como aconteceu com o Fluminense¹⁰ uma vez. A mesa do restaurante Roma, na Rua da Assembléia, toda enfeitada, esperando por ele. Quem apareceu foi o América (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 51).

⁷ Carioca, já que a obra fala da sociedade carioca.

⁸ O Fluminense tinha o apelido de pó-de-arroz porque, por volta de 1910, o jogador Carlos Alberto pôs pó-de-arroz, diz-se que por própria opção, para esconder sua cor negra, já que o Fluminense, dentre outros times, não permitiam negros em seu escrete. Os torcedores rivais notaram e o apelido vingou (RODRIGUES FILHO, 1964), e até hoje muitos times tricolores como o Fluminense são chamados de pó-de-arroz. Na época aqui relatada os torcedores fluminenses se irritavam muito com isso.

⁹ O termo “cabeça inchada” se refere ao torcedor que perdeu um jogo e está tonto ou com dor de cabeça pela sensação de perder (RODRIGUES FILHO, 1964).

¹⁰ O Fluminense vencia por três a zero, encomendou o jantar e perdeu por cinco a três em 30 de outubro de 1915 (RODRIGUES FILHO 1964).

Outra maneira de gozo era o “enterro” de um jogador proeminente do clube derrotado. Montava-se o caixão, colocava-se nele o nome do jogador e era feita a “procissão”. Em 1927, um jogador chamado Pena Forte desprezou o Clube de Regatas Flamengo e foi jogar no América, por ser muito melhor financeiramente, e ninguém no Flamengo o perdoava. Só que, naquele ano, o Flamengo se tornou campeão carioca em uma final contra o América e, assim, foi feito o enterro de Pena Forte, organizado por Silvio Pessoa. Um torcedor fanático do América se pôs em frente ao carro fúnebre para impedir a procissão e foi atropelado (RODRIGUES FILHO, 1964).

Mas a violência do futebol brasileiro não começa nesse atropelamento. Já em meados da década de 1910, motoristas do time do Andaraí, que ficavam na Praça Sete, se tornaram capangas e cometeram as maiores atrocidades. Chegaram a seqüestrar jogadores, andavam armados com revólveres e canivetes. Sentiam-se importantes para o time pelos seqüestros e outros feitos. Esses motoristas eram torcedores fanáticos, pagavam café aos jogadores, faziam tudo por eles (RODRIGUES FILHO, 1964). Não eram torcedores organizados, mas se assemelhavam em parte aos *hooligans* ingleses.

Outro fato violento envolvendo torcedores comuns ocorreu, de acordo com Rodrigues Filho (1964), em um jogo entre Vasco e Flamengo por volta de 1919. Nessa época o racismo era muito intenso no futebol brasileiro, e em todo o Brasil¹¹, e só o Vasco da Gama tinha uma

¹¹ O preconceito contra o negro fez com que muitos deles fossem impedidos de jogar futebol e por vezes humilhados e agredidos nos jogos. Hoje esse preconceito ainda persiste. Em abril de 2005, um jogador Argentino, Desábato, foi acusado de racismo pelo jogador Grafite em jogo válido pela Taça Libertadores da América, chegando a ser preso. As câmeras de televisão registraram o momento da ofensa (UOL, 2005) No início de março de 2006, Antonio Carlos, então jogador do Juventude, foi acusado de proferir ofensas raciais a Jeovânio, do Grêmio, durante jogo pelo campeonato gaúcho. Nesse caso, imagens da televisão também comprovaram a ofensa (FOLHA, 2006a).

Na Europa o caso parece ser mais grave; um deles ocorreu com Eto’o, jogador camaronês que jogava pelo Barcelona da Espanha. Em jogo válido pelo campeonato espanhol de 2006 entre Barcelona e Real Zaragoza, a todo toque na bola do camaronês os torcedores do time rival começavam a fazer sons semelhantes aos de macacos. Eto’o chegou a ameaçar deixar o campo se os barulhos não cessassem, e todos os jogadores do Barcelona o apoiaram (UOL, 2006a). Buford relata um acontecimento semelhante passado em um jogo na Inglaterra: “A primeira vez que escutei o grunhido do macaco – o som animalesco emitido pelos torcedores quando um jogador negro está com a bola – pareceu-me tão estranho que não consegui identificar o que era aquilo. Tratava-se de um ronco grave e profundo, e tive dificuldade em localizar sua proveniência: das profundezas do solo, talvez? O fato de que tal ruído pudesse estar

quantidade razoável de negros no time, razão pela qual era o time mais odiado de todos. Era considerado um time de pequeno porte, mas vinha ganhando todos os jogos que disputava; se começava perdendo, logo virava. O jogo entre Flamengo e Vasco se deu com os torcedores do Clube de Regatas Flamengo com seus remos a postos para bater: “Os remadores segurando as pás de remo, ainda se contendo, a ordem era só meter pá de remo na cabeça de portugueses¹² depois que o jogo começasse”:

E era o time da mistura¹³ que estava na frente do campeonato, sem uma derrota. Tinha de perder, pelo menos uma vez, de qualquer maneira. O Flamengo não se preparara durante a semana para outra coisa. Treinando todo o dia, dormindo cedo, pondo a garage em pé de guerra.

Também quando o jogo começou o Flamengo tomou conta do campo, da arquibancada, da geral, de tudo. Flamengo um a zero, pás de remo embrulhadas em Jornal do Brasil batendo nas cabeças dos vascaínos, Flamengo dois a zero, e novamente as pás de remo subindo e descendo. Quem era do Vasco não tinha direito de abrir a boca (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 125-126).

Todas as torcidas estavam felizes com o placar, pois ele representava uma certa hegemonia branca:

O Flamengo deixara de ser um clube, um time, era todos os clubes, todos os times, o futebol brasileiro branquinho, de boa família. Tudo entrava nos eixos novamente. Os melhores jogadores continuavam a ser brancos, a prova estava naqueles dois a zero, os pretos não tinham nem dado para a saída (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 126).

vindo do chão pareceu-me assustador. Pensei: é um terremoto, no mínimo, porque era o único som – aquela percussão profunda e baixa – com o qual era concebível uma comparação. [...] Um jogador negro tocou a bola e começou o grunhido: uggh, uggh, uggh, uggh, uggh. [...] O grunhido provinha não de alguns torcedores, mas, parecia, de todos ocupantes das arquibancadas – velhos, jovens, pais, famílias inteiras. Onde quer que olhássemos, podíamos ver as caretas de homens grunhindo, exibindo as mandíbulas em suas toscas imitações de macacos. [...] até que finalmente o jogador negro passou a bola e o grunhido cessou. Depois outro jogador negro tomou a bola e o grunhido recomeçou.” (BUFORD, 1991, p. 126-127).

¹² A torcida do Vasco da Gama era composta principalmente por portugueses, que fundaram o clube.

¹³ Por ter brancos, negros e mulatos, algo que incomodava os outros clubes.

No intervalo do jogo, os flamenguistas cantavam e regozijavam-se, esperavam mais gols: um, dois, três, enquanto os vascaínos esperavam a virada e a vitória de sempre, que nunca faltava:

Parecia que não ia faltar, foi começar o segundo tempo, gol do Vasco. E os vascaínos sem poder gritar gol. Um gritozinho, uma pá de remo na cabeça. Só se gritava Flamengo, o Flamengo acabou marcando mais um gol (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 126).

O jogo chegou a ficar três a dois para o Flamengo e um gol suspeito não foi validado para o Vasco:

Aí os Vascaínos da geral, da arquibancada, não quiseram saber de mais nada, de pá de remo na cabeça, fosse o que fosse. Sururus explodiam, aqui e ali, como pipocas. Soldados corriam de sabre desembainhando, de um lado para outro, a cavalaria invadiu o campo. Não adiantava brigar, o Flamengo tinha de vencer custasse o que custasse.

Depois do jogo dava pena olhar para o campo do Fluminense. O povo tinha quebrado as grades de ferro, a cavalaria tinha esburacado o gramado todo (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 126-127)¹⁴.

O Vasco também fez suas represálias: “[...] a sede do Flamengo apareceu pichada, de cima para baixo. Coisa de torcedores exaltados. Qual era o clube que não tinha torcedores exaltados?” (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 128). Mas os anseios da vitória sobre o negro não foram cumpridos:

[...] A vitória do Flamengo deu a noção de que tudo ia voltar a ser o que era dantes, os times de brancos levantando campeonatos, os time de pretos perdendo sempre.

A ilusão durou pouco, os clubes finos de sociedade, como se dizia, estavam diante de um fato consumado, não se ganhava campeonato só com times de brancos. Um time de brancos, mulatos e pretos era o campeão da cidade. Contra esse time os times de brancos não tinham podido fazer nada.

¹⁴ Quem refletir sobre esse episódio pode fazer um paralelo com o ocorrido entre as torcidas de São Paulo e Palmeiras em 1996, citado na introdução. No entanto, no relato de Rodrigues Filho (1964) apresenta-se algo semelhante a uma luta de classes; assim, por meio da história do futebol, visualizam-se dois traços históricos da sociedade brasileira do início do século XX: o racismo e o elitismo.

Desapareceu a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, de ser branco. O rapaz de boa família. O estudante, o branco, tinha de competir, em igualdade de condições, com o pé rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto, para ver quem jogava melhor.

Era uma verdadeira revolução que se operava no futebol brasileiro. Restava saber qual era a reação dos grandes clubes (RODRIGUES FILHO, 1964 p. 128).

A torcida do Bangu Futebol Clube – um time do subúrbio do Rio de Janeiro, o primeiro a aceitar negros no seu escrete – já no fim da década de 1910 cometia inúmeros atos violentos. Invadia o campo, cercavam o barracão, onde os jogadores se trocavam:

Quando o Bangu vencia, muito bem, não havia nada, o trem podia voltar sem vidraças partidas. Quando o Bangu perdia, porém, a coisa mudava de figura. Os jogadores trancavam-se no barracão, o vestiário da época, não queriam sair com a polícia, os torcedores corriam para esconder-se no trem, deitando-se nos bancos compridos de madeira, enquanto as pedras fuzilavam, partindo vidros, quebrando cabeças (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 20).

O início da história da torcida de futebol no Brasil é, então, marcado por inúmeros atos de violência e paixão, e acompanha as discrepâncias e as mentalidades das épocas. Partindo dessa premissa, devemos pensar que esse esporte e sua torcida não podem ser vistos aqui separados da história da sociedade brasileira.

O torcedor comum atual acompanha o momento social do Brasil e, em alguns casos, pode ser fanático, quando comparece ao estádio em quase todos os jogos, viaja com o time nos jogos fora de casa, intera-se todos os dias sobre os acontecimentos do time por meio dos veículos de comunicação – enfim, quando deixa que o time tome conta do seu cotidiano por completo – ou quando simplesmente se exalta em discussões acaloradas e hostis entre amigos e mostra-se bastante irritado e decepcionado com os reveses de seu time, chegando a se tornar agressivo ou demonstrando intenso sofrimento.

3.1.2. CONCEPÇÃO HISTÓRICA DA ALIENAÇÃO DA TORCIDA COMUM

“Os chamados fenômenos da alienação baseiam-se na estrutura social. O defeito mais grave com que nos defrontamos atualmente consiste em que os homens não são mais aptos à experiência, mas interpõem entre si mesmos e aquilo a ser experimentado aquela camada estereotipada a que é preciso se opor.”

Theodor W. Adorno

Da Matta, um estudioso do futebol, o defende, tratando-o como arte – “[...] o esporte – como arte – é uma atividade que possui uma clara auto-referência, não estando a serviço direto ou explícito dos valores que constituem o mundo diário do trabalho, do dinheiro e do controle.” (DA MATTA, 1994, p. 13) – e expondo a ambivalência do esporte, argumenta a favor do seu lado artístico e desprovido de utilitarismo, bem como relata seus defeitos provocados, por estar inserido nesta sociedade:

Voltadas antes de tudo para si mesmas, esporte e arte são esferas da vida que negam o utilitarismo dominante e, por isso mesmo, promovem um efeito de pausa, feriado, ou descontinuidade com a sofreguidão exigida pela lógica do lucro, do trabalho e do êxito a todo custo (DA MATTA, 1994, p. 13).

Da Matta, em seu discurso sobre o esporte, vai da arte à alienação e destaca o futebol, pois é o único que tem essa característica de espetáculo de massas no Brasil. Em certos pontos temos de discordar, pois o esporte não cumpre o papel burguês que o autor lhe confere: defende que o esporte trivializa derrota e vitória, quando na verdade deprecia a primeira e enaltece a última, sendo esta a principal busca de quem o pratica ou a ele assiste. Estando nessa sociedade e sendo parte da indústria cultural, tem, sim, sua utilidade, seu caráter utilitário. Entre outras características utilitárias estão: servir de descanso ao trabalhador para que ele tenha mais

condições para o trabalho; distrair o indivíduo de seus problemas cotidianos direcionando o foco de suas angústias para o jogo; dar a ele a ilusão da vitória e a identificação com o vencedor em uma sociedade que o massacra.

Para Da Matta, o futebol tem uma força integrativa, que proporciona:

ao povo pobre e destituído a experiência da vitória e do êxito [...]. Essa vitória que a massa, perpetuamente iludida por governantes desonestos, efetivamente desconhece no campo da educação, da saúde e, acima de tudo, da política. [...] Finalmente, o futebol proporciona à sociedade brasileira a experiência da igualdade e da justiça social. Pois, produzindo um espetáculo complexo, mas governado por regras simples que todos conhecem, o futebol reafirma simbolicamente que o melhor, o mais capaz e o que tem mais mérito pode efetivamente vencer. Que a aliança entre talento e desempenho pode conduzir à vitória incontestada. E, melhor que tudo, que as regras valem para todos. Para os times campeões e para os times comuns, para ricos e pobres, para negros e brancos, e para os sãos e os doentes (DA MATTÁ, 1994, p. 17).

Todos esses elogios, que chama de “dramatizações do futebol” (DA MATTÁ, 1994, p. 16), insurgem como uma certa apologia a esse esporte, mas se pode notar que eles já trazem à tona a alienação presente no futebol, que acaba por camuflar todo mal que há:

[...] Devemos incorrer em erro aceitando o futebol como um espaço democrático? Confunde-se democracia com a massificação do jogo de futebol que o torna um esporte popular. Contudo, sabe-se que este falso espaço democrático imprime-se, no que se refere às suas relações entre participante/torcedor, à competição, à individualização, ao mercado e *"reproduz-se a força de trabalho, alienando o proletário"* (Ramos, 1984: 111). [...] o consentimento às regras e objetivos do jogo atestam o surgimento do conflito de natureza ilusória, face à acomodação e à conformidade da derrota, porque essas características fazem parte não só do jogo da vida, mas também do esporte moderno (PIMENTA, 1997, p. 44, grifo do autor).

E em uma crítica ao apologista Da Matta, Pimenta (1997) fala daquilo que há de embuste no futebol, dessa falsa experiência de vitória, justiça e equidade entre os times que apenas contribui para mais alienação.

Pimenta coloca bem a transformação histórica do futebol, que já teve sua veia democrática, mas que hoje se vê sedada e presa às entranhas da indústria cultural. O autor ainda fala dessa

alienação própria do futebol brasileiro e que está presente de outras maneiras em diversos lugares do mundo:

"A Taça do Mundo é nossa, com brasileiro não há quem possa". Daí para a frente, o Brasil – numa visão simplista da política repressiva e social – andou para trás. Somos os melhores na arte do futebol e nos orgulhamos desta façanha, mas também somos executados sumariamente sem o devido procedimento judiciário; somos analfabetos, doentes, marginalizados, abandonados, prostituídos e, todavia, não atentamos para este quadro. O futebol participa – dentre vários outros instrumentos existentes nas relações sociais – do processo de fortalecimento do domínio de poucos sobre muitos. [...] Há, contudo, através do jogo de bola, o fornecimento de um falso espaço de liberdade e de igualdade dispersas do real, e os espectadores, tomados de um frenesi, se calam diante da dor, da fome, do analfabetismo e da opressão (PIMENTA, 1997, p. 52)¹⁵.

Enquanto o futebol permanecer como um elemento alienante, usurpado pelos poderosos, ele terá de ser visto – e será refletido, sobretudo – como tal. Mas é importante que não nos esqueçamos do prazer, da arte, enfim, de todas as qualidades que lhe são inerentes.

A transformação do futebol em um instrumento de poder no Brasil não tem datação certa, mas Sevcenko (1994) e Pimenta (1997) afirmam que iniciou com o presidente Washington Luís, que se dizia “o governador desportista”. Em nota de rodapé, Pimenta faz um cronograma dos presidentes que se aproveitaram do futebol¹⁶:

¹⁵ Comentando um jogo entre Brasil e Espanha de 1963, Rodrigues chega a colocar: “Amigos, era ali ou nunca. Setenta e cinco milhões de brasileiros precisavam mais do gol do que todo o Nordeste de água e pão.” (RODRIGUES, 1994, p. 87.)

¹⁶ Horkheimer e Adorno (1956) comentam sobre esse tipo de “aproveitamento”: “Ouve-se freqüentemente afirmar que os modernos recursos de comunicação de massa, como o cinema, o rádio e a televisão, oferecem a quem disponha deles a garantia de dominar as massas, graças à manipulação desses meios técnicos. Mas os veículos de comunicação, só por si, não constituem o perigo social. O seu conformismo não faz mais do que reproduzir ou ampliar as predisposições para uma submissão ideológica, a qual encontra o seu objeto na ideologia apresentada pela comunicação de massa às vítimas, conscientes ou inconscientes. A constelação formada por estes três elementos — predisposição, estímulo e reação — foi assinalada por pesquisas sociológicas recentes sobre a comunicação de massa, utilizando os instrumentos de análise da psicologia de profundidade. Cf. Leo Lowenthal e Norbert Guterman: “Prophets of Deceit. A Study of the Techniques of the American Agitator”, Volume V de studies in Prejudice, Nova Iorque, 1949): ‘... foi observado como o demagogo atua na base de predisposições psíquicas, utilizando recursos psicológicos; mas essas predisposições, tal como as finalidades que a obra do demagogo pretende alcançar, estão socialmente condicionadas.’ (Traduzido de Lowenthal e Guterman, op. cit., pág. xi.)” (HORKHEIMER.; ADORNO, 1956, p. 87).

A partir da popularização do futebol, diversos governantes perceberam a importância desse esporte no imaginário do homem brasileiro. Washington Luís (década de 20), Getúlio Vargas (décadas de 30 e 40)¹⁷, Juscelino Kubitschek (década de 50), Emílio Garrastazu Médici (década de 70)¹⁸, enfim, o esporte do "balão de couro" deveria ser alimentado e utilizado de acordo com os interesses de cada governo. Entretanto, é na ditadura militar que o controle das massas, via futebol, visualizou-se com maior clareza (PIMENTA, 1997, p. 61).

E é justamente pela força que o futebol empreende na massa que isso ocorre, chegando até a âmbitos mais elevados da sociedade,. Baseado em Witter (1990 apud PIMENTA, 1997), Pimenta relata que a Federal International Football Association (Fifa), órgão máximo do futebol mundial, tem mais países filiados do que a Organização das Nações Unidas (ONU). A força do esporte está em quase todo o mundo, em quase todo lugar. Em nota de rodapé, Bastidas escreve:

A propósito da questão da disciplina e da transgressão, a revista *Placar* (1996, n. 827) publicou uma reportagem que mostra como o futebol praticado no presídio do Carandiru (São Paulo) – local que à primeira vista poderia ser considerado como palco de inúmeras transgressões – é extremamente organizado. Curiosamente, os presidiários denominaram a entidade que dirige os campeonatos internos de “F.I.F.A.” (BASTIDAS, 2002, p. 116).

Os presidiários do extinto Carandiru viam, dessa forma, uma maneira para se alienar da própria condição de enclausurados, marginalizados, e faziam bom proveito dela. Aparentemente incontroláveis, o esporte parecia moderá-los, ou amortizá-los. Isso segundo a revista *Placar*, dedicada à apologia do futebol.

Alguns jogadores tentaram usar essa força para irromper contra a alienação, mas tiveram pouco êxito. Um deles foi Afonsinho, que jogava no Botafogo do Rio de Janeiro e foi perseguido durante a ditadura militar. Apesar de bom jogador, não representava o Brasil em copas. Quanto aos

¹⁷ Lopes discorre um pouco sobre o que ocorria na era Getúlio: “[...] As maiores intervenções públicas de Vargas dirigidas aos trabalhadores, aproveitando a popularidade adquirida pelo futebol nos anos 30, aconteceram no estádio de São Januário, do Vasco da Gama, o maior estádio do Rio antes da construção do Maracanã em 1950. É ali que a adoção do salário mínimo é anunciada em 1940, ou a criação das leis do trabalho em 1943. O futebol aparece assim como o pano de fundo de um ritual de encenação protocolar das relações entre o poder e o povo.” (LOPES, 1994, p. 77).

¹⁸ Pimenta fala da era militar: “A conquista do tri-campeonato mundial contribuiu para melhorar a imagem do regime militar autoritário e camuflar as atrocidades repressivas cometidas naqueles tempos.” (PIMENTA, 1997, p. 49)

líderes de Estado, em sua maioria fizeram uso do futebol para a manipulação, ainda mais os regimes fascistas, não só aqui, mas em outras partes do mundo. Sobre os aspectos políticos, Costa (1999 apud BASTIDAS, 2002) comenta o uso que “Hitler e Mussolini fizeram do futebol, como uma tentativa de ‘provar’ uma suposta superioridade entre as raças e defender seus planos expansionistas” (COSTAS, 1999 apud BASTIDAS, 2002, p. 18).

Segundo Buford (1991), Mussolini mantinha contato com Le Bon, um dos criadores da teoria das massas, base para *Psicologia de grupo e análise do ego* (FREUD, 1921/1974a). E o partido de extrema direita alemão, o National Front, reconhece o potencial do futebol e as técnicas de manipulação das massas.

A alienação suscitada pelo futebol tem diversas características, mas Da Matta, com razão, defende que não é o futebol que aliena, mas sim os poderosos que se utilizam dele. Porém, pensando na frase de Hitler “a psique das massas não reage diante de alguma coisa fraca nem de meias medidas”, observamos que o futebol também carrega esse forte potencial alienante, que em mãos erradas terá veemente êxito para esse fim.

3.2. TORCIDA: VIOLÊNCIA, ALIENAÇÃO E INDÚSTRIA CULTURAL

3.2.1 TORCIDA ORGANIZADA: ADESÃO E VIOLÊNCIA

3.2.1.1 A adesão

“‘Um bobo faz muitos outros’ – a solidão abissal da loucura tem uma tendência à coletivização, que conjura a alucinação à vida. Esse mecanismo pático harmoniza com o mecanismo social determinante nos dias de hoje, que faz com que as pessoas socializadas para o isolamento desesperador fiquem ávidas de companhia e se ajuntem

em frias multidões. É assim que a tolice se torna epidêmica: as seitas insanas crescem no mesmo ritmo que as grandes organizações. É o ritmo da destruição total.”

Theodor W. Adorno

Antes do advento das torcidas organizadas, as torcidas eram chamadas de uniformizadas, como a Charanga do Flamengo, criada em 1942. A primeira torcida desse tipo criada foi a do São Paulo, fundada em 1940 por Porfírio da Paz: a Torcida Uniformizada do São Paulo (Tusp). Muitas vieram depois, mas essas torcidas se dedicavam unicamente a torcer e a organizar uma torcida mais alegre, mais ruidosa e numerosa (RODRIGUES FILHO, 1964; PIMENTA, 1997; SANTOS, 2004).

Nas torcidas organizadas temos, segundo Pimenta (1997, 2004), uma estrutura típica do exército com um espaço institucionalizado (com firma reconhecida em cartório), hierarquia, controle, disciplina, regras de conduta e relações burocráticas. Difere, no entanto, por haver eleições bi-anuais e pagamento de mensalidade feito pelos sócios. Encontra-se na mesma base de relações estabelecidas de nossa sociedade, mas nas quais o jovem se sente acolhido, ouvido e respeitado, mesmo que transgrida a ordem social estabelecida (PIMENTA, 1997, 2004). De acordo com esse autor, há também, e principalmente, uma busca por auto-afirmação dos integrantes da torcida por meio da imponência e da agressividade. Segundo ele, depois da grande repercussão da mídia dada à violência das organizadas, o número de integrantes destas cresceu assustadoramente em cerca de dez anos – por exemplo, a Gaviões da Fiel passou de 12 mil para 46 mil Associados (PIMENTA, 1997, 2004).

Nós pensamos que o time é ainda a primeira razão para que esses torcedores se afiliem às torcidas e que a violência só deixou as torcidas organizadas mais visíveis àqueles que queriam companhia para torcer.

Pensando em outros autores que discutem a torcida organizada, Santos acompanhou as torcidas Mancha Verde e Gaviões da Fiel e concluiu:

A maioria dos jovens que fazem parte das organizadas é composta por jovens adultos e adolescentes que moram na periferia de São Paulo. São inúmeros os motivos que fazem os torcedores se associarem às organizadas. Alguns me disseram que era porque "tocavam instrumentos e adoravam participar das festas que elas faziam nos estádios"; outros salientaram que "se sentiam mais torcedores do que aqueles que não são sócios das organizadas"; algumas moças falaram que "entraram na organizada porque os rapazes não mexem com elas, tampouco deixam que outros torcedores as desrespeitem nos estádios"; grande parte me falou da amizade e do acolhimento que eles encontram. Em suma, pelo que pude perceber, a grande maioria, se reúne nessas torcidas para fazer amigos e se sentir parte da sociedade (SANTOS, 2004, p. 93).

Santos (2004) salienta a questão de as torcidas organizadas serem um espaço para os excluídos; Pimenta (1997) também chega, por vezes, a expressar a mesma conclusão. Podemos pensar na fala de Douglas Deúngaro, então dirigente da Torcida Organizada do Corinthians, Gaviões da Fiel:

Hoje os jovens, infelizmente, até o social que a gente tem aqui, são pessoas mais de periferia. A gente não tem culpa, o único lugar que eles têm é a Gaviões. Hoje, os jovens não têm perspectiva de vida nenhuma. O que tem na periferia é pai maltratando a mãe, maltratando ele; então, não têm perspectiva de vida. A gente, um pouco, tenta reeducá-lo, aqui ele não é discriminado. Ele faz parte da família, independente da classe que ele está. Então, isso é que é bonito nos Gaviões. (SANTOS, 2004, p. 94).

Segundo Santos (2004), a torcida Gaviões da Fiel aceita qualquer um em seus ônibus na ida ao estádio, mesmo que não seja sócio. Paulo Serdan, presidente da torcida organizada do Palmeiras Mancha Verde fala:

[...] essa juventude de hoje em dia não tem alguma coisa para se espelhar e se inspirar. [...] eles não têm no que se apoiar. [...] Qual o único seguimento hoje em dia que expõe suas vontades e seus desejos, mesmo que seja em relação ao futebol? É a torcida organizada (PIMENTA, 1997, p. 138).

Observando-se as duas falas, percebe-se que elas convergem, nesse ponto, quanto às torcidas organizadas serem um lugar acolhedor para esses jovens, um local de “inclusão” aos excluídos, aos que não têm apoio da sociedade. Pimenta (1997) comenta que muitos defendem que a ausência do Estado, enquanto mentor das políticas públicas e sociais, faz com que esses jovens tentem se impor de alguma forma, unindo-se a esses grupos.

A torcida é um símbolo a mais para os torcedores, que têm pela organizada uma paixão semelhante à que têm pelo time. Usam camisas e bonés da torcida, temem mais perder a camisa em confrontos do que a própria briga. Trazendo esses símbolos, denotam a diferença entre eles e os outros torcedores (SANTOS, 2004).

No entanto, aquilo que mais fica à mostra como uma característica das torcidas organizadas é a violência que cometem. Segundo o promotor que mais combateu as torcidas organizadas em São Paulo, Capez:

Estudos da Polícia Militar apontam as principais formas de violência praticadas por estas organizações, dentro e fora dos estádios:

- a) conflitos generalizados entre grupos de torcedores rivais, em calçadas e vias públicas;
- b) depredações de veículos de transportes públicos;
- c) ofensas ou ataques a cidadãos pacatos e sem qualquer vinculação com futebol;
- d) porte de armas e artefatos explosivos.

Não são raros os casos de pessoas assassinadas, apenas por estarem circulando com a camisa de algum time (CAPEZ, 1996, p. 52).

Observamos, assim, por meio desses estudos, uma torcida organizada formada por indivíduos carentes tanto de afeição quanto de formação e recursos financeiros. Jovens em sua maioria violentos, subjugados em uma sociedade que os avilta.

3.2.1.2 A violência

“Eles (os judeus liberais) achavam que o anti-semitismo que vinha desfigurar a ordem, quando, na verdade, é a ordem que não pode viver sem a desfiguração dos homens. A perseguição dos judeus, como a perseguição geral, não se pode separar de semelhante ordem. Sua essência por mais que se esconda às vezes, é a violência que hoje se manifesta.”

Max Horkheimer e Theodor W. Adorno

Há autores que defendem que a violência é inerente ao futebol. Pimenta, por exemplo, afirma que

o futebol não é acontecimento que proporciona alívio de tensões acumuladas, mas sim um carregador de tensões, facilitando o surgimento de um espaço potencial de agressividades físicas e verbais, tanto nas relações jogador/instituição como nas relações torcedor/espetáculo (PIMENTA, 1997, p. 31).

Mais adiante, esse autor relata que vinte e cinco séculos antes de Cristo já havia indícios da prática desse esporte e que “os atos de violência são inerentes ao jogo e, talvez, pelo uso constante da violência entre os dois grupos de jogadores adversários, ele servia de preparação bélica” (PIMENTA, 1997, p. 31).

Durante a Idade Média e nos séculos subseqüentes, era realizado na Inglaterra, na cidade de Ashbourne, o jogo com bola mais importante para o advento do futebol moderno. Ele era disputado todo ano na *Shrove Tuesday* – uma espécie de “terça-feira gorda” – por um número ilimitado de participantes (até 500 de cada lado). Tinham como objetivo alcançar a bola, usando tanto os pés como as mãos, dominá-la e levá-la até a meta adversária, que se tratava da porta norte ou sul da cidade, dependendo da equipe (ENCICLOPÉDIA MIRADOR, 1989).

Ainda de acordo com a Enciclopédia Mirador (1989), o jogo supracitado tinha sua origem diferenciada por dois cronistas: Trousdale afirmava que o jogo, disputado inicialmente em

Ashboune e, posteriormente, em outros pontos do condado de Derbyshire, era uma comemoração anual da vitória dos bretões sobre os romanos em uma partida de *harpastum* em 217 d.C. Bradley dizia que o jogo nasceu de muitas das lendas surgidas acerca das batalhas entre os saxões e os invasores dinamarqueses no início do século XI; os homens de Ashbourne ou de Derby teriam disputado uma primeira partida utilizando como “bola” o crânio de um dinamarquês morto em combate, algo também referendado por Pimenta (1997) e por Frare (1994).

Independentemente de suas origens, o jogo praticado em Derbyshire na Idade Média era considerado primitivo, violento, semibárbaro e, desse modo, era mal visto, com exceção das partidas das *Shrove Tuesdays*, que tinham caráter cívico. William Fitzstephen (?-1191) escreveu sobre a vida em Londres e colocava em 1175 a expressão *ludus pilae* em seus escritos, a qual já era usada para denominar qualquer jogo de bola e, segundo Fitzstephen, se tratava de um passatempo aparentemente inofensivo praticado pelos jovens (ENCICLOPÉDIA MIRADOR, 1989; PIMENTA,1997).

Segundo a Enciclopédia Mirador (1989), outros cronistas da época se referiam ao *ludus pilae* como um passatempo repleto de vítimas. Em um jogo relatado no ano de 1280, um jogador com um canivete no bolso tromba com outro que, gravemente ferido, morre dias depois. Um seminarista, em 1322, mata acidentalmente, da mesma forma, um adversário, mas conseguiu ordenar-se depois que o Papa João XXII o absolveu. Em 1303, estudantes irlandeses atacam um aluno de Oxford que praticava o esporte perto de sua casa. O mais grave incidente relatado ocorre em 1321: dois jovens matam um outro em Cheshire e, aparentemente revivendo a tradição de Derby, se põem a jogar com o crânio do falecido.

Apesar de esses acontecimentos nefastos não poderem ser diretamente associados ao jogo, em 13 de abril de 1314 um édito real proíbe, sob pena de prisão, o jogo de bola, dando como

razão o barulho e a desaprovação divina. O rei, a igreja e a municipalidade começavam as suas investidas contra o futebol. Porém, na realidade, a razão de Eduardo II, autor desse édito, era a guerra iniciada em 1297 contra os escoceses. Ele temia que os soldados elegessem a bola às armas e que, pelo interesse pelo futebol, se descuidassem dos esportes militares e apropriados à guerra. Eduardo III, em 1349, durante a guerra contra França no século XIV, reforça a proibição do pai, alegando as mesmas causas militares, e colocou o futebol em primeiro lugar na citação dos esportes ilegais e inúteis. A Escócia também proibiu o futebol, exigindo do infrator, como multa, o pagamento de 50 xelins. As proibições reais na Inglaterra da Idade Média foram se reforçando até o século XVI com Henrique VIII, Eduardo VI e Isabel I. O futebol nessa época não passou de um jogo rigorosamente atacado pelas autoridades (ENCICLOPÉDIA MIRADOR, 1989; PIMENTA,1997).

Além de ressaltar a violência na história do futebol, Pimenta (1997), tendo por base informações de policiais dos estádios, escreve que ela não é mérito apenas da torcida organizada, mas também do torcedor comum, já que consta grande numero de ocorrências com esses torcedores. Pensando de acordo com Rodrigues Filho (1964), Rodrigues (1994) e Santos (2004), não podemos restringi-la ao futebol; este é, na opinião desses autores, um reproduzidor do existente, apenas espelha e intensifica traços da nossa sociedade. Analisando a história do homem, nós a percebemos repleta de atos violentos e desumanos sem ligação com o futebol. Assim, fica a questão: em que medida essa violência é social, histórica e psicológica e quanto disso advém do futebol? Para Pimenta (1997), no entanto, apesar de essa cultura estar, sim, presente nos dias de hoje, o futebol aparece como intensificador das tensões e, por fim, como incitador da barbárie.

Para Santos, a indiferença atual também é um dos pontos apresentados como causador da violência; com base em Baudrillard, a autora escreve:

[...] Baudrillard (1990) não vê a violência como um confronto entre forças hostis, nem resultante de convicções ideológicas, todavia, como proveniente da indiferença e da ociosidade. Ao se basear no modelo terrorista, que orientaria a percepção e a movimentação de fatos da violência coletiva, quando formula tais comentários, Baudrillard interpreta a violência dos *hooligans*, por um lado, como a exacerbação da indiferença. Ou seja, tal qual o terrorismo, essa violência se configuraria como a forma explosiva que o acontecimento assume. Por outro lado, sob forma implosiva, ela deriva mais do vazio político do que da rivalidade entre os grupos de torcedores. Contudo, não é apenas isso, mas também do desespero presente no desejo de fazer parte de uma sociedade que expurga tudo aquilo considerado como maldito e anormal, oferecendo cada vez menos possibilidade de participação. Nesse sentido, a violência resulta da indiferença e não do recalque psicológico dos indivíduos (SANTOS, 2004, p. 119).

Pimenta aponta essa indiferença na fala de um torcedor da Mancha Verde, acusado de assassinato no episódio, relatado na introdução, entre palmeirenses e são-paulinos. O torcedor foi questionado quanto ao possível incômodo derivado da morte de outra pessoa, ao que respondeu: “Não sendo amigo meu, tudo bem.” (PIMENTA, 1997, p. 97.) O presidente da Mancha Verde, Paulo Serdan, tem posicionamento semelhante, e fala: “[...] qualquer coisa que te faz tirar do sério é como se estivesse agredindo sua mãe ou seu pai [...] é uma parte de sua família. Então você perde a cabeça [...]” (PIMENTA, 1997, p. 97.)

Santos aponta para o futebol-força, que viria substituir o futebol-arte, como um dos motivadores da violência. O futebol-força seria uma reprodução das relações de trabalho vigentes no capitalismo anacrônico:

Para alguns autores, entre os quais, Lopes & Maresca [1992, p. 132], as organizadas seriam um dos sinalizadores da autonomização crescente no futebol profissional, cada vez mais bem estabelecido como um mundo à parte, com regras próprias e tropas especializadas. Nessa perspectiva, aponta-se, igualmente, para o fato de que o fim do *futebol-arte* (praticado anteriormente) e o cultivo do *futebol-força* (de força física e resultados, através da crescente profissionalização deste esporte); além do advento da televisão, “para quem o artista importa mais que a sua arte” (Chico Buarque, O Estado de S. Paulo, 7 de junho de 1998) acabaram deslocando também o espetáculo em direção aos torcedores, cada vez mais conscientes de seu papel (SANTOS, 2004, p. 84).

Outra questão envolve a transgressão, a corrupção dos dirigentes, o comportamento inadequado dos jogadores dentro e fora dos gramados, atitudes nos bastidores do futebol que

geralmente fazem com que o torcedor se revolte e se torne violento. Retto, ex-secretário dos Negócios de Esporte e Turismo do Estado de São Paulo, faz uma denúncia na coletânea *A violência no esporte*, que visava a discutir a violência das torcidas e contava com a presença de vários autores:

[...] torna-se forçoso escancarar que quando grassa a corrupção, envolvendo-se as maiores instituições de nosso sistema social, por reflexo, abrem-se as comportas dos sentimentos de revolta, o que faz sugerir a convicção da impunidade, assim, estimulando e fazendo crescer a grande espiral da violência (RETTO, 1996, p. 40.).

A transgressão e a corrupção são recorrentes no futebol, seja pelos árbitros, seja pelos jogadores, seja pelos dirigentes. Em 2005, o campeonato brasileiro teve onze jogos anulados: um juiz havia sido descoberto “vendendo resultados” desses jogos a um apostador. Porém, na hora de reorganizar o campeonato houve muita injustiça, pela avidez por salvar a competição. Durante os jogos que se sucederam a esse evento, houve diversos assassinatos, com um saldo de três mortes em menos de vinte e quatro horas, um recorde nos conflitos entre torcidas brasileiras (UOL, 2005).

A violência dos jogadores e as transgressões¹⁹ são corriqueiras e evocam o mesmo comportamento nas torcidas. Há também uma convergência entre alguns autores sobre o fato de a violência já estar presente na geração nas últimas décadas. Santos cita Enzensberger para elucidar essa questão:

Na vertigem do momento, os criminosos, em sua maioria jovens, não depositam nenhum tipo de investimento no futuro, desvalorizando, inclusive, as coisas do seu próprio país. Diversamente dos "bandos (de tempos passados)", as massas atuais caracterizam-se pelo autismo e pela abnegação "interpretada não como uma qualidade positiva, mas como um sentimento segundo o qual não se é afetado pelos acontecimentos e pode-se ser substituído por outro a qualquer momento e em qualquer lugar" (Enzensberger, op.cit, p.22j). De acordo com este autor, vivemos uma época cuja crescente dessubstancialização dos sistemas de comunicação favorece o ocaso da troca, estimulando a violência, a agressão auto-referente, o tédio e a impotência (SANTOS, 2004, p. 159-160).

¹⁹ Bastidas (2002) comenta o caso do jogador Edmundo, que agrediu Juninho em jogo válido pelo campeonato paulista, e de Serginho Chulapa, que agrediu um juiz.

A violência adviria desse autismo e dessa falta de sentido que percorre os dias atuais e a própria sociedade capitalista anacrônica. A geração violenta manifesta-se por não ter razões de ser, pela inexequível felicidade advinda da impotência e do tédio do homem moderno. Pimenta cita Baudrillard para essa discussão:

[...] a violência dos hooligans é uma forma exacerbada da indiferença que só encontra tanto eco porque age sobre a cristalização mortífera da indiferença [...], essa violência é no fundo, como o terrorismo, a forma explosiva que a ausência de acontecimento assume [...] é o vazio político [...] é o silêncio da história, é a indiferença e o silêncio de todos que implodem nesse acontecimento. Não é, portanto, um episódio irracional da vida social, está em cheio na lógica de sua aceleração no vácuo (BAUDRILLARD, 1992 apud PIMENTA, 1997, p. 22).

Ainda em Pimenta, a fala do presidente da Mancha Verde, Paulo Serdan, referenda essa opinião: “A nossa torcida está inserida numa sociedade e a nossa estrutura se assemelha a ela e só queremos trazer alegria aos estádios de futebol [...], mais nada [...].” (PIMENTA, 1997, p. 22).

A imprensa e a mídia em geral, apesar de se dizerem isentas de responsabilidade no que concerne à violência, são vistas pelos autores como responsáveis, em grande parte, por ela. Sobre a “lógica da aceleração no vácuo”, que é uma das explicações para essas atitudes irracionais, segundo Baudrillard. Santos comenta:

Lógica essa devida à contribuição dos *media*, que ao mostrar a violência, sucessivamente pela televisão, e pelos demais meios de comunicação, incita-a, na medida em que também acaba invertendo os papéis daqueles que estão presentes nos espetáculos. Ou seja, os espectadores (torcedores) tornam-se atores, substituindo os protagonistas (jogadores), pois inventam seu espetáculo sob os olhos dos *media* que o veicula para todo o mundo. Como exemplo elucidativo Baudrillard cita a violência entre torcedores que ocorreu no estádio de Heysel em Bruxelas no ano de 1985, fato que foi enormemente veiculado pela televisão (SANTOS, 2004, p. 119).

Segundo a autora, isso ocorreu no Brasil no jogo entre São Paulo e Palmeiras na Copa São Paulo de Juniores, mas hoje podemos relatar, entre outros, o jogo de Corinthians e River Plate²⁰ e o jogo entre Flamengo e Ipatinga, em que um policial de folga retirou a arma e deu tiros a esmo (FOLHA, 2006b). Pimenta também faz sua crítica:

A imprensa, como se percebe, algumas vezes noticia determinados fatos com certo exagero ou com certa ausência de conteúdo informativo que venha colaborar na compreensão do problema enfocado. Tanto a Polícia Militar – na intenção de coibir a violência entre os grupos de torcedores – quanto as "Torcidas Organizadas" – que atribuem à imprensa um caráter mercantilista –, reconhecem a mídia como sendo veículo que pode contribuir para fomentar a violência entre as "Torcidas Organizadas", bem como entendem que ela pode também servir como instrumento auxiliar no afrouxamento desses acontecimentos violentos que têm permeado as relações dos jovens torcedores (PIMENTA, 1997, p. 131).

Esse autor faz a observação referendado pelas suas entrevistas com a polícia e com os presidentes das torcidas organizadas Mancha Verde e Gaviões da Fiel. Ambos os presidentes relatam que a imprensa motiva a violência ao colocá-la no jornal. Os torcedores violentos querem revidar ou se entusiasmar por se tornarem notícia.

Buford (1991) também chega a comentar que, em suas idas ao estádio, em jogos com perigo de confronto, vêem-se mais fotógrafos apontando suas câmeras em direção à torcida do que ao campo. Eles visam a encontrar os focos de violência e anseiam por eles.

Enfim, dentre as diversas suposições para a violência nos estádios, aquelas que mais estão de acordo com nosso pensamento são as que atribuem as causas preponderantemente ao nosso contexto histórico-social.

²⁰ Em 4 de maio de 2006, o Corinthians perdeu para o River Plate, sendo eliminado do campeonato mais importante das Américas por três a um. Após o terceiro gol do River Plate, grande parte da torcida corintiana tentou invadir o gramado. Alguns, quebrando um portão, tiveram êxito, e a partida teve de ser interrompida aos trinta e oito minutos do segundo tempo (UOL, 2006b). Houve aí uma clara frustração com o ideal e assim um redirecionamento da violência, no caso, para a polícia. Em 2003 pode-se dizer que aconteceu o mesmo com o Palmeiras, ao perder para o Santo André o título da Copa São Paulo de Juniores: torcedores invadiram o campo na tentativa de agredir os jogadores do Santo André (FOLHA, 2003).

3.2.3. DISCUSSÕES SOBRE A VIOLÊNCIA NA TORCIDA

Ao falar do amor necessário para formar um grupo e de suas vicissitudes, Freud escreve que o fenômeno que ocorre com a dissolução do grupo religioso, mais precisamente o embasado no novo testamento, tem uma forma distinta do pânico que domina o exército com a morte do líder. Em lugar daquele grupo surge todo o tipo de crueldade que, anteriormente, com o amor equânime de Cristo, não ocorria. No entanto, para Freud, mesmo quando a religião perdura, aqueles que dela não fazem parte são vistos como seus inimigos. Assim, para o autor, são os próprios laços grupais religiosos, fortemente atados, que propiciam essa violência.

Na violência das torcidas, essas diferenças estariam ainda mais acirradas pelas disputas constantes e pela ameaça dos times diferentes. E é em *Mal-estar na civilização* que Freud delimita, enfim, o conceito de “narcisismo das pequenas diferenças”, declarando a inerência da agressividade na constituição do homem:

[A agressividade] Reinou quase sem limites nos tempos primitivos, quando a propriedade ainda era muito escassa, e já se apresenta no quarto das crianças, quase antes que a propriedade tenha abandonado sua forma anal e primária; constitui a base de toda relação de afeto e amor entre pessoas (com a única exceção, talvez, do relacionamento da mãe com seu filho homem). [...] uma coisa, porém, podemos esperar; é que, nesse caso, essa característica indestrutível da natureza humana seguirá a civilização (FREUD, 1930/1974b, p. 118).

As palavras de Buford corroboram essa posição de Freud acerca da agressividade. O jornalista conviveu com os *hooligans* do time inglês Manchester United e expõe uma certa ambivalência, pois, ao mesmo tempo em que os repudia, sente prazer na violência e acolhimento na companhia deles:

[...] A adrenalina é um dos componentes químicos mais poderosos do organismo. Vendo os ingleses de um lado e os italianos do outro, lembro-me de ter tido rapidamente a impressão de assumir as propriedades de um pequeno helicóptero, erguendo-me a vários centímetros do chão e saindo do caminho de todos. Ouviu-se um rugido, um rugido coletivo, e os torcedores ingleses se insurgiram contra os italianos (BUFORD, 1991, p. 76-77).

E em outro excerto:

Esta, se querem saber, é a resposta à desafiante pergunta: por que os jovens do sexo masculino se envolvem em tumultos todo sábado? Eles fazem isso pela mesma razão por que outra geração bebeu em excesso, fumou em excesso, ou ingeriu drogas alucinógenas, ou se comportou de forma injuriosa ou rebelde. A violência é o seu pontapé anti-social, sua experiência de alteração de consciência, uma euforia movida a adrenalina que pode ser tanto mais poderosa porque gerada pelo próprio corpo, contendo, fiquei convencido, muitas das mesmas propriedades viciantes que caracterizam as drogas sinteticamente produzidas (BUFORD, 1991, p. 198-199).

Mais adiante, ao relatar também o prazer do acolhimento:

Esta fase da multidão — esta fase muito, muito feliz — durou aproximadamente quatro minutos. Durante esses minutos, todos, eu inclusive, sentiram o prazer de pertencer, algo semelhante ao prazer de ser estimado ou amado. Havia também outra sensação de prazer, prazer este derivado do poder, ainda que esse poder não tenha sido exercido, ainda que fosse apenas um poder em potencial: o poder de uma multidão que tomara conta de uma cidade (BUFORD, 1991, p. 262).

Na citação abaixo, Freud escreve mais sobre essa inclinação agressiva e discorre sobre o narcisismo das pequenas diferenças:

Evidentemente, não é fácil aos homens abandonar a satisfação dessa inclinação para a agressão. Sem ela, eles não se sentem confortáveis. A vantagem que um grupo cultural, comparativamente pequeno, oferece, concedendo a esse instinto um esquadro sob a forma de hostilidade contra intrusos, não é nada desprezível. É sempre possível unir um considerável número de pessoas no amor, enquanto sobram outras pessoas para receberem as manifestações de sua agressividade. Em outra ocasião, examinei o fenômeno no qual são precisamente comunidades com territórios adjacentes, e mutuamente relacionadas também sob outros aspectos, que se empenham em rixas constantes, ridicularizando-se umas às outras, como os espanhóis e os portugueses, por exemplo, os alemães do Norte e os alemães do Sul, os ingleses e os escoceses, e assim por diante. Dei a esse fenômeno o nome de “narcisismo das pequenas diferenças”, denominação que não ajuda muito a explicá-lo. Agora podemos ver que se trata de uma satisfação conveniente e relativamente inócua da inclinação para a agressão, através da

qual a coesão entre os membros da comunidade é tornada mais fácil (FREUD, 1930/1974b, p. 118-119).

O narcisismo das pequenas diferenças aparece nesse texto como decorrente dessa agressividade pulsional. Uma agressividade que impede o amor e a construção de um grupo sem que haja um grupo rival para eliminar suas tensões agressivas. A questão se apresenta, grosso modo, como se o ódio fosse necessário ao amor e sugere a paz como algo impossível. As razões da violência e de seu desenvolvimento devem ser pensadas não apenas no âmbito subjetivo, mas também no sócio-histórico, pois todos esses aspectos, bem como a educação, influenciam na violência, e mesmo que haja uma propensão à atitudes agressivas elas podem ser contidas com uma sociedade realmente justa e coerente, e com uma educação contra a barbárie como a que será discutida no capítulo 5.

Sem embargo, os torcedores em geral aparentam ser motivados por um certo narcisismo das pequenas diferenças em seus confrontos verbais ou físicos. Opõem-se àqueles que não pertencem ao seu estimado grupo e que seguem e reverenciam uma entidade diferente da deles.

Pensando em Adorno et al. (1950/1965), podemos ver essa agressividade grupal formada de uma outra maneira: não porque um grupo não pode ter um amor incondicional endogenamente e precisa exteriorizar sua agressividade para um exogrupo, mas pela sua própria constituição psíquica e a dinâmica do grupo ao qual pertence. Quando Adorno et al. (1950/1965) discorrem sobre a agressividade autoritária, descrevem também uma certa tendência do indivíduo:

El individuo, por haberse visto forzado a prescindir de sus placeres primordiales y vivir sometido a un sistema de rígidas restricciones se siente oprimido, puede ser proclive no solo a buscar un objeto sobre el qual “descargarse” sino también a disgustarse particularmente ante la idea de que otra persona “salga con la suya” (ADORNO et al., 1950/1965, p. 237).

Aqui a frustração, bem presente nos estádios de futebol, é mencionada. Os autores apresentam um tipo de indivíduo autoritário, com tendência sadomasoquista, que se põe submisso a um dado líder, mas agride qualquer outro que esteja fora do grupo ou abaixo nos níveis hierárquicos:

Podríamos decir que, en la agresión autoritaria, la hostilidad originariamente dirigida contra las autoridades del endogrupo que la motivaron se há desplazado hacia los exogrupos. Este mecanismo es similar en apariencia pero fundamentalmente distinto del proceso que se ha dado en llamar del “chivo emisario”. Veamos este ultimo: una frustración, habitualmente de las necesidades económicas, da origen a um sentimiento de agresión. Luego el individuo, al no poder discernir cuáles son las verdaderas causa de sus dificultades debido a uma confusión intelectual, busca descargar su fúria avalanzándose contra todo objeto a su alcance que dificilmente pueda responder a la agresion (ADORNO et al., 1950/1965, p. 238).

Eles seguem afirmando que o autoritário, em questão, precisa voltar essa agressividade contra os exogrupos e as minorias, em geral, pois é incapaz de atacar aqueles que são a sua real fonte de angústia ou é incapaz de perceber quais ou quem são essas fontes.

O futebol frustra os que querem a vitória e não a obtêm. As brigas de torcidas apontadas por Rodrigues Filho (1964), Buford (1991), Santos (2004) e Pimenta (1997) ocorrem, em grande maioria, por obra do torcedor derrotado, seja a destruição dos trens pelos torcedores bangüenses, seja a destruição de parte da cidade de Turim pelos ingleses acompanhados por Buford (1991).

O fanatismo e sua violência apresentam-se no estudo da música popular pelos autores Adorno e Simpson (1941/1986), segundo os quais ela funciona como cimento social e desse modo é aceita. Se entendida como linguagem, seria difícil que seus consumidores suportassem seu não-diferenciamento. Assim, a sua função é sociopsicológica, pois leva em conta os desejos

institucionalizados dos ouvintes. Desse modo, há uma ambivalência nessa adesão à música popular, já que, como ocorre na indústria cultural, há certa imposição dessa adesão:

Um indivíduo defronta-se com uma canção individual que, aparentemente, está livre para aceitar ou rejeitar. Pela promoção e pelo apoio dado à canção por agências poderosas, esse mesmo indivíduo fica privado da liberdade de rejeitar, que talvez ainda mantivesse em relação à canção individual. Não gostar da canção não é mais a expressão de um gosto subjetivo, mas antes uma rebelião contra a sapiência de uma utilidade pública e uma discordância com milhões de pessoas que assumem dar sustentação àquilo que as agências estão lhe dando. A resistência é encarada como um sinal de má cidadania, como incapacidade de se divertir, como falta de sinceridade do pseudo-intelectual, pois qual é a pessoa normal que poderia se colocar contra essa música? (ADORNO; SIMPSON, 1941/1986, p. 142.)

E, mais adiante, falando da inevitabilidade da adesão:

O material, para ser aceito, também necessita desse despeito (o engano voluntário). O seu caráter de mercadoria, a sua estandardização opressiva, não é tão recôndita, a ponto de não ser perceptível. Apela para a ação psicológica por parte do ouvinte. Passividade apenas não basta. O ouvinte precisa forçar-se a aceitar (ADORNO; SIMPSON, 1941/1986, p. 143).

A voluntariedade na aceitação do próprio engodo vem de uma certa consciência da ausência de qualidade do produto e, mesmo assim, de uma exaltação exacerbada deste para concretizar essa auto-enganação. Mais adiante, ao falar dos fanáticos por música popular da época, os chamados *jitterbugs*, Adorno e Simpson colocam a idéia de fúria provinda dessa ambivalência da aceitação do inevitável imposta sobre eles:

Ninguém que alguma vez tenha assistido a uma reunião desses aficionados (os *jitterbugs*), ou tenha debatido com eles os eventos correntes da música popular, pode deixar de perceber a afinidade do seu entusiasmo com a fúria, que primeiro pode estar direcionada para os críticos de seus ídolos, mas também pode voltar-se contra os próprios ídolos. Essa fúria não pode ser simplesmente atribuída à aceitação passiva do que é dado. É essencial à ambivalência que o sujeito não reaja de modo simplesmente passivo. Passividade completa exige uma aceitação inequívoca. No entanto, nem o próprio material, nem a observação dos ouvintes, sustentam a suposição de tal aceitação unilateral. Apenas deixar de resistir não é suficiente para a aceitação do inexorável (ADORNO; SIMPSON, 1941/1986, p. 144).

A falta de opção e a “sujeição voluntária”, segundo Adorno e Simpson (1941/1986), seriam as causas da violência dos fãs de música popular na época desse estudo; podemos refletir sobre essa questão no que se refere ao torcedor, e a retomaremos quando tratarmos o futebol como parte da indústria cultural. Sabemos que o torcedor se sente acolhido nas organizadas e que o futebol é, em diversos países, unanimidade nacional. No Brasil quase todos têm um time e são vistos estranhamente os que não torcem. Os torcedores apóiam irrestritamente seus times (ideais), lançando-se contra os rivais quando o time não vai bem ou quando este não cumpre seu papel. Se o time tem um mau aproveitamento, os culpados são os dirigentes, jogadores e técnicos. O time, enquanto entidade, permanece incólume.

No Brasil, há muitos que traduzem erroneamente a palavra *hooligan* (“vândalo”) por torcedor organizado europeu. Caso observemos bem, os *hooligans* europeus têm muitas diferenças quando comparados aos organizados brasileiros, apesar das semelhanças aqui muitas vezes apontadas. Entre os *hooligans* não há burocracia, eles constituem as *firmas* e, diferentemente dos organizados brasileiros, fogem das câmeras de televisão, não pagam mensalidade, apenas se encontram nos *pubs* antes dos jogos para beber. São beberrões e arruaceiros. Têm uma característica que difere muito da torcida organizada: são racistas, xenófobos, altamente preconceituosos. Seu alvo não é só o torcedor, mas qualquer um que seja diferente ou pertencente a alguma minoria. Segundo Buford, entre as preferências dos *hooligans* estão cervejas, lugares belos, o time, Margaret Thatcher, objetos caros, dinheiro, comida e eles próprios:

Este era o item mais importante: eles gostavam de si próprios; deles e de seus companheiros.

A lista de antipatias, concluí, era clara e simples. Era (acima e além do Tottenham Hotspur) a seguinte: o resto do mundo.

O resto do mundo é um lugar vasto e seu principal habitante é o estranho. Os torcedores não gostavam do estranho. O estranho — donos de lojas, funcionários do metrô de Londres ou da British Rail, velhos que atravancavam a sua passagem na escada rolante, pessoas que pediam informação, alguém que tentava conseguir o seu voto, motoristas de ônibus, garçonetes, os membros do Partido Trabalhista, as pessoas do assento ao lado, simples pessoas *que cruzavam o seu caminho* — era detestável. E não existia estranho mais estranho, e portanto mais detestável, do que o estrangeiro. O estrangeiro era aquele a quem eles verdadeiramente odiavam (era inconcebível que eles, sendo ingleses e estando agora na Itália, pudessem ser estrangeiros) (BUFORD, 1991, p. 87).

Essa aversão ao estranho, ao diferente, tem relação com a cultura – violência ao modo europeu, nazi-fascista, cheia de preconceitos –, mas não podemos deixar de notar que há no torcedor organizado um preconceito em relação ao torcedor rival, ou ao menos uma atitude preconceituosa:

O indivíduo obcecado pelo desejo de matar sempre viu na vítima o perseguidor que o forçava a uma desesperada e legítima defesa, e os mais poderosos impérios sempre consideravam o vizinho mais fraco como uma ameaça insuportável antes de cair sobre eles. A racionalização era uma finta e, ao mesmo tempo, algo de compulsivo. Quem é escolhido para o inimigo é percebido como inimigo. O distúrbio está na incapacidade de o sujeito discernir no material projetado entre o que provém dele e o que é alheio (HORKHEIMER; ADORNO, 1947, p. 174-175).

A atitude do agressor aparece sempre em defesa própria, da pátria, da moral, de seu time. Ele agride, mas sempre se vê como defensor de algo, que nem sequer foi ameaçado. O sentido dado para o meio como fim em si mesmo é tão psicologicamente doentio, paranóico e ignóbil como o ato em sua defesa.

A falsa projeção de caráter fascista impede que se perceba o sujeito. Aquele que projeta não se diferencia do alvo, mas não se reconhece naquele que vê. O paranóico se projeta em tudo, mas não se percebe. Com uma projeção sem reflexão não há como se conhecer o objeto e a si mesmo, e, desse modo, não há a capacidade de se diferenciar desse objeto e de reconhecer diferenças (HORKHEIMER; ADORNO, 1947).

A mentalidade do *ticket* também contribui para essa indiferenciação. Trazendo essa concepção, os autores expõem novamente o pensamento reificado do homem no capitalismo tardio. Um pensamento por bloco, estereotipado, que não diferencia o uno do todo e por vezes condensa o todo no uno:

Quando as massas aceitam o *ticket* reacionário contendo o elemento anti-semita, elas obedecem a mecanismos sociais nos quais as experiências de cada um com os judeus não têm a menor importância. [...] A experiência é substituída pelo clichê e a imaginação ativa na experiência pela recepção ávida (HORKHEIMER; ADORNO, 1947, p. 187).

O torcedor pode até ter amigos que torcem por diferentes times, mas, durante as brigas, isso não é colocado em questão. Abaixo há a causa social desse pensamento reificado:

No mundo da produção em série, a estereotipia – que é seu esquema – substitui o trabalho categorial. O juízo não se apóia mais numa síntese efetivamente realizada, mas numa cega subsunção (HORKHEIMER; ADORNO, 1947 p. 188).

E mais adiante:

Quanto mais a evolução da técnica torna supérfluo o trabalho físico, tanto mais fervorosamente este é transformado no modelo do trabalho espiritual, que é preciso impedir, no entanto de tirar as conseqüências disso. Eis aí o segredo do embrutecimento que favorece o anti-semitismo. Se, no interior da própria lógica o conceito cai sobre o particular como algo de puramente exterior, com muito mais razão, na sociedade, tudo o que representa a diferença tem que tremer. As etiquetas são coladas: ou se é amigo, ou inimigo. A falta de consideração pelo sujeito torna as coisas fáceis para a administração. Transferem-se grupos étnicos para outras latitudes, enviam-se indivíduos rotulados de judeus para as câmaras de gás (HORKHEIMER; ADORNO, 1947 p. 188).

O *ticket* já vem pronto do poder, ele é pré-fabricado. O indivíduo adquire-o como adquire uma comida pré-cozida. O senso de realidade e a adaptação vêm produzidos pela indústria; o indivíduo já não se forma dialeticamente com o poder e a realidade, mas única e exclusivamente

por mediação do capital. E, nas palavras dos autores, “não é só o *ticket* anti-semita que é anti-semita, mas a mentalidade do *ticket* em geral” (HORKHEIMER; ADORNO, 1947, p. 193).

Podemos pensar a predisposição para a ação violenta no preconceito. Crochík (1997) traz uma ampla referência a Adorno e Horkheimer. Ele se utiliza, dentre outros textos, do *La personalidad autoritaria* (ADORNO et al., 1950/1965), em que Adorno faz uma pesquisa com colaboradores nos Estados Unidos buscando saber se àquela época havia indivíduos que adeririam a partidos fascistas. Concluiu que sim.

A obra de Crochík procura delinear o preconceito, estudando inicialmente o seu conceito. Expõe a profunda falta de reflexão na atitude preconceituosa e apresenta:

Mais do que as diferenças individuais, o que leva o indivíduo a desenvolver preconceitos, ou não, é a possibilidade de ter experiência e refletir sobre si mesmo e sobre os outros nas relações sociais, facilitadas ou dificultadas pelas diversas instâncias sociais presentes no processo de socialização. A qualidade da ação destas instâncias – família, escola, meios de comunicação de massa – se refere a como elas tratam com os tateios infantis e as fantasias a eles associadas no conhecimento do mundo (CROCHÍK, 1997, p. 16).

O autor trata do preconceito que, segundo ele, provém da relação do indivíduo como meio, do pensamento estereotipado, sem reflexão, e da cultura que submete o indivíduo a suas leis não permitindo que ele as supere e se constitua como sujeito. A sociedade exclui o doente mental quando este não auxilia a persistência do existente; no entanto, do outro lado, quando ele se adapta à ordem, é mantido sem consideração e a própria doença não é notada. E quando comete alguma atrocidade é responsabilizado pelos seus atos inteiramente:

[...] no momento em que a sociedade se torna cada vez mais independente de seus membros e prescinde de uma participação política efetiva, a responsabilidade sobre os atos individuais recai sobre o indivíduo. Isto não deixa de ter seu lado progressivo, naquilo que aponta para a autonomia individual, mas também é regressivo, pois o indivíduo é considerado cada vez mais, como tendo uma verdade própria, ou seja, com leis imanentes ao seu desenvolvimento que o naturalizam e que permitiriam entendê-lo

independente das leis sociais, o que contribui para cisão entre indivíduo e sociedade (CROCHÍK, 1997, p. 32).

O indivíduo está preso à cultura, criada para sua proteção, mas agora, em vez de meio para a proteção, ela se torna fim em si mesma, protegendo-se do indivíduo. Ambos, indivíduo e cultura, não podem se desvencilhar, são interdependentes. Os atos individuais dos torcedores não podem ser considerados como apenas próprios de quem os comete; a cultura e suas instâncias têm grande parte nisso:

A sensação de superioridade do preconceituoso em relação à sua vítima é solicitada por uma cultura que não permite um lugar fixo a ninguém, pois é a própria insegurança de todos os indivíduos, é a eterna luta de todos contra todos que a sustentam. Assim, o poder sobre o mais fraco é a busca de um espaço em uma sociedade que gira em torno do poder, busca esta fadada ao fracasso (CROCHÍK, 1997, p. 43).

O preconceito, para Sartre (1960 apud CROCHÍK, 1997), e, de certa forma, para Horkheimer e Adorno, é uma paixão, mas, segundo Crochík, também é frieza e apatia, apatia como sombra da paixão, com sujeito e objeto anulados. E essa frieza advém da necessidade de o indivíduo se voltar para si mesmo em busca da sobrevivência, relegando ao outro a posição de adversário ou de qualquer outra pessoa com opiniões divergentes da sua. O preconceito também vem de uma incorporação das regras do jogo, buscando-se os fins almejados por meio da racionalidade técnica, tudo isso em consonância com o pensamento de ser o mundo atual natural e imutável. Frieza construída em uma sociedade desigual em que a compaixão é desadaptativa e prejudicial a cada um em sua autoconservação (CROCHÍK, 1997).

A cultura teme a barbárie e tenta a todo custo circunscrevê-la como algo que não lhe pertence, sem se dar conta que de outro modo poderia enfrentá-la melhor. Da mesma maneira como alguns evitam reconhecer em si mesmos aquilo que têm de desconhecido e “assustador”. Quando encontra alguém em que pode reconhecer esse desconhecido ou algum outro sinal de

fraqueza, o preconceituoso utiliza os seus mecanismos de defesa: a violência, a paralisação ou a fuga. Isso acontece porque a fraqueza do outro pode fazê-lo entrar em contato com a sua própria, desse modo ele “precisa” destruí-la ou apenas subjugar-la (CROCHÍK, 1997).

No narcisismo há um ego frágil em que quase não há introjeção da autoridade. O indivíduo não sabe quem é, e está indiferenciado com o meio, não há crítica nem autocrítica. Julga o outro ameaçador, pois nele projeta toda a hostilidade e a ansiedade que o meio lhe provoca, sem ter consciência disso (CROCHÍK, 1997).

A competição, onipresente em nossa cultura, vem dessa demonstração de força que somos obrigados a praticar desde a infância, para que prevaleça nossa vontade e para nos defender. Ela já está na competição edipiana, mas a cultura, em vez de amainá-la, potencializa-a, dando a ordem: “A natureza frágil deve ser vencida.” (CROCHÍK, 1997).

Há também um pensamento do preconceituoso de que está “entre as partes boas da humanidade”. Ele defende o bem contra a destruição que vem de fora, que vem do diferente, sem perceber que esse mal pertence a ele e também à própria cultura que ele, por vezes, defende. Colocando o outro como mal ele sustenta sua posição (CROCHÍK, 1997).

Citando a obra *Personalidad autoritaria* (ADORNO et al, 1950/1965), Crochík traz uma série de características como: o convencionalismo (adesão rígida a valores morais pressupostos), a submissão autoritária (aceitação incondicional da autoridade) e a agressividade autoritária (punição ou crítica aos que transgridem o convencionalismo), entre outros. Esses três serão mencionados aqui, pois causam uma certa ambivalência que será vista por nós:

A ambivalência em relação a autoridade introjetada conduz à cisão de afetos que são repartidos entre o endogrupo – grupo ao qual o sujeito pertence – e o exogrupo – grupo ao qual o sujeito não pertence e que serve de contraponto ao seu –, embora o conflito se mantenha nas duas direções. A autoridade de seu grupo, à qual o indivíduo se submete de forma exagerada, é inconscientemente refutada, e quanto mais os desejos destrutivos aparecem frente a ela mais deve acirrar a agressão contra o que representa o exogrupo:

normas e valores distintos dos que são representados naquela autoridade; de forma similar, os indivíduos pertencentes ao exogrupo não são meramente odiados, pois não deixam de representar características que o preconceituoso gostaria de ter para si (CROCHÍK, 1997, p. 84).

Essa adesão ao endogrupo é de caráter estritamente emocional, não é racional. O exogrupo é visto como inimigo, independentemente das semelhanças entre este e o endogrupo, e deve ser atacado peremptoriamente. O preconceituoso deve se defender. Tendo essa falta de percepção dos valores que são propriamente seus e dos que são impostos pela cultura, ele defende ferrenhamente “suas” posições (CROCHÍK, 1997).

Citando Freud e Adorno, Crochík fala do amor indiferenciado pelo endogrupo, visto no texto *O mal-estar na civilização* (FREUD, 1930/1974b), e o traz para a questão do preconceito:

[...] o amor indiferenciado, como mostrou Freud, só é possível quando algum outro grupo é diferenciado pelo ódio. Ora, se a diferenciação individual só é possível através da introjeção da cultura, uma cultura que se apresente através da ideologia do *ticket* não favorece o desenvolvimento individual (CROCHÍK, 1997, p. 115).

A polícia também age com certo preconceito ao agredir qualquer indivíduo trajado com o uniforme do time. Assim, acaba por dar ao torcedor o caráter de coisa, o reifica²¹ e “a bola de neve” insurge e cresce; a reprodução dos atos da torcida pela polícia só podem aumentar o

²¹ Buford relata um momento em que se encontra cercado por policiais e, sem seu crachá de jornalista, não consegue fugir. É espancado prostrado, “de quatro”, tentando se render aos policiais. Após algumas páginas descrevendo o interminável espancamento, diz: “[...] Subitamente, senti que iria sufocar; isso me deixou irritado e me levantei para revidar, mas, no momento em que me ergui, fui atingido em plena testa e me defendi de um golpe de cassetete com o braço, mas fui novamente atingido na testa e em seguida na bochecha. Fiquei atônito pela intensidade emocional que percebi nos rostos dos policiais. Seria impossível comunicar-me com eles, transmitir algo suficientemente forte para contrabalançar a força do ódio deles. Eu não era um ser humano. Era um objeto qualquer, uma coisa. Estranhamente pensei em mim mesmo como um fato, um fato que eles queriam ferir, e me joguei de volta ao chão, curvando-me, cobrindo a cabeça, e um policial atacou-me o rim, outro atacou-me a cabeça e outro atacou-me os ombros. Tinha perdido o interesse em meu desejo de descrever aquela experiência; tudo o que me lembro, vagamente, é de ter percebido que perdera o interesse em meu desejo de descrevê-la. A experiência tornou-se, então, algo que eu queria ver terminada. Mas ela não terminava. Não sei por quanto tempo mais se prolongou. Não sei o que aconteceu depois. Eu deixara de ser uma pessoa escrevendo sobre aquilo. Minha lembrança seguinte é que a coisa finalmente terminou. Estava terminada.” (BUFORD, 1991, p. 282.)

problema; é a violência como ordem e o reconhecimento do outro como um objeto. Citando Horkheimer e Adorno, ao se referirem aos *pogroms* anti-semitas:

Na medida em que agridem cegamente e cegamente se defendem, perseguidores e vítimas pertencem ao mesmo circuito funesto. O comportamento anti-semita é desencadeado em situações em que os indivíduos obcecados e privados de sua subjetividade se vêem soltos enquanto sujeitos. Para essas pessoas seus gestos são reações letais e, no entanto, sem sentido, como as que os behavioristas constataram sem interpretar. O anti-semitismo é um esquema profundamente arraigado, um ritual da civilização e os *pogroms* são os verdadeiros assassinatos rituais. Neles fica demonstrada impotência daquilo que poderia refreá-los, a impotência da reflexão, da significação e, por fim, da verdade. O passatempo pueril do homicídio é uma confirmação da vida estúpida a que as pessoas se conformam (HORKHEIMER; ADORNO, 1947, p. 159-160).

A falta da capacidade de pensar, inerente ao nosso contexto social, ressurge como causa dos *pogroms*. A incapacidade da individuação e da reflexão, provinda da dominação do homem sobre si mesmo, traz a suspensão da subjetividade, do reconhecimento de si e, dessa forma, do outro. A violência vem contra si e contra esse outro. Tem caráter sadomasoquista e, como a causa é principalmente social, todos podem ser perseguidores e vítimas.

Só a cegueira do Anti-semitismo, sua falta de objetivo, confere uma certa verdade à explicação de que ele seria uma válvula de escape. A cólera é descarregada sobre os desamparados que chamam a atenção. E como as vítimas são intercambiáveis segundo a conjuntura: vagabundos, judeus, protestantes, católicos cada uma delas pode tomar lugar do assassino, na mesma volúpia cega do homicídio, tão logo se converta na norma e se sinta poderosa enquanto tal. Não existe um genuíno anti-semitismo e, certamente, não há nenhum anti-semita nato. Os adultos, para os quais o brado pelo sangue judeu tornou-se uma segunda natureza, conhecem tão pouco a razão disso quanto os jovens que devem derramá-lo. [...] A ação torna-se realmente um fim em si e autônomo, ela encobre sua própria falta de finalidade. O anti-semitismo conclama sempre a ir até o fim do trabalho. Entre o anti-semitismo e a totalidade havia desde o início a mais íntima conexão. A cegueira alcança tudo porque nada compreende (HORKHEIMER; ADORNO, 1947, p. 160-161).

A insanidade dos *pogroms*, já com o fim da pilhagem e sem a busca da raça pura, continua ideologia e se estende até aonde pode ir como fim em si mesma. Sem perseguir pela família e/ou pela pátria, mas apenas por perseguir.

A violência das torcidas parece se igualar aos *pogroms* nazistas enquanto é dirigida a um grupo determinado, o qual pode ser substituído com certa facilidade por falta de reflexão ou pela existência de uma racionalidade disparatada. Na violência das torcidas, corintianos, são-paulinos, palmeirenses, santistas são intercambiáveis. Podem ser agressores e vítimas. No entanto, diferentemente do que ocorre com os *pogroms*, a violência sempre vem dos dois lados. Aquele que está em maior número ou mais bem armado sempre será o inquisidor, mas às vezes os grupos se digladiam sem dar conta de seu número. Sabem que vão ser agredidos, mas que também vão agredir. Parecem comprovar Freud quanto à idéia de ligação direta entre sadismo e masoquismo²². À torcida de maneira geral podemos contrapor a ação da polícia – que, segundo os próprios torcedores, é capaz de agredir qualquer um que use a camisa de um clube (PIMENTA, 1997) ou que esteja no meio dos *hooligans*, como Buford (1991).

3.2.4. TORCIDA COMO ALIENAÇÃO E INDÚSTRIA CULTURAL

“Se as massas são injustamente difamadas do alto como tais, é também a própria indústria cultural que as transforma nas massas que ela depois despreza, e impede de atingir a emancipação, para a qual os próprios homens estariam tão maduros quanto as forças produtivas da época o permitiriam.”

Theodor W. Adorno

“A psique das massas não reage diante de alguma coisa fraca nem de meias medidas.”

Adolf Hitler

Não podemos deixar de circunscrever o papel do esporte na ideologia moderna. Horkheimer e Adorno fazem uma análise histórica do termo “ideologia” e depois o delimitam. Segundo eles, a ideologia atual é como “uma espécie de deslocamento das camadas geológicas” (HORKHEIMER; ADORNO, 1956, p. 199). Explicam que, com as catástrofes ocorridas nas

²² Como citado no item 1.2.2

“estruturas profundas da sociedade, o mundo do espírito adquiriu um caráter efêmero, pálido, impotente” (HORKHEIMER; ADORNO, 1956, p. 199). Essas alterações que ocorrem entre a infra e a superestrutura da sociedade penetram tudo, tanto a consciência quanto as tentativas de criação do espírito. Para os autores, tudo que se proponha criar e que não reflita sobre a ideologia se torna frívolo, vazio e reforça ainda mais a ideologia. Isso pode ser empregado ao esporte:

O estudo concreto do conteúdo ideal da comunicação de massa é tanto mais urgente quando se pensa na inconcebível violência que os seus veículos exercem sobre o espírito dos homens, em conjunto, diga-se de passagem, com o esporte, que passou a integrar, nos últimos tempos, a ideologia, em seu mais amplo sentido. Temos aqui a produção sintética da identificação das massas com as normas e condições que regem anonimamente a indústria cultural ou que a propagam – ou com ambas. Qualquer voz discordante é objeto de censura e o adestramento para o conformismo estende-se até as manifestações psíquicas mais sutis (HORKHEIMER; ADORNO, 1956, p. 202).

O futebol, em alguns aspectos e momentos históricos, se iguala à ideologia, quando a pensamos como apologia do existente. Por exemplo, na ditadura militar, no uso de vitórias em copas para a autopromoção de diversos governantes ou até mesmo como forma de alienação do povo dos problemas atuais. No texto *O ataque de Veblen à cultura*²³, Adorno (1941/1997) expõe a opinião de Veblen e faz comentários, demonstrando o caráter alienante e regressivo do esporte.

Podemos falar que ao torcedor de futebol é apresentado um mundo de competição com diversos campeonatos, riscos, derrotas e vitórias. Um mundo semelhante ao do cotidiano, mas no qual ele partilha de algo maior, de um ideal: apóia o time indo ao estádio ou em frente à televisão, sofre junto, celebra junto, se funde. Analisa os jogos, compara jogadores, dá veredictos de conduta e, assim, sob o domínio do esporte, entra em contato com idéias racionais e irracionais. A situação assemelha-se à idéia de Adorno quanto à diferença entre sonho e vigília. Em sua pesquisa sobre a astrologia, esse autor faz uma analogia com a teoria freudiana, em que os sonhos

²³ Que veremos com mais detalhes no item 3.2.

têm a tarefa de manter o sono ileso dos desejos conscientes e inconscientes e, por isso, os satisfaz ilusoriamente – desejos que, em sua maioria, o indivíduo é incapaz de satisfazer durante a vigília. Os sonhos têm em grande parte um conteúdo aparentemente psicótico. O ego traduziria os desejos pulsionais em sonhos para sua defesa:

Con frecuencia el contenido del sueño, en su función, se ha comparado con los delirios psicóticos. Viene a ser como si el yo se defendiera contra los embates del material pulsional traduciendo en sueños. Tal operación resulta relativamente inócua porque está localizada en la esfera de la ideación. Únicamente en casos aislados, como por ejemplo el sonambulismo, llega a dominar el aparato motor. De modo que puede afirmarse que los sueños no protegen sólo el reposo, sino también la vigilia, puesto que “la psicosis nocturna de las personas normales” evita que el individuo caiga en una conducta psicótica al afrontar a realidad. La astrología presenta una semejanza con esta separación entre la irracionalidad del sueño y la racionalidad de la vigilia (ADORNO, 1953/1986, p. 28).

O sonho, para Adorno, protege o indivíduo de uma conduta psicótica, por já contê-la. E sem esse “surto noturno”, isso poderia ocorrer quando ele se defronta com a realidade no dia-a-dia. De acordo com o autor, podem ser feitas analogias em outros âmbitos da vida que também trazem essa dicotomia entre irracionalidade e racionalidade, como a astrologia e o cinema, com algumas restrições, obviamente. A astrologia e o cinema hollywoodiano não fazem parte da psique do indivíduo, como ocorre com a maior parte dos sonhos:

En cierto grado, el término “fábrica de sueños” con el que se designa ao cine es igualmente apto para la astrología. Es en concreto el carácter predigerido de la astrología lo que le confiere esa apariencia de normalidad y de elemento socialmente aceptado y tiende a borrar la frontera entre lo irracional que por lo regular tan marcada está por lo que el sueño y la vigilia se refiere (ADORNO, 1953/1986, p. 29).

A astrologia, para Adorno, bem como a indústria cultural, elimina as diferenças entre o real e o fictício, com um freqüente conteúdo hiper-realista que propõe atitudes baseadas em uma

fonte completamente irracional, como os conselhos disparatados dados nas colunas do horóscopo nos jornais. No ato de torcer a alienação se afigura e há sempre uma conduta onírica do espectador em meio à massa, fora o sonho de se tornar um ídolo do time:

Bien que la astrologia no tiene una apariencia tan descabellada como los sueños o los delirios es precisamente su ficticia discreción la que possibilita que las pulsiones delirantes se abran paso hasta la vida real sin entrar en pugna abierta con los controles del yo. La irracionalidad es disfrazada con sumo esmero (ADORNO, 1953/1986, p. 29).

Adere-se à astrologia com tanta facilidade, segundo Adorno (1953/1986), por haver um suporte dado pela coletividade e um conteúdo delirante não manifesto. Desse modo, não seria necessária uma personalidade psicótica para aderir à apocrifia dos preceitos astrológicos. Alguns de seus seguidores percebem a irracionalidade de seus ditames, mas, talvez por conta de uma pseudoformação, permanecem adeptos e indulgentes.

O torcer é uma devoção por algo de certa maneira frívolo, que, assim como a astrologia, também tem um suporte dado pela coletividade, é aceito por ser algo compartilhado e por apresentar uma estrutura formada, com parâmetros sociais preestabelecidos. Há uma ideologia que fomenta essa prática e que inclui o próprio pensamento atual do esclarecimento regredido, a designação dada pela indústria cultural ao entretenimento hodierno, seu espírito competitivo, os riscos que são criados e superados dentro dessa lógica e a aparência de seriedade imposta pelos meios de comunicação. Há também algo de delirante dentro daquilo que será dito aqui a respeito das formações de grupo²⁴. Afora o ardor com que é tratado, seja com violência, seja com discussões exaltadas:

²⁴ Capítulo 3

La combinacion de realismo e irracionalidad en la astrologia puede explicarse em último término por el hecho de que representa simultaneamente una amenaza y um remedio, analogamente a como ciertos psicóticos provocan um incêndio a la par que se presentan a extinguirlo (ADORNO, 1953/1986, p. 117).

Pensando que a torcida de futebol está constantemente lidando com a vitória e a derrota, há, respectivamente, seu remédio e sua ameaça em um círculo vicioso. O torcedor não se vê preso nesse círculo, o que traz a própria compulsão de sua atitude:

Puede asegurarse que es precisamente el elemento demencial lo que rinde y atrae a los seguidores de todo tipo de movimiento de masas; estructura de la que se desprende el corolario de que los individuos nunca creen plenamente lo que afirman creer, y en consecuencia sus creencias demasiado lejos, a la más mínima las traducen en acción violenta (ADORNO, 1953/1986, p. 125).

Há no futebol a ambivalência apontada na análise feita por Adorno e Simpson (1941/1986) sobre a música popular²⁵, pelo fato de os torcedores não crerem realmente em suas “paixões” do modo como afirmam fazer.

Segundo Adorno (1968/1987), tudo indica que o termo “indústria cultural” foi introduzido por ele e Horkheimer na obra *Dialética do esclarecimento* (HORKHEIMER; ADORNO, 1947). Inicialmente o termo utilizado seria “cultura de massas”. Adorno explica a preferência pela aplicação desse termo em lugar daquele que, segundo o autor, “agradaria aos advogados da coisa” (ADORNO, 1968/1987, p. 287):

[...] estes [defensores da indústria cultural] pretendem, com efeito, que se trata de algo como uma cultura surgindo espontaneamente das próprias massas, em suma, da forma contemporânea da arte popular. Ora, dessa arte a indústria cultural se distingue radicalmente. Ao juntar elementos de há muito correntes, ela atribui-lhes uma nova qualidade. Em todos os seus ramos fazem-se, mais ou menos segundo um plano, produtos adaptados ao consumo das massas e que em grande medida determinam esse consumo (ADORNO, 1968/1987, p. 287).

²⁵ Ver item 1 do capítulo 4.

A indústria cultural tem seu plano no consumo, como qualquer indústria; seu objetivo é produzir da melhor maneira para vender, de maneira que deturpa tudo o que for necessário para que sua mercadoria adquira um maior número de consumidores e se apropria de tudo que já existiu ou que se opõe a ela. Deturpa a arte e até seus admiradores:

A indústria cultural é a integração deliberada, a partir do alto, de seus consumidores. Ela força a união dos domínios, separados há milênios, da arte superior e da arte inferior. Com o prejuízo de ambos. A arte superior se vê frustrada de suas seriedade pela especulação sobre o efeito; a inferior perde através de sua domesticação civilizadora, o elemento de natureza resistente e rude que lhe era inerente enquanto o controle social não era total. Na medida em que nesse processo a indústria cultural inegavelmente especula sobre o estado de consciência e inconsciência de milhões de pessoas às quais ela se dirige as massas não são, então, o fator primeiro, mas um elemento secundário, um elemento de cálculo; acessório da maquinaria. O consumidor não é rei, como a indústria cultural gostaria de fazer crer, ele não é o sujeito dessa indústria, mas seu objeto (ADORNO, 1968/1987, p. 287-288).

A indústria cultural do futebol não fabrica para torcedores, mas fabrica os torcedores. Esses devem existir para que haja o consumo. O produto “futebol” não importa, desde que haja público para a televisão, para o estádio e para a venda de bugigangas.

O declínio das religiões, que vinha ocorrendo com o desenvolvimento da sociedade burguesa, não resultou em um caos cultural, segundo Horkheimer e Adorno (1947). Para eles o advento da indústria cultural, com o rádio, o cinema e as revistas, veio como um sucessor delas²⁶.

Inferimos, com base nos estudos feitos por Rodrigues Filho (1964), que a indústria cultural começou a apropriar algumas características do futebol brasileiro no início dos anos 1930. Para o autor, naquela década os jogadores eram comprados por times europeus e por times

²⁶ Adorno (1959/1969), ao discorrer sobre a pseudoformação, explica que o indivíduo passou de uma heteronomia a outra: “El mundo de ideas pre-burgués, esencialmente asiduo a la religión tradicional, se ha quebrado allí súbitamente —no en último término gracias a los medios de masas, la radio y la televisión— y lo arrastra el espíritu de la industria cultural. Sin embargo, el *a priori* del concepto de formación propiamente burgués, la autonomía, no ha tenido tiempo alguno de constituirse, y la conciencia pasa directamente de una heteronomía a otra: en lugar de la autoridad de la Biblia, se coloca la del campo de deportes, la televisión y las «historias reales», que se apoya en la pretensión de literalidad y de facticidad de aquende la imaginación productiva.”

brasileiros. Mudando seu nome de origem para um nome italiano, um jogador seria bem aceito na Itália, por exemplo. Muitos eram convidados a se naturalizar em outros países, mas alguns, na maioria negros, de acordo com Rodrigues Filho (1964), não aceitavam abandonar a nacionalidade brasileira, apesar de serem tão discriminados aqui. Mais tarde começaram as grandes contratações internas. Em 1942, Leônidas da Silva, ídolo do Flamengo e do Brasil, foi contratado pelo São Paulo, causando furor e uma certa discórdia (RODRIGUES FILHO, 1964)²⁷.

Outra característica da indústria cultural que observamos no futebol brasileiro é a de que não é fácil encontrar alguém que não torça por algum time. É preciso ter um time para se inserir no quadro social, para pertencer a algum grupo. É preciso aderir de alguma forma aos seus ditames para não se submeter à tortura do isolamento social²⁸:

A análise feita há cem anos por Tocqueville verificou-se integralmente nesse meio tempo. Sob o monopólio privado da cultura sucede de fato que “a tirania deixa o corpo livre e investe diretamente sobre a alma. O mestre não diz mais: você pensará como eu ou morrerá. Ele diz: você é livre de não pensar como eu, a tua vida, os teus bens, tudo você há de conservar, mas de hoje em diante você será um estrangeiro entre nós”. (A. de Tocqueville, *De la Démocratie em Amerique*, Paris 1864, II, p.151). Quem não se

(ADORNO, 1959/1969, p. 148-149.) A indústria cultural – tendo o esporte como um de seus representantes – toma posse do lugar que antes era da religião.

²⁷ “Ninguém sabia de nada no dia, no dia seguinte não se falava em outra coisa. O São Paulo conquistara Leônidas. O negócio só podia ser feito assim em segredo, se alguém soubesse estragava tudo, aí é que o Rio Branco botava mesmo Gustavo de Carvalho para fora do Flamengo. Se a notícia da ida de Leônidas teve, aqui, o efeito de uma bomba, o grande acontecimento do dia para todos os jornais, os telegramas de guerra passando para um segundo plano, em São Paulo nem se fala.” (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 235.) “Se o jogador amasse o clube como ele, o torcedor estaria tranqüilo. Eis um amor que é como uma fortaleza inexpugnável. Se for amor mesmo. Como acreditar, porém, num amor pago se outros podem pagar mais?” (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 264.)

²⁸ Segundo Rodrigues Filho, Gastão Cruls sofreu; por ter unha encravada não conseguia jogar bola. Foi, assim, de certa forma excluído do colégio, afinal “todo mundo no São Vicente gostava de futebol, menos Gastão Cruls” (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 34): “*A Peluda* [bola de futebol feita pelos alunos] resolveu todos os problemas da hora do recreio. Inclusive o mais sério: o dos grupinhos do pátio, o das conversas dos alunos, os padres fora da conversa, não ouvindo nada. Um padre se aproximava, acabava a conversa. Jogando futebol ninguém podia conversar. Por isso, na hora do recreio, de tarde, depois das aulas, os alunos tinham de jogar futebol, formando times de trinta, quarenta jogadores, os padres no meio deles, de batinas arregaçadas, dando os seus pontapés, recebendo as suas caneladas. [...] Quem ficava de fora arranjando desculpas para não jogar, acabava saindo do colégio, não agüentava. O caso do Gastão Cruls. Gastão Cruls não teve nem tempo para se acostumar. Entrou em abril, com outros colegas do Ginásio Fluminense, nas férias de junho não voltou mais.” (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 33-34, grifo nosso.)

conforma é punido com uma impotência econômica que se prolonga na impotência espiritual do individualista. Excluído da atividade industrial, ele terá sua insuficiência facilmente comprovada (HORKHEIMER; ADORNO, 1947, p. 125).

Porém, não é só necessário torcer, é preciso conhecer o time e seus adversários, acompanhar todos os acontecimentos do “mundo do futebol”. Saber sobre as transações dos jogadores – trocados e vendidos como produto –, assistir aos outros “clássicos” para obter, assim, a informação necessária para que se tenha o que conversar. Essa adesão involuntária também prejudica a possível crítica:

Certamente, não se pode até o momento, por um estudo exato, provar com certeza o efeito regressivo de cada produto da indústria cultural; pesquisas imaginativamente concebidas fariam isso melhor do que seria do agrado dos círculos interessados e financeiramente poderosos. Mas a gota d’água acaba por perfurar a pedra, em particular porque o sistema da indústria cultural reorienta as massas, não permite quase a evasão e impõe sem cessar os esquemas de seu comportamento. E somente sua desconfiança profundamente inconsciente, o último resíduo em seu espírito da diferença entre a arte e a realidade empírica, que explica porque as massas não vejam e não aceitem de há muito o mundo tal como ele lhe é preparado pela indústria cultural (ADORNO, 1968/1987, p. 294).

A própria ideologia se torna verdade na adesão cega aos valores da indústria cultural, a falta de reflexão corrobora a alienação. Ao permanecer sob os ditames dessa ordem, o indivíduo se torna alvo fácil do controle do poder:

Os consumidores são os trabalhadores e os empregados, os lavradores e os pequenos burgueses. A produção capitalista os mantém tão bem presos em corpo e alma que eles sucumbem sem resistência ao que lhes é oferecido. Assim como os dominados sempre levaram mais a sério do que os dominadores a moral que deles recebiam, hoje em dia as massas logradas sucumbem mais facilmente ao mito do sucesso do que os bem-sucedidos. Elas têm os desejos deles. Obstinadamente, insistem na ideologia que as escraviza. O amor funesto do povo pelo mal que a ele se faz chega a se antecipar à astúcia das instâncias de controle (HORKHEIMER; ADORNO, 1947, p. 125).

Conjuntamente com a profissionalização do futebol, deu-se sua industrialização, transformando os times e as entidades nacionais em organizações rentáveis²⁹. No entanto, o objetivo consciente de assistir à partida é obter a emoção que ela provoca, por se tratar de um esporte com resultados imprevisíveis, repleto de jogadas que não concretizam a expectativa maior, que é a do gol – a qual, podemos dizer, está associada à ideologia do desempenho, da vitória e da “virilidade”. Outra finalidade, não menos importante, diz respeito às belas jogadas dos craques, que enchem os olhos dos espectadores. Porém, como em quase tudo ligado à indústria cultural, é preciso conhecer bem o produto apreciado, para demonstrar estar inteirado nas conversas de bar, no colégio, ou no trabalho:

O que se poderia chamar de valor de uso na recepção dos bens culturais é substituído pelo valor de troca; ao invés do prazer, o que se busca é assistir e estar informado, o que se quer é conquistar prestígio e não se tornar um conhecedor. O consumidor torna-se a ideologia da indústria da diversão, de cujas instituições não consegue escapar. É preciso ver *Mrs. Miniver*, do mesmo modo que é preciso assinar a revista *Life e Time*. Tudo é percebido do ponto de vista da possibilidade de servir para outra coisa, por mais vaga que seja a percepção dessa coisa. Tudo só tem valor na medida em que se pode trocá-lo, não na medida que algo é em si mesmo. (HORKHEIMER; ADORNO, 1947 p. 148).

Conhecer o futebol, as transações dos times, os elencos, os resultados dos jogos, a disposição da tabela, torna o indivíduo apto a conversar com inúmeras pessoas de diferentes classes. De certo modo, pode-se dizer que há uma superação de barreiras sociais, no entanto essa superação é ilusória, na medida em que é restrita ao assunto futebol e também em razão de sua efemeridade.

Enfim, o futebol transformado em indústria da cultura vem como deterioração da própria arte a ele inerente; torna-se mero aparato da alienação no esquema *panis et circencis*. A alienação do povo é inevitável: defende a própria prisão de modo inexpugnável. Porém, o futebol tem sua

²⁹ Como mostrado no capítulo 2.

beleza, sua arte, um encanto único quando jogado por um atleta que baila em campo. Enfim, o futebol tem suas contradições e o torcedor as reflete.

Não obstante, é a ordem vigente que cria esse homem bruto e violento; tanto nas opiniões quanto nas atitudes, é essa falta de sentido na vida, a falta de ideais e a ideologia que criam e recriam humanos desumanos. A violência é gerada, também, e ainda mais, nas desigualdades e nas frustrações do cotidiano. Buford se expressa bem:

Essa geração entediada, vazia e decadente consiste em nada mais do que aquilo que aparenta ser. Trata-se de uma cultura jovem desprovida de mistério, tão estanque que se utiliza de violência para despertar a si própria. Aferroa a si própria para que possa sentir alguma coisa: queima a própria carne para que esta exale algum odor (BUFORD, 1991, p. 240).

4 O ESPORTE NO CAPITALISMO TARDIO

O futebol e os esportes da sociedade moderna ocidental, em geral, têm, como um dos principais elementos de sua composição, a competição. É ela quem comanda o jogo: está nas partidas das aulas de educação física, nos campinhos das praças de recreação, nas quadras dos clubes esportivos. Enfim, pode-se dizer que quase todo esporte está ligado à competição, não fosse pelos individuais, como a corrida e o nado, quando visam ao bem-estar físico tão almejado na sociedade atual.

A competição se encaixa perfeitamente na ideologia do capitalismo tardio, pois visa à vitória do forte diante do mais fraco. Nas palavras de Oliveira:

Esse princípio [da competição] tem orientado uma prática escolar calcada na força, na superação constante de limites e obstáculos, na eliminação do outro, enfim, nas várias formas manifestas de dominação. E tem sido justificativa de manutenção de procedimentos incapazes de levar a cabo a formação humana em sua plenitude (OLIVEIRA, 2000, p. 12).

Em sua crítica à educação física moderna, Oliveira é severo quando se trata da competição:

[...] muito se advoga que a competição é um elemento "natural", constitutivo do próprio homem. Ora, o processo de constituição do indivíduo representa [...] a separação do homem da natureza. A justificativa da competição como um *a priori* natural estaria no seu sentido diametralmente oposto, uma vez que superando a natureza, o homem teria superado o seu impulso competitivo de quando ainda se confundia com ela, ou seja, de quando ainda necessitava dominá-la para autoconservar-se. Mas sabemos que não foi assim: a dominação da natureza é um dos elementos mais caros às práticas competitivas: superação de marcas, de obstáculos, de limites, de adversários são a sua face mais aparente (OLIVEIRA, 2000, p. 14).

Para esse autor, a competição já é parte do processo de constituição do indivíduo, ou seja, ela estaria calcada pela lógica de dominação da natureza e do outro:

[...] no sacrifício, na astúcia, na atomização dos indivíduos tornados mônadas e na reificação das relações entre os indivíduos e entre esses e a natureza [...] a dominação do outro, ou pelo menos a sua superação, implica claramente um afastamento para poder dominar, ou seja, num estranhamento. Esse estranhamento pelo sujeito diferente oferece a oportunidade para que o reconheçamos como diferente, mas também, para que nos lancemos contra ele como algo estranho. O outro que divide conosco o momento competitivo se nos apresenta como algo a ser superado, vencido, abatido, dominado, subsumido à escala hierárquica onde despontamos como os grandes vencedores (OLIVEIRA, 2000, p. 15).

Oliveira é enfático ao pugnar com as práticas competitivas³⁰. Ao autor, essas prejudicam a formação dos indivíduos de maneiras distintas. Para ele, além de serem regressivas, elas têm esse caráter autoritário, no qual há vencedor e vencido, em que o vencedor acaba por reconhecer a fraqueza do vencido e o vencido, a força do vencedor. Nessa dinâmica há dominação e sacrifício e um comportamento claramente sadomasoquista (Oliveira, 2000).

Não entrando muito no conceito de competição, Pociello (1995), apesar de escrever que as práticas de amor e justiça são quase onipresentes no mundo atual, coloca que o esporte surge como o lado primitivo da sociedade, em que atitudes como a força bruta e a virilidade ainda prevalecem:

De seu lado, os esportes coletivos permanecem como substitutos simbólicos da guerra, guerras eufêmicas de conquista e de defesa de território (que a recuperação dos nacionalismos não vai reduzir) e que conservam, em suas estruturas regulamentares e em sua inteligência de jogo, todos os esquemas táticos fundamentais da batalha. De todo modo, eles representam também os últimos reservatórios das virtudes viris, das forças camponesas ou das qualidades operárias que as culturas masculinas defendem, com unhas e dentes, face às duas ofensivas descritas e que constituem na realidade, insuportáveis ofensas (POCIELLO, 1995, p. 119).

³⁰ Adorno também discorre sobre a competição: “Partilho inteiramente do ponto de vista segundo o qual a competição é um princípio no fundo contrário a uma educação humana. De resto, acredito também que um ensino que se realiza em formas humanas de maneira alguma última o fortalecimento do instinto de competição. Quando muito é possível educar desta maneira esportistas, mas não pessoas desbarbarizadas. Em minha própria época escolar, lembro que nas chamadas humanidades a competição não desempenhou papel algum. O importante era realizar aquilo que se tinha aprendido; por exemplo refletir acerca das debilidades do que a gente mesmo faz; ou as

Já Bastidas escreve de um futebol administrado, do esporte contemporâneo como fonte de renda transformado em empresa para gerar receita e altos lucros:

No plano financeiro, estima-se que um evento como a Copa do Mundo de 2002 envolve cerca de 25 bilhões de dólares (Carta Capital, 1996). Outro exemplo relacionado com a grandiosidade das cifras: o *Manchester United*, transformado em clube-empresa, negocia suas ações na Bolsa de Valores e possui um volume de 800 milhões de dólares (Brunoro e Afif, 1997, p. 26). Hoje, de acordo com os mesmos autores, o futebol tornou-se um dos negócios mais lucrativos do planeta (BASTIDAS, 2002, p. 15)³¹.

Bastidas (2002) também cita as cifras de alguns clubes brasileiros, como a Sociedade Esportiva Palmeiras, que teve vínculo com a empresa Parmalat e na época tinha um alto faturamento. Percebe-se que os clubes deixaram, há muito tempo, de ser sede do prazer pelo esporte em si para se tornarem empresas de entretenimento.

Hoje o futebol, diferentemente do que ocorria em seus primórdios, aparece à venda como qualquer produto ou *souvenir*, tem marca, empresa, logotipo, plano de *marketing*, produtos e peças – sendo estas os próprios jogadores. O futebol vem a calhar porque distrai o trabalhador e o descansa para mais trabalho, tem fácil acesso e não convida à reflexão, portanto não há crítica à ideologia.

Os jogadores, peças de um esquema do técnico, são treinados de modo que cada um consiga um desempenho melhor, tanto em suas principais qualidades futebolísticas quanto naquilo em que é deficiente; tanto em suas características individuais quanto naquelas que remetem ao grupo. Treinam

exigências que colocamos para nós mesmos ou à objetivação daquilo que imaginávamos; trabalhar no sentido de superar representações infantis e infantilismos dos mais diferentes tipos.”(ADORNO, 1968/2003a, p. 161-162.)

³¹ Santos (2004) fala do ganho das marcas esportivas: “O mercado esportivo, considerando-se as diversas modalidades, movimenta algo em torno de 20 bilhões de dólares em todo o mundo. A Nike, por exemplo, faturou cerca de 6,5 bilhões de dólares em 1996, por meio de suas vendas através do planeta, sendo a líder das marcas de material esportivo, desde 1987, à frente da Reebok e da Adidas, que faturaram, naquele ano, 1,5 bilhões e 2,5 bilhões de dólares respectivamente. E só para ter idéia de como o futebol tornou-se uma fatia significativa do mercado publicitário para os fabricantes de material esportivo, a Nike firmou um contrato de exclusividade com a CBF por 10 anos, tornando-se patrocinadora da seleção brasileira por uma quantia estimada em 200 milhões de dólares. Através desse contrato a empresa terá o direito de usar a imagem da seleção brasileira, o que poderá render aos cofres da CBF 400 milhões de dólares se considerarmos os ganhos provenientes dos royalties incidentes sobre a venda dos produtos das empresa (cf. Brunoro & Afif, p.44).” (SANTOS, 2004, p. 71-72.)

de diferentes formas com diversos especialistas, melhoram a musculatura, o condicionamento físico, a técnica, a parte tática e, por vezes, têm algum atendimento psicológico individual ou grupal³². Como peças em uma esteira, cada atleta é moldado para se adequar da melhor maneira possível às exigências do mercado e à própria torcida – esta, o principal produto da indústria do futebol, pois tudo é feito para que ela cresça e se mantenha “fiel”:

Os esportes, sobretudo os coletivos, são modelares para a sociedade industrial, que preserva o capitalismo. A especialização dos papéis, a substituição para cada posto, os objetivos, a organização, lembram a empresa. A ênfase na equipe em detrimento das qualidades individuais realça o objetivo de vencer. A tática do treinador deve selecionar as habilidades necessárias para o seu êxito. A espontaneidade dá lugar à organização; a habilidade à burocracia, que também atinge a tática (interessante que, no futebol, dá-se o nome de virilidade para a eficiência). Cada jogador deve ocupar o seu lugar e cumprir a sua função. Não são as individualidades que compõem o todo, pela relação entre os seus integrantes, mas o seu empobrecimento, que ocorre no momento em que devem se encaixar na tática do treinador para obter o resultado almejado. A tática não deveria servir para a restrição das habilidades dos jogadores e, sim, para o seu pleno desenvolvimento. Assim como o prazer é negado para que o sofrimento não ocorra, desiste-se do lúdico, do belo, para se evitar a derrota. Certamente, há exagero nessa crítica; não obstante, a discussão que contrapõe o futebol-arte ao futebol-eficiente lhe empresta validade. A razão que busca a eficiência também deve ser a base de uma sociedade humana pacificada, mas para a libertação do prazer e não para a sua contenção (CROCHÍK, 2000, p. 40-41).

Crochík (2000) escreve sobre esse esporte administrado que se atém à vitória em detrimento do prazer esportivo. Uma prática regularizada por padrões que limitam as possibilidades de o humano superar a natureza e seus limites. O futebol atual, principalmente aquele praticado profissionalmente, detém algumas dessas características. Porém, a “pelada” jogada nas ruas ou nos campos de futebol *society* alugados acabam adquirindo os mesmos traços do futebol profissional, como se este fosse um exemplo a ser seguido.

³² Pouco se pode dizer desses atendimentos, mas sabe-se que visam principalmente ao desempenho do atleta, o que gera desconfiança quanto à sua seriedade.

E a influência do futebol profissional atual nas relações do indivíduo ainda pode ser pensada com base na concepção de herói, daquele que representa os ideais de cada um e da sociedade, como um disseminador da ideologia:

Segundo Horkheimer e Adorno (1947), os espectadores sabem que jamais poderão ocupar o lugar dos heróis representados, a não ser por um golpe de sorte e, assim, estão esclarecidos sobre as possibilidades de ascensão social, que não ocorrem como em outros tempos, pela competência individual (CROCHÍK, 2000, p. 39).

Segundo Crochík, essa identificação com o herói substitui a identificação entre os homens reais:

Assim, há pouca comoção quando se sabe da morte de um conhecido, que não faça parte do pequeno círculo familiar e de amizade, e que, todavia, é conhecido, mas sofre-se imensamente com a morte do ídolo; a sensibilidade para a experiência real é substituída pela relação com o ideal da indústria cultural. O ideal se torna real e o real é negado, a não ser que siga as formas do ideal. O ideal da indústria cultural não deve fugir, no entanto, do culto aos fatos, e, assim, é fatal a identificação promovida entre esse ideal e o mundo existente (CROCHÍK, 2000, p. 39)

Para esse autor, a indústria cultural, utilizando-se também do esporte, busca recuperar o sentido da vida que a sociedade industrial retirou dos homens. Para tanto, exalta um indivíduo forte e vencedor que ilusoriamente restitui esse sentido vencendo as injustiças que lhe são imputadas:

A idéia que transmite não é a de uma sociedade injusta, mas a de que a injustiça é gerada por homens deformados, que, em geral, são apresentados como irrecuperáveis. A esses homens se contrapõe o vencedor. O ídolo do esporte, o ídolo da música e o ídolo da novela, apesar da peculiaridade de seu ofício, apresentam a imagem do homem bem-sucedido, que por seu esforço venceu na vida, quando, conforme se afirmou antes, não há mais lugar para o vencedor. Esse é tão substituível quanto aqueles que o idolatram (CROCHÍK, 2000, p. 39).

A formação – ou a deformação – de indivíduos que ficam atrelados a esses falsos ideais é um impeditivo a mais na busca da autonomia e da emancipação. Com base nesse trecho pode-se refletir também sobre a resignação no reconhecimento da força do outro.

No entanto, as opiniões negativas acerca do esporte têm ainda mais vigor nas palavras de Adorno, que, ao comentar as opiniões de Veblen sobre o tema, fez duras críticas ao esporte:

A paixão esportiva é, segundo Veblen, de natureza regressiva: “A base de uma inclinação para os esportes é uma constituição espiritual arcaica”. Mas nada é mais moderno do que esse arcaísmo: as organizações esportivas foram o modelo das manifestações de massa dos Estados Totalitários. Enquanto excessos tolerados, elas combinam o momento da crueldade e da agressão com os conteúdos disciplinadores e autoritários das regras de jogo: são legais como os pogroms da democracia popular e da Alemanha nazista (ADORNO, 1941/1997, p. 76).

Segundo Adorno, Veblen vê o esporte como uma “pseudo-atividade”:

[...] como a canalização de energias que em outras direções poderiam se tornar perigosas; como atividade sem sentido, condecorada com falsas insígnias de seriedade e de significado. Quanto menos as pessoas precisam ganhar a vida, mais se sentem forçadas a invocar a aparência de atividade séria e socialmente aprovada, embora desinteressada. Ao mesmo tempo, porém, o esporte corresponde ao espírito predatório, um espírito agressivo e prático. Ele oferece um denominador comum para os desideratos antagônicos da ação racional e do desperdício de tempo. Transforma-se, assim, em elemento de enganação, de *make believe* (ADORNO, 1941/1997, p. 76).

No entanto, para o autor, a análise de Veblen deveria ser aperfeiçoada. O autor aponta outras características do esporte ainda prejudiciais:

Pois é próprio do esporte não apenas o impulso à violência, mas também o impulso à obediência e ao sofrimento. Apenas a psicologia racionalista de Veblen o impede de ver o momento masoquista do esporte, que faz do espírito esportivo não tanto um resquício de antigas formas de sociedade, mas também e talvez, principalmente, uma adaptação inicial a essa sua nova e ameaçadora forma – em oposição ao lamento de Veblen de que as “instituições” teriam ficado atrasadas em relação ao espírito industrial, que se limita, é claro, à tecnologia. Poder-se-ia afirmar que o esporte moderno pretende restituir ao

corpo uma parte das funções que lhe foram retiradas pelas máquinas. Mas o esporte pretende treinar os homens da maneira mais impiedosa possível, para colocá-lo a serviço das máquinas. Ele acaba por assimilar o próprio corpo à máquina. O esporte pertence, por isso, ao reino da ausência de liberdade onde quer que seja organizado (ADORNO, 1941/1997, p. 76).

Nessa citação percebe-se uma crítica ferrenha ao esporte, colocando-o como um supressor da liberdade o qual transforma o homem em máquina por meio de um treinamento para adaptação às mais variadas formas de sofrimento e alienação³³. Refletindo sobre essas colocações, pode-se indagar se o torcer, nessa sociedade, é ainda algo mais regredido e se pode incitar à violência por já estar ligado a algo que contém essa regressão.

O futebol no capitalismo tardio tem muito do que foi discutido neste capítulo. Suprimido de seus potenciais, ele se torna mais uma peça da maquinaria da alienação e do treino à obediência. Repetimos que nosso objetivo não é fazer uma contraposição ao futebol, mas expor os limites deste nesta sociedade.

³³ Sevcenko (1994) escreve: “[...] não apenas em função das exigências do ritmo de produção cadenciado pelas máquinas e de situações de emergência como as guerras ou grandes evacuações, é que as autoridades desde cedo começaram a investir pesado em educação física, atletismo, esportes e disciplina coletiva. Há aí até um sutil jogo de polarizações, dado que, uma vez postas as condições tecnológicas que exigiam uma automação das reações físicas e reflexos humanos, houve uma tendência adaptativa no sentido de buscar um novo condicionamento corporal partindo da própria população, que se dispôs a uma intensificação e diversificação de seus dispêndios físicos, os quais em muitos casos só ulteriormente foram direcionados e formalizados em termos institucionais pelas autoridades ou pela nascente indústria das diversões e entretenimentos baratos. [...] Assim, quanto mais cedo uma criança for exposta a esses estímulos de condicionamento, tanto mais fundo e rapidamente eles irão se compor como um repertório inconsciente de reações automatizadas, que irá garantir o perfeito ajustamento deste ser humano às múltiplas contingências e solicitações físicas do ambiente urbano.”(SEVCENKO, 1994, p. 34-35.)

5 PERSPECTIVA FREUDIANA ACERCA DAS MASSAS

5.1 FUNDAMENTOS

No texto *Psicologia de grupo e análise do ego*, Freud (1921/1974a) faz um estudo dos grupos. Segundo o tradutor, Freud usa nesse texto a palavra alemã *massen*, bem abrangente, que designa tanto “grupo” quanto “multidão”, “massa”. Entenderemos a palavra “grupo” da maneira como ela foi tratada pelo tradutor.

Nos primeiros capítulos desse texto, Freud analisa alguns estudos de dois teóricos das massa: Le Bon e McDougall, e, entre outras coisas, percebe que ambos descrevem os seguintes fenômenos em situações grupais: inibição do intelecto do indivíduo, intenso aumento da afetividade e aumento da sugestibilidade.

Nesse trabalho, Freud introduz sua concepção de líder e menciona o conceito de libido:

Tentaremos por nossa sorte, então, com a suposição de que as relações amorosas (ou, para empregar expressão mais neutra, os laços emocionais) constituem também a essência da mente grupal. Recordemos que as autoridades não fazem menção a nenhuma dessas relações. Aquilo que lhes corresponderia está evidentemente oculto por detrás do abrigo, do biombo da sugestão. Em primeira instância, nossa hipótese encontra apoio em duas reflexões de rotina. Primeiro, a de que um grupo é claramente mantido unido por um poder de alguma espécie; e a que poder poderia essa façanha ser mais bem atribuída do que a Eros, que mantém unido tudo o que existe no mundo? Segundo, a de que, se um indivíduo abandona a sua distintividade num grupo e permite que seus outros membros o influenciem por sugestão, isso nos dá a impressão de que o faz por sentir necessidade de estar em harmonia com eles, de preferência a estar em oposição a eles, de maneira que, afinal de contas, talvez o faça “*ihnen zu Liebe*”³⁴ (FREUD, 1921/1974a, p. 117-118)³⁵.

³⁴ Segundo nota de rodapé do próprio texto, essa é uma expressão idiomática que significa: “em consideração a eles” e literalmente ‘pelo amor deles’”.

³⁵ Essas considerações sobre o que ocorre com o indivíduo quando em grupo, principalmente quanto à sugestão, podem ser reconhecidas no relato de Buford, citado no capítulo 1. E podem ser relacionados tanto ao torcedor organizado quanto ao comum.

Mais à frente, no estudo de dois grupos artificiais³⁶ – a igreja e o exército –, Freud fala de uma certa força externa que os impele a se unirem³⁷, a não se dissolverem e a não alterarem sua estrutura e que castiga qualquer tentativa de desagregação por parte dos membros:

Numa Igreja (e podemos com proveito tomar a Igreja Católica como exemplo típico), bem como num exército, por mais diferentes que ambos possam ser em outros aspectos, prevalece a mesma ilusão de que há um cabeça — na Igreja Católica, Cristo; num exército, o comandante-chefe — que ama todos os indivíduos do grupo com um amor igual. Tudo depende dessa ilusão; se ela tivesse de ser abandonada, então tanto a Igreja quanto o exército se dissolveriam, até onde a força externa lhes permitisse fazê-lo (FREUD, 1921/1974a, p. 120).

Na igreja todos têm a ilusão de amar a Cristo e serem amados igualmente por ele. Amam-se entre si por esse amor de Cristo. Não se pode dizer que Cristo seja um líder, como é um general de um exército, mas algo que o afigura como líder é o fato de estar em um plano de certa forma ideal, superior. Freud dá a esse amor o nome de laços libidinais. Estes são verticais – a relação de cada integrante com o líder – e horizontais – a relação entre os membros dos grupos – e se correlacionam: os indivíduos do grupo não se amariam entre si se não amassem antes os líderes; dessa forma, o indivíduo se vê preso ao grupo em duas direções por laços libidinais bastante intensos. Com isso, de acordo com Freud, fica fácil perceber por que ocorrem a alteração e a limitação intelectual observadas na personalidade do indivíduo em grupo. Nossa hipótese é de que os clubes de futebol estariam nesse plano ideal, seriam eles que, nesse papel, tomariam o lugar do ideal de ego do torcedor, é a eles que os torcedores amam incondicionalmente.

A perda do líder, ou o nascimento de uma suspeita sobre ele, para Freud, enceta o pânico grupal³⁸. Os grupos perdem sua coesão³⁹, não há obediência, cada membro só se preocupa

³⁶ Que se diferem dos grupos espontâneos pois estes se formam e se dissolvem espontaneamente.

³⁷ A idéia de que não há escolha para integrar ou não determinada torcida será discutida posteriormente.

consigo. “Os laços mútuos deixaram de existir e libera-se um medo gigantesco e insensato.” (FREUD, 1921/1974a, p. 122.) O pânico, nesse caso, não tem apenas relação com o perigo, mas também com a dissolução do grupo; membros de um exército que antes lutavam juntos, por exemplo, com o fim dos laços passam a lutar sozinhos e, sentindo-se desamparados, entram em pânico⁴⁰.

Na análise do pânico nos grupos religiosos, Freud cita estudos importantes à nossa pesquisa, como uma obra inglesa de origem católica intitulada *When it was dark*, que conta a história de falsificadores que fizeram em um sepulcro uma falsa inscrição de José de Arimatéia na qual que este confessava ter mudado Cristo de lugar após sua morte. Com isso caía a crença na ressurreição de Cristo e, portanto, em sua divindade. Como efeito, ocorreu um surto de crimes e ato violentos que só cessaram quando foi revelado o embuste. Segundo a interpretação de Freud, o pânico religioso tem um aspecto distinto do militar, e parece-nos mais próximo do que queremos estudar:

O fenômeno que acompanha a dissolução que aqui se supõe dominar um grupo religioso, não é o medo, para o qual falta a ocasião. Em vez dele, impulsos cruéis e hostis para com outras pessoas fazem seu aparecimento, impulsos que, devido ao amor equânime de Cristo, haviam sido anteriormente incapazes de fazê-lo. Mas, mesmo durante o reino de Cristo, aqueles que não pertencem à comunidade de crentes, que não o amam e a quem ele não ama, permanecem fora de tal laço. Desse modo, uma religião, mesmo que se chame a si mesma de religião do amor, tem de ser dura e inclemente para com aqueles que a ela não pertencem. Fundamentalmente, na verdade, toda religião é, dessa mesma maneira, uma religião de amor para todos aqueles a quem abrange, ao passo que a crueldade e a intolerância para com os que não lhes pertencem, são naturais a todas as religiões. Por mais difícil que possamos achá-lo pessoalmente, não devemos censurar os crentes severamente demais por causa disso; as pessoas que são descrentes ou

³⁸ Freud faz uma alusão à “perda da cabeça” do líder: “A ocasião típica da irrupção de pânico assemelha-se muito à que é representada na paródia de Nestroy, da peça de Hebbel, sobre Judite e Holofernes. Um soldado brada: ‘O general perdeu a cabeça!’ e, imediatamente, todos os assírios empreendem a fuga. A perda do líder, num sentido ou noutro, o nascimento de suspeitas sobre ele, trazem a irrupção do pânico, embora o perigo permaneça o mesmo; os laços mútuos entre os membros do grupo via de regra desaparecem ao mesmo tempo que o laço com seu líder.” (FREUD, 1921/1974a, p. 124.)

³⁹ Segundo Santos (2004), a torcida Independente é tida pelos presidentes da Mancha Verde e da Gaviões da Fiel como a mais violenta e desorganizada, pela falta de líderes que orientem os grupos devidamente.

⁴⁰ Veremos posteriormente a versão de Adorno et al. (1950/1965) para essa tendência do grupo.

indiferentes estão psicologicamente em situação muito melhor nessa questão [da crueldade e da intolerância]. Se hoje a intolerância não mais se apresenta tão violenta e cruel como em séculos anteriores, dificilmente podemos concluir que ocorreu uma suavização nos costumes humanos. A causa deve ser antes achada no inegável enfraquecimento dos sentimentos religiosos e dos laços libidinais que deles dependem. Se outro laço grupal tomar o lugar do religioso⁴¹ — e o socialista parece estar obtendo sucesso em conseguir isso —, haverá então a mesma intolerância para com os profanos que ocorreu na época das Guerras de Religião, e, se diferenças entre opiniões científicas chegassem um dia a atingir uma significação semelhante para grupos, o mesmo resultado se repetiria mais uma vez com essa nova motivação (FREUD, 1921/1974a, p. 125).

Posteriormente, o autor escreve que uma idéia, uma abstração ou um desejo podem representar esse líder. O líder ou a idéia dominante podiam ter uma função negativa como o ódio a algo ou a uma pessoa. O fato é que, para ele, sem laços libidinais não há grupo, há apenas uma reunião de pessoas.

Na torcida, o clube pode ser pensado como essa abstração que representa o líder. O time é seguido, louvado e cantado fielmente. O torcedor organizado ainda detém as insígnias de sua facção para defender, mas ao torcedor comum apenas o clube tem importância, é ele a única motivação, o centro, o que move esse grupo.

Ainda de acordo com Freud, as hostilidades contra os próximos mas diferentes – como os ingleses e franceses –, bem como as brigas nas relações próximas – entre amigos, marido e mulher, pais e filhos – adviriam de uma certa ambivalência de sentimentos que pode ocasionar um ato violento contra o próprio líder, ou em direção ao ente amado, “por meio das numerosas ocasiões para conflitos de interesse que surgem precisamente em tais relações mais próximas” (FREUD, 1921/1974a, p. 129). Já as antipatias para com os estranhos e os diferentes decorreriam do narcisismo, que repudiaria até aqueles com pequenas diferenças:

Esse amor a si mesmo trabalha para a preservação do indivíduo e comporta-se como se a ocorrência de qualquer divergência de suas próprias linhas específicas de desenvolvimento envolvesse uma crítica delas e uma exigência de sua alteração. Não

⁴¹ Aqui não podemos deixar de fazer referência ao efeito das torcidas organizadas e da própria torcida comum.

sabemos por que tal sensibilidade deva dirigir-se exatamente a esses pormenores de diferenciação, mas é inequívoco que, com relação a tudo isso, os homens dão provas de uma presteza a odiar, de uma agressividade cuja fonte é desconhecida, e à qual se fica tentado a atribuir um caráter elementar⁴² (FREUD, 1921/1974a, p. 129).

As relações amorosas, ou melhor, libidinais, nos grupos ocorrem de maneira inibida em seus fins, sublimadas. As pulsões sexuais são desviadas de seus objetivos. Para Freud, se caracterizam como gradações do estado de “estar amando” e nelas ocorre uma “certa usurpação do ego” (FREUD, 1921/1974a, p. 131). Pode-se falar, quanto ao nosso objeto, que o time de futebol é amado e, posteriormente, os integrantes de sua torcida o são. Freud faz uma reflexão sobre o “estar amando” para obter um melhor entendimento do grupo e inicia com o estudo da identificação: laços emocionais de difícil descrição. Identificação que pode ser pensada no amor ao clube, se pensarmos como se chega a torcer por um time, o que também não tem uma fácil descrição.

A identificação é a mais primitiva expressão de laço emocional, o garoto quer ser o pai e, de certa forma, incorporá-lo. “Pode dizer simplesmente que toma o pai como ideal.” (FREUD, 1921/1974a, p. 133.) Toma o pai como o modelo e deseja a mãe; seu complexo edípico se origina aí. Para Freud (1921/1974a), a identificação busca moldar o próprio ego de alguém segundo o aspecto do modelo tomado. Muitas vezes o filho escolhe torcer para o time de opção do pai ou de alguém admirado, mas nem sempre: hoje a mídia, os times que vencem mais e os jogadores ídolos também definem o time para qual cada um torcerá.

A menina, por querer tomar o lugar da mãe, sente-se culpada e torna-se histérica, ou, por desejar o pai, imita-o, quando a escolha de objeto regride à identificação por meio da repressão. Ou essa identificação surge na percepção de uma qualidade comum compartilhada com pessoa(s) não objeto(s) do instinto sexual. Daí decorre uma identificação parcial, e, quanto mais importante

⁴² Freud coloca em nota de rodapé o seu conceito de instinto de morte, que se contraporía ao de vida, mais puro.

é essa qualidade comum partilhada, mais é bem-sucedida, representando o início de um novo laço. Esse tipo de laço caracteriza parte das relações em grupo:

Já começamos a adivinhar que o laço mútuo existente entre os membros de um grupo é da natureza de uma identificação desse tipo, baseada numa importante qualidade emocional comum, e podemos suspeitar que essa qualidade comum reside na natureza do laço com o líder (FREUD, 1921/1974a, p. 136).

No capítulo VIII, *Estar amando e hipnose*, Freud apresenta pela primeira vez nesse texto o conceito de ideal do ego⁴³, fundamental para a psicologia de grupos freudiana por ser em torno dele que a teoria e o grupo se formam.

Vemos que o objeto está sendo tratado da mesma maneira que nosso próprio ego, de modo que, quando estamos amando, uma quantidade considerável de libido narcisista transborda para o objeto. Em muitas formas de escolha amorosa, é fato evidente que o objeto serve de sucedâneo para algum inatingido ideal do ego de nós mesmos. Nós o amamos por causa das perfeições que nos esforçamos por conseguir para nosso próprio ego e que agora gostaríamos de adquirir, dessa maneira indireta, como meio de satisfazer nosso narcisismo (FREUD, 1921/1974a, p. 143).

A ideologia dominante – que persegue a vitória –, a força e os aspectos da própria grandeza do clube e de sua torcida levam a um ego que pode ser consumido pelo objeto. Na tentativa de alcançar esse ideal, os impulsos com inclinações estritamente sexuais ganham outra conotação, caindo para um plano inferior; o ego fica mais modesto e o objeto em um plano cada vez mais superior, até que este consuma todo o auto-amor sacrificado pelo ego em seu favor. Os valores do objeto são abstratos e reverenciados, tomam o lugar do ideal do ego, que deixa de

⁴³ Mas é em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (FREUD, 1914/1974c) que Freud introduz o conceito de ideal do ego, conceito que sofre alterações na medida em que é empregado pelo autor em outros textos – como *O tabu da virgindade* (FREUD, 1917-1918/1974d) – e se aproxima cada vez mais do conceito de superego, a consciência moral do indivíduo, ou como parte desse superego como “função de ideal” – como é tratado por Freud no texto *O ego e o id* (FREUD, 1923/1974e).

funcionar⁴⁴. Um bom exemplo no futebol são as opiniões dos torcedores sobre seus clubes, as quais quase nunca estão de acordo com a realidade: os jogadores do time, a comissão técnica, a diretoria do clube, tudo pode estar ruim, menos a entidade time, o clube *per se*:

A crítica exercida por essa instância silencia; tudo que o objeto faz e pede é correto e inocente. A consciência não se aplica a nada que seja feito por amor do objeto; na cegueira do amor, a falta de piedade é levada até o diapasão do crime. A situação total pode ser inteiramente resumida numa fórmula: o objeto foi colocado no lugar do ideal do ego (Freud, 1921/1974a, p. 143).⁴⁵

Na identificação, o sujeito atribui a si características do objeto e assim se enriquece. Nesse tipo de relação amorosa extremada há uma fascinação ou servidão e, de certa forma, uma entrega ao objeto; substitui-se “o seu constituinte mais importante pelo objeto” (FREUD, 1921/1974a, p. 144).

Freud ainda diz haver uma dificuldade quanto à catexia de objeto; ele se pergunta se há realmente um abandono, se não pode haver identificações enquanto o objeto é mantido e se “o objeto é colocado no lugar do ego ou do ideal do ego” (FREUD, 1921/1974a, p. 144).

O hipnotizador se coloca no ideal do ego e a submissão desse amor servil se apresenta nas pessoas sob sugestão. A hipnose seria uma formação de grupo de duas pessoas. O hipnotizador vira único foco do hipnotizado, não há ninguém além dele. E denota parte do comportamento do sujeito do grupo ante o líder:

O fato de o ego experimentar, de maneira semelhante à do sonho, tudo que o hipnotizador possa pedir ou afirmar, lembra-nos que nos esquecemos de mencionar entre as funções de ideal do ego a tarefa de verificar a realidade das coisas. Não admira

⁴⁴ Um dos torcedores que Buford (1991) entrevistou em sua pesquisa trazia a tatuagem de um dos jogadores do time na testa, denotando uma esperança de que esse jogador não saísse do time mesmo que fosse vendido, atitude improvável. Os jogadores são invariavelmente chamados de mercenários por trocarem de time por dinheiro e demonstrarem pouco ou nenhum amor aos clubes.

⁴⁵ Aqui pode estar presente o fanatismo dos *hooligans* (BUFORD, 1991) e das torcidas organizadas (PIMENTA, 1997; SANTOS, 2004).

que o ego tome uma percepção por real, se a realidade dela é corroborada pela instância mental que ordinariamente desempenha o dever de testar a realidade das coisas. A completa ausência de impulsos que se acham inibidos em seus objetivos sexuais contribui ainda mais para a pureza extrema dos fenômenos. A relação hipnótica é a devoção ilimitada de alguém enamorado, mas excluída a satisfação sexual, ao passo que no caso real de estar amando esta espécie de satisfação é apenas temporariamente refreada e permanece em segundo plano, como um possível objeto para alguma ocasião posterior (FREUD, 1921/1974a, p. 145)⁴⁶.

As citações de Buford⁴⁷ dão essa idéia da sugestionabilidade do grupo⁴⁸ e da força do time como ideal do ego. O autor pôde sentir os laços libidinais do grupo aflorarem e embrenhou-se neles durante a comemoração de um gol. A massa, formada tanto por *hooligans* quanto por torcedores comuns, tinha seu líder – o time – que, quando cumpriu seu papel de ideal, enalteceu seus seguidores em uma louca comemoração. Dos laços de amor com o líder formaram-se os laços libidinais entre os representantes do grupo. A análise freudiana parece corroborada pela experiência de Buford, que perpassou pela sugestão, pelos laços libidinais e, principalmente, pela experiência do líder e, hipnotizado, se viu, de repente, a torcer. O líder ali se apresentava como um ideal, uma entidade por si só amada cujos seguidores se amam por consonância.

No grupo, o indivíduo substitui seu ideal de ego por um ideal do grupo, que pode ser corporificado em um líder ou colocado em uma entidade supraterrena, como Jesus, ou ainda em uma idéia, como a pátria⁴⁹. Freud coloca que o ideal – e aqui se percebe já o conceito de superego

⁴⁶ Essa falsificação da realidade é vista na já mencionada percepção do torcedor, seja nas arquibancadas, seja quando ele fala do time. O torcedor sobrepõe o time sempre, o mal resultado é atribuído a tudo, menos a essa entidade, já que realmente ela não pode ser culpada pelas derrotas e isso permite caracterizá-la como ideal de ego. Porém, nas vitórias é sempre enalticada.

⁴⁷ Estudadas no capítulo 1 deste trabalho.

⁴⁸ Também está presente na crônica de Rodrigues (1994) citada no primeiro capítulo: ao relatar uma vitória brasileira, fala do torcedor “em pileque sem ter bebido”, após o transe do jogo e da vitória do Brasil sobre a Espanha por 2 a 0 pela Copa do Mundo de 1962.

⁴⁹ Buford (1991) comenta o episódio da quase destruição de Turim por *hooligans* ingleses, quando estes lincharam pessoas da rua, destruíram casas e carros, espancaram ferozmente qualquer um que não fosse um deles, desafiaram policiais italianos e, após tudo isso, entoaram o hino inglês. “Era uma idéia extremamente simples, mas atroz: esses idiotas, desprezados em casa, ridicularizados na imprensa, incapazes de serem refreados por qualquer legislação impulsiva engendrada pelo governo, queriam uma Inglaterra para defender. Não queriam a Europa; não compreendiam a Europa e nem queriam compreender. Eles queriam uma guerra. Queriam uma nação a qual

– não pode ficar suspenso por muito tempo e que às vezes ocorre temporariamente uma certa união do ego com seu ideal em festivais, como no carnaval:

Mas o ideal do ego abrange a soma de todas as limitações a que o ego deve aquiescer e, por essa razão, a revogação do ideal constituiria necessariamente um magnífico festival para o ego, que mais uma vez poderia então se sentir satisfeito consigo próprio. [...] Há sempre uma sensação de triunfo quando algo no ego coincide com o ideal do ego. E o sentimento de culpa (bem como o de inferioridade) também pode ser entendido como uma expressão da tensão entre o ego e o ideal do ego (FREUD, 1921/1974a, p. 165-166).

O papel que o torcedor deve cumprir é o de sempre apoiar o time e acompanhá-lo em todos jogos; os torcedores cobram isso entre si e para si mesmos (SANTOS, 2004; PIMENTA, 1997).

5.2 AS MASSAS EM UMA NOVA CONCEPÇÃO HISTÓRICA

“Sim, imagino que um cão sabe menos de si próprio do que do dono que tem, nem sequer é capaz de reconhecer-se num espelho. Talvez o espelho do cão seja o dono, talvez só nele lhe seja possível reconhecer-se.”

José Saramago

O estudo de Marcuse, Horkheimer e Adorno a respeito de *Psicologia de grupo e análise do ego* (FREUD, 1921/1974a) analisa o texto em uma nova perspectiva histórica. Para esses autores, o indivíduo sofreu rigorosas mudanças com o decorrer do tempo e talvez já não correspondesse ao teorizado mesmo quando Freud o escreveu.

pertencer e pela qual lutar, ainda que a luta fosse aquela peça absurda de teatro de rua com a polícia italiana local.” (BUFORD, 1991, p. 275.)

Entre outras coisas, a formação do superego não se dá mais pela identificação com o pai e não é mais internalizado, de acordo com os autores. Na sociedade administrada as mídias de massa têm papel fundamental na formação do indivíduo:

O modelo psicanalítico clássico, segundo o qual o pai e a família dominada pelo pai eram o agente da socialização psíquica, perde seu valor uma vez que a sociedade dirige diretamente, através dos *mass media*, dos agrupamentos escolares e esportivos, dos bandos de jovens etc, o ego que está se constituindo (MARCUSE, 1965, p. 94).

A perda da importância do pai na formação, segundo Marcuse (1965), decorreu da decadência da empresa privada e familiar. Para o autor, aquilo que é necessário para se viver em sociedade e os ideais do indivíduo já não são mais aprendidos – e interiorizados – no conflito e na identificação com o pai:

O ideal do ego (*Ichideal*) é muito mais levado a agir diretamente e "de fora" sobre o ego, *antes ainda* que este se tenha constituído de fato como sujeito pessoal e (relativamente) autônomo da mediação entre o próprio *eu (Selbst)* e os outros. [...] Essas transformações reduzem o "espaço vital" e a autonomia do ego e preparam o terreno para o surgimento das *massas*. A mediação entre o eu (*Selbst*) e o outro dá lugar a uma identificação imediata. Na estrutura da sociedade, o indivíduo torna-se um objeto administrado, consciente e inconsciente, e obtém liberdade e satisfação em seu papel *como* um tal objeto; na estrutura psíquica o ego se contrai de tal maneira que já não parece capaz de se manter como um eu distinto do id e do superego. A dinâmica pluridimensional, em virtude da qual o indivíduo alcançava e mantinha seu equilíbrio entre a autonomia e a heteronomia, a liberdade e a repressão, o prazer e a dor, deu lugar a uma dinâmica unidimensional, a uma identificação estática do indivíduo com seus semelhantes e com o princípio de realidade administrado (MARCUSE, 1965, p. 94-95).

Nessa dinâmica unidimensional e estática, as massas insurgem como uma busca do indivíduo por se adequar aos padrões socialmente estabelecidos e não como uma busca por mudanças. O pensamento também fica prejudicado, apático; ele não é mais individual e autônomo, mas sim geral e heterônimo. Ao que parece, não há mais reflexão, e sim uma imposição de normas sociais, uma cartilha que rotula como deve ser o pensamento. Horkheimer e

Adorno, ao conceituarem a mentalidade do ticket⁵⁰, também expõem as dificuldades do indivíduo contemporâneo em se constituir como sujeito:

A decisão que o indivíduo deve tomar em cada situação não precisa mais resultar de uma dolorosa dialética interna da consciência moral, da autoconservação e das pulsões. Para as pessoas na esfera profissional, as decisões são tomadas pela hierarquia que vai das associações até a administração nacional; na esfera privada, pelo esquema da cultura de massa, que desapropria seus consumidores forçados de seus últimos impulsos internos. As associações e as celebridades assumem as funções do ego e do superego, e as massas, despojadas até mesmo da aparência da personalidade, deixam-se modelar muito mais docilmente segundo os modelos e palavras de ordem dadas, do que os instintos pela censura interna. Se, no liberalismo, a individuação de uma parte da população era uma condição da adaptação da sociedade em seu todo ao estágio da técnica, hoje, o funcionamento da aparelhagem econômica exige uma direção das massas que não seja perturbada pela individuação. A orientação economicamente determinada da sociedade em seu todo (que sempre prevaleceu na constituição física e espiritual dos homens) provoca a atrofia dos órgãos do indivíduo que atuavam no sentido de uma organização autônoma de sua existência (HORKHEIMER; ADORNO, 1947, p. 189-190).

Em *A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista*, Adorno (1951/2006) expressa suas reflexões acerca do conceito freudiano de ideal de ego, da posterior reformulação desse conceito em superego e de como essa instância foi substituída por um ideal do grupo, principalmente nas personalidades fascistas:

Elas [as personalidades fascistas] falham no desenvolvimento de uma consciência autônoma independente e substituem-na por uma identificação com a autoridade coletiva, a qual é tão irracional quanto Freud a descreveu, heterônoma, rigidamente opressiva, largamente estranha ao pensamento próprio dos indivíduos e, portanto, facilmente substituível apesar de sua rigidez estrutural⁵¹. O fenômeno é expresso

⁵⁰ Discutida no item 1.2.3.

⁵¹ Marcuse também discorre sobre essa regressão: “Freud especifica os seguintes traços como característicos da regressão que acompanha a constituição das massas: ‘Desaparecimento da personalidade individual consciente, orientação dos pensamentos e sentimentos na mesma direção, preponderância da afetividade e da vida psíquica inconsciente, tendência a executar imediatamente as intenções que surgem’. Esses traços regressivos indicam que o indivíduo renunciou ao seu ideal do ego, trocando-o pelo ideal do grupo, tal como encarnado no líder. Ora, parece que os sinais regressivos constatados por Freud podem ser observados de fato nos domínios avançados da sociedade industrial. A atrofia do ego, sua resistência reduzida aos outros manifestam-se na maneira com que permanentemente fica disponível para soluções que lhe são impostas de fora. A antena em cada casa, o rádio em cada praia, a vitrola em cada bar e restaurante são todos gritos de desespero para não ficarmos sós, separados dos grandes, condenados ao vazio, ao ódio ou aos sonhos do próprio eu (*Selbst*). E esses gritos arrastam os vizinhos, e mesmo os que ainda têm ou desejariam ter seu próprio ego estão condenados — um imenso auditório cativo cuja grande maioria se alegra com o encantador de ratos.” (MARCUSE, 1965, p. 97.)

adequadamente na fórmula nazista segundo a qual o que serve ao povo alemão é bom. O padrão reaparece nos discursos dos demagogos fascistas americanos que nunca apelam à consciência própria de seus potenciais seguidores mas invocam incessantemente valores externos, convencionais e estereotipados, os quais são tomados como certos e tratados como autoritariamente válidos sem jamais serem submetidos a um processo de experiência viva ou a um exame discursivo (ADORNO, 1951/2006, p. 72).

Em uma breve análise do texto freudiano, Horkheimer e Adorno (1956) percebem o lado positivo que Freud, diferentemente de outros teóricos, como Le Bon e McDougall, observou nas massas:

Segundo Freud, o mecanismo da identificação tem um lugar decisivo no processo de formação social, na cultura e na civilização, que Freud se nega a separar. Com a identificação tem início a "sublimação dos impulsos sexuais"; (Freud *Massenpsychologie und Ich-Analyse*, Op. Cit., pág 155) ela permite o aparecimento do "sentimento social". Neste sentido, "massa" tem, para Freud, uma conotação positiva. Ele descreveu-a como "a transição do egoísmo para o altruísmo" (op. cit pág. 112); a linguagem e os costumes seriam seus produtos e só por intermédio destes são possíveis as criações do espírito. Freud deixou em aberto o problema de estabelecer "quanto devem o pensador e o poeta aos estímulos que lhe provêm da massa em que vivem e pensam, ou se fazem algo mais do que levar à sua plenitude um trabalho psíquico em que os outros colaboraram, simultaneamente" (op. cit pág. 89). O elemento destruidor característico da massa, numa acepção geral, explica-se para Freud, precisamente, com a suspensão da formação em massa dessa identificação; quando esta termina, os impulsos agressivos voltam a ser libertados (HORKHEIMER; ADORNO, 1956, p. 84-85).

De acordo com a citação, é na massa, então, que seria possível aprender valores sociais na passagem do microgrupo família, escola, entre outros, para a sociedade, porém, com os aspectos regressivos da sociedade atual, a massa acaba por se tornar um catalisador de tensões.

Ainda elucidando o lado positivo das massas, os autores escrevem que aqueles que as impedem de colaborar com a formação são seus líderes, demagogos, que as manipulam da maneira que melhor lhes aprouver, e que hoje esses líderes são representados por instâncias poderosas:

Na realidade, esses demagogos já não correspondem à figura isolada do "tocador de tambor", em que eles querem se arvorar, nem são simples loucos ou psicopatas que

conseguem penetrar no recinto da sociedade normal; eles são, outrossim, expoentes de forças e interesses sociais mais poderosos, que conseguem predominar contra as massas e com a ajuda destas. O triunfo ou o fracasso do demagogo não depende apenas da técnica de domínio sobre as massas, mas também da possibilidade e capacidade para integrar a massa aos objetivos do mais forte. (Cf. Max Horkheimer: *Egoismus und Freiheitsbewegung*” em *Zeitschrift für Sozialforschung*, Ano V, 1936, págs 161 e segs) (HORKHEIMER; ADORNO, 1956, p. 86).

Para os autores, a massa é um produto da sociedade, e não algo que insurge naturalmente como um amálgama, ou seja, é o resultado da exploração consciente de fatores psicológicos inconscientes:

[...] proporciona aos indivíduos uma ilusão de proximidade e de união. Ora, essa ilusão pressupõe, justamente, a atomização, a alienação e a impotência individual. A debilidade objetiva de todos na sociedade moderna — aquela a que o psicanalista Nunberg chamou "Debilidade do Ego" (Cf. Herman Nunberg: "Allgemeine Neurosenlehre auf psychoanalytischer Grundlage", Berna/Berlim, 1932). — predispõe cada um, também, para a fragilidade subjetiva, para a capitulação na massa dos seguidores (HORKHEIMER; ADORNO, 1956, p. 87).

As torcidas, já que formadas nessa sociedade, também são constituídas por egos debilitados. A fragilidade subjetiva imputada pela sociedade facilita o trabalho das instâncias que se arvoram na busca de torcedores. Sendo assim, para Horkheimer e Adorno (1956), esses aspectos negativos não podem ser entendidos como próprios da massa, pois eles enxergam nela potencial libertador:

A identificação, seja com o coletivo, ou com a figura superpoderosa do Chefe, oferece ao indivíduo um substitutivo psicológico para o que, na realidade, lhe falta. [...] Assim, é uma autêntica cegueira dirigir recriminações veementes contra as massas cegas, opondo à ficção da "hegemonia funesta da massa" uma solicitude por uma chamada Personalidade, que é uma difamação desse conceito. O que cada indivíduo poderia fazer é esclarecer-se sobre o que o leva a converter-se em massa, para opor uma resistência consciente à propensão para "seguir à deriva" num comportamento de massa. Os modernos conhecimentos sociológicos e psicossociais podem oferecer uma valiosa ajuda para a aquisição dessa consciência. Eles podem, entretanto, rasgar a cortina ideológica predominante sobre a suposta inevitabilidade da existência massificada, e ajudar os homens a libertarem-se de um sortilégio cuja potência demoníaca terá a mesma duração da fé que os homens lhe outorgam (HORKHEIMER; ADORNO, 1956, p. 88).

Assim, é o esclarecimento o que Horkheimer e Adorno defendem como uma atitude que tiraria das massas esse “se deixar levar”, ao permitir reconhecerem-se não só como todo, mas também em suas particularidades individuais, seus papéis, sem serem levadas pelos mecanismos da sugestão aqui já expostos. O torcedor de futebol poderia demonstrar sua predileção por um time, mas, quiçá, se conteria antes de cometer atos violentos e não se submeteria à alienação imputada por aqueles que detêm o poder.

6 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE A EDUCAÇÃO, A TORCIDA E O ESPORTE

A educação do indivíduo moderno não pode ser desconsiderada ao pensarmos nas características do torcedor. Tanto a prática da torcida como a do esporte são produtos da educação vigente em nossa cultura. A proposta deste capítulo é reconhecer, com base na teoria crítica, o que na atual educação impele o indivíduo ao que há de regressivo nessas atitudes. Para Adorno, a educação deveria ser voltada primordialmente para o combate à barbárie, se trata de:

[...] algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização — e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza. Considero tão urgente impedir isto que eu reordenaria todos os outros objetivos educacionais por esta prioridade (ADORNO, 1968/2003a, p. 155)⁵².

A educação tem o dever de impedir a barbárie, mas os relatos expostos aqui, que dizem respeito às atitudes dos torcedores de futebol, demonstram que o processo de desbarbarização não está ocorrendo, ou não está fazendo efeito do modo que vem sendo promovido. O torcedor mantém sua atitude de violência, uma postura primitiva, muito aquém do que a que o desenvolvimento da civilização poderia favorecer.

Adorno (1965/2003b), ao descrever a barbárie, menciona alguns fãs da popular banda inglesa *The Beatles*, os quais cultuavam os integrantes desta como divindades. De modo análogo se comportam alguns torcedores em relação a certos jogadores e a seus times.

⁵² Adorno (1968/2003a) compara as rebeliões estudantis, que contêm reflexão política, com a atitude de torcedores que irrefletidamente agredem adversários verbal ou fisicamente nos estádios, e indica o segundo caso como exemplo de barbárie.

Para Adorno, a educação deveria também ter como meta “que Auschwitz não se repita” (ADORNO, 1969/2003c, p. 119) e, enquanto existisse tudo que levou a essa regressão, a barbárie persistiria. Entretanto, segundo o autor, a pressão social ainda se impõe sobre o sujeito e lança “as pessoas em direção ao que é indescritível e que, nos termos da história mundial, culminaria em Auschwitz” (ADORNO, 1969/2003c, p. 119). Algumas atitudes das torcidas de futebol a que aludimos, como as brigas nos estádios e a total indiferença em relação ao outro, exemplificam bem essa postura regressiva.

Ainda segundo Adorno, o mais importante para enfrentar o perigo de que Auschwitz se repita “é contrapor-se ao poder cego de todos os coletivos, fortalecendo a resistência frente aos mesmos por meio do esclarecimento do problema da coletivização” (ADORNO, 1967/2003d, p. 127). A barbárie está na falta de reflexão do indivíduo. O torcedor que agride, seja fisicamente, seja com palavras, comete um ato contra o outro, mas também contra a própria subjetividade, pois agride de acordo com as normas do grupo a que pertence, sem qualquer tipo de reflexão sobre seus atos. Adorno, em um breve comentário sobre o esporte e sua torcida, relaciona-o à educação e à barbárie:

O esporte é ambíguo: por um lado, ele pode ter um efeito contrário à barbárie e ao sadismo, por intermédio do *fairplay*, do cavalheirismo e do respeito pelo mais fraco. Por outro, em algumas de suas modalidades e procedimentos, ele pode promover a agressão, a brutalidade e o sadismo, principalmente no caso de espectadores, que pessoalmente não estão submetidos ao esforço e à disciplina do esporte; são aqueles que costumam gritar nos campos esportivos. É preciso analisar de uma maneira sistemática essa ambigüidade. Os resultados teriam que ser aplicados à vida esportiva na medida da influência da educação sobre a mesma (ADORNO, 1967/2003d, p. 127).

Nessa citação é exposta uma preocupação com a análise da ambivalência do esporte, pois este tem traços positivos e negativos em sua influência na formação dos indivíduos. Entretanto a torcida não fica incólume; para Adorno (1967/2003d), ela tem um caráter agressivo, cruel e

sádico fomentado pelo esporte. A torcida teria, assim, a fatia mais regressiva do antagonismo esportivo, por não se portar como jogadores regrados, mas como meros espectadores.

Ainda sobre a discussão da autonomia do indivíduo, para Adorno (1969/2003c), o objetivo da educação, além de refrear a barbárie e evitar um novo holocausto, seria o da emancipação. A formação de indivíduos emancipados seria também, por meio do esclarecimento, o caminho para a expurgação da barbárie e da ameaça de uma repetição de Auschwitz:

A exigência de emancipação parece ser evidente numa democracia. Para precisar a questão, gostaria de remeter ao início do breve ensaio de Kant intitulado "Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?". Ali ele define a menoridade ou tutela e, deste modo, também a emancipação, afirmando que este estado de menoridade é auto-inculpável quando sua causa não é a falta de entendimento, mas a falta de decisão e de coragem de servir-se do entendimento sem a orientação de outrem. "Esclarecimento é a saída dos homens de sua auto-inculpável menoridade" (ADORNO, 1969/2003c, p. 169).

Uma educação voltada para emancipação é uma educação que se sustenta na formação de um indivíduo autônomo, esclarecido. Um indivíduo que se torne o verdadeiro sujeito de suas ações, senhor de si, se contrapondo ao autômato ou ao heterônomo formados hoje corriqueiramente pela sociedade e que se empilham nos estádios e guerreiam nas ruas sem propósito. A emancipação, hoje, é obliterada pela ideologia que permeia todas as relações do indivíduo com o mundo. Sob o jugo do ideário que mantém o existente, o indivíduo perde a capacidade de experimentar e de se relacionar com o mundo de uma forma mais racional e, desse modo, ele apenas se enquadra, se adapta ao existente; o molde já está pronto, basta preenchê-lo:

Pelo fato de o processo de adaptação ser tão desmesuradamente forçado por todo o contexto em que os homens vivem, eles precisam impor a adaptação a si mesmos de um modo dolorido, exagerando o realismo em relação a si mesmo, e, nos termos de Freud, identificando-se ao agressor. A crítica deste realismo supervalorizado parece-me ser uma das tarefas educacionais mais decisivas, a ser implementada, entretanto, já na primeira infância (ADORNO, 1967/2003e, p. 145).

A intensidade com que a exigência para a adaptação se apresenta faz com que os indivíduos se identifiquem com o seu agressor e, em uma relação sadomasoquista, repitam o *modus operandi* de sua educação. Esta é, segundo o autor, voltada para a heteronomia e impede a formação de um indivíduo que resista e se oponha aos ditames da sociedade:

De uma maneira geral afirma-se que a sociedade, segundo a expressão de Riesman, "é dirigida de fora", que ela é heterônoma, supondo nesses termos simplesmente que, como também Kant o faz de um modo bem parecido [...], as pessoas aceitam com maior ou menor resistência aquilo que a existência dominante apresenta à sua vista e ainda por cima lhes inculca à força, como se aquilo que existe precisasse existir dessa forma (ADORNO, 1969/2003c, p. 178).

A maneira com que a crença em um mundo imutável se impõe sobre os indivíduos insurge nas falas que defendem o existente como única forma possível de viver ou na defesa de tudo aquilo que mantém a sociedade como está. O torcedor já não sabe mais por que tem de agredir o rival, da mesma forma que os integrantes dos *pogroms* não sabiam o porquê de agredir o judeu. Para Adorno (1969/2003c), o mero questionamento quanto ao modo pelo qual alguém se torna violento já encerra um potencial esclarecedor, pois retira a crença de que as coisas e as pessoas são imutáveis e insurgem no mundo da forma que serão para sempre.

Contudo, a formação proporcionada pela sociedade atual, segundo Adorno, não forma mais os indivíduos plenamente e se trata, portanto, de uma pseudoformação:

[...] a [formación cultural], que se ha convertido en una seudoformación socializada, en la ubicuidad del espíritu enajenado, que, según su génesis y su sentido, no precede a la formación cultural, sino que la sigue. De este modo, todo queda apresado en las mallas de la socialización y nada es ya naturaleza a la que no se haya dado forma; pero su tosquedad —la vieja ficción— consigue salvarse la vida tenazmente y se reproduce ampliada: cifra de una conciencia que ha renunciado a la autodeterminación, se prende inalienablemente a elementos culturales aprobados, si bien éstos gravitan bajo su maleficio, como algo descompuesto, hacia la barbarie (ADORNO, 1959/1969, p. 142).

Segundo Adorno (1959/1969), a pseudoformação deriva da formação cultural atual, que retira qualquer possibilidade de autonomia do indivíduo contemporâneo e escamoteia a verdade em prol da adaptação, do ajustamento, desse indivíduo no quadro social; ele, desse modo, só é capaz de se sujeitar ao existente mediante uma autolimitação. Os limites são ilusoriamente percebidos como naturais e intrasponeíveis. O indivíduo que não reconhece a própria defasagem na constituição de si como ser humano autônomo se mantém sem buscar essa formação e permanece sem poder viver plenamente.

Durante a “formação” nessa sociedade, noções ideológicas de forte carga emocional se interpõem na relação do indivíduo com a realidade, filtrando-a. O indivíduo perde a capacidade de refletir sobre sua condição. Aquilo que se torna importante em sua relação com a cultura é o que mantém sua menoridade diante de suas opções (ADORNO, 1959/1969). O torcedor é um apaixonado que pode legitimar suas atitudes com argumentos baseados em sua “formação”.

Para Adorno (1959/1969), a incultura, como ingenuidade ou não-saber, permitia a relação imediata com o objeto, tornando possível a espontaneidade e a possibilidade de uma consciência crítica, cética, habilidosa e irônica. Aprende-se na relação com o objeto. Já o pseudoculto “aprende” do objeto sem conhecê-lo, sob o controle da ideologia vigente, o contato tem uma mediação que esconde e exalta características do objeto, o preconceito é propagado. O torcedor já tem sua relação com o time e com o futebol pré-moldada; os meios de comunicação e a sociedade já designaram o papel do esporte e sua importância, só resta ao indivíduo a adesão.

Adorno (1959/1969) ainda comenta que a formação perdeu justamente aquilo que tinha de maior valor e, pior, se dá falsamente: há o engano de que se está formado. Os conhecimentos eruditos da arte, como na pintura, na música e na literatura, são substituídos por simulacros. O fim da arte como transformação espiritual dá lugar a uma deformação da consciência pelo aparato

da indústria cultural e de outras instituições, nas quais se encontra o “prazer” do narcisismo coletivo:

El narcisismo colectivo termina en que las personas compensan la conciencia de su impotencia social —conciencia que penetra hasta en sus constelaciones instintivas individuales— y, al mismo tiempo, la sensación de culpa debida a que no son ni hacen lo que en su propio concepto debería ser y hacer, teniéndose a sí mismos —real o meramente en la imaginación— por miembros de un ser más elevado y amplio, al que adjudican los atributos de todo lo que a ellos les falta y del que reciben de vuelta, sigilosamente, algo así como una participación en aquellas cualidades. La idea de formación está predestinada a ello porque, análogamente a la alucinación racial exige del individuo meramente un mínimo para que alcance la satisfacción del narcisismo colectivo: basta simplemente la asistencia a un colegio o instituto [...] (ADORNO, 1959/1969, p. 166).

O clube de futebol como instituição e alguns jogadores também são colocados nesse posto, que é “celebrado” como um narcisismo coletivo pela torcida. Neles estão adjudicadas as aspirações dos torcedores, bem como explanamos no item 2 do capítulo 3. O narcisismo coletivo, como produto da pseudoformação, pode ser visto como uma proteção da psique dos indivíduos; sem algo que a consciência alienada aceite como bom sobre si mesma, ela busca no coletivo algo a se apegar, mas com isso acaba por defender a própria pseudocultura, que é justamente quem a avilta. Do mesmo modo, a pseudoformação engendra outras psicopatologias. Ela é defensiva, se esquiva daquilo que pode desmascará-la. Por força da alienação, de que o indivíduo se apropriou, originam-se as formas psicóticas de reação ao social. Os sistemas delirantes coletivos da pseudoformação coadunam o que é incompatível; proferem a alienação e a elegend “como si fuese un oscuro misterio y traen un sustitutivo de experiencia, mentiroso y aparentemente próximo, en lugar de la experiencia destruida” (ADORNO, 1959/1969, p. 170).

O delírio do torcedor não o permite enxergar sua loucura; ela é aceita socialmente e fomentada pelas agências que detêm o poder, mas o delírio não se esgota aí: para o pseudoculto, o mediado é percebido como imediato, mesmo com a pseudoformação impedindo qualquer relação

imediatamente. O torcedor muitas vezes crê que nasceu para torcer, ou pior, que torce por escolha sua – por sua relação imediata com o time –, mesmo sendo claro que isso não é verdade.

A questão da educação e as reformas dos currículos escolares não podem ser pensadas sem que se leve em conta o conceito de pseudoformação. O indivíduo desprovido de uma formação arraigada em uma cultura em que prevaleça a busca pela autonomia e pela superação de limites, por meio da arte e da verdadeira experiência, permanecerá suscetível à barbárie:

La experiencia, la continuidad de la conciencia en que perdura lo no presente y en que el ejercicio y la asociación fundan una tradición en el individuo singular del caso, queda sustituida por un estado informativo puntual, deslavazado, intercambiable y efímero, al que hay que anotar que quedará borrado en el próximo instante por otras informaciones; en lugar del *temps duré*, conexión de un vivir en sí relativamente unísono que desemboca en el juicio se coloca un “Es esto” sin juicio [...] (ADORNO, 1959/1969, p. 167-168).

Sem experiência o indivíduo perde sua capacidade de se tornar sujeito. A memória desvalida faz do pseudoculto um autômato: ele age, fala e torce sem pensar. O modo como se dá sua necessidade de saber algo encerra em si a heteronomia; sabe-se para se adaptar, para dizer que sabe. É a “educação” atual que tem se dado desse modo, com a objetividade se sobrepondo inteiramente ao subjetivo.

Para Adorno (1967/2003d), a sociedade, ao mesmo tempo em que se integra, engendra a desagregação. A totalidade pressiona o particular e o individual e os destrói. Assim, o potencial de resistência, a identidade e as qualidades do indivíduo são aniquilados, tirando dele a capacidade de se contrapor ao que seduz ao crime. “Talvez elas mal tenham condições de resistir quando lhes é ordenado pelas forças estabelecidas que repitam tudo de novo, desde que apenas seja em nome de quaisquer ideais de pouca ou nenhuma credibilidade.” (ADORNO, 1967/2003d, p. 122.) O indivíduo, pressionado pelas instituições, perde aquilo que podia ter de singular e de revolucionário, torna-se parte da massa e, quando busca uma alternativa de oposição, não a encontra e permanece

massificado. As torcidas têm esse potencial; são vistas, por vezes, como um setor marginal, mas estão completamente inclusas nos parâmetros e são regidas pelo mesmo modo de organização da sociedade, e, ao acolherem o indivíduo, retiram dele a individualidade: “[...] penso que atualmente a sociedade premia em geral uma não-individação; uma atitude colaboracionista. Paralelamente a isso acontece aquele enfraquecimento da formação do eu, que de há muito é conhecida da psicologia como ‘fraqueza do eu’.” (ADORNO, 1967/2003e, p. 153.)

O eu enfraquecido, então, se perde facilmente nos ditames da sociedade, e o resultado é um ser submergido nos liames do *status quo*. A ideologia pressiona cruelmente as pessoas, suprimindo toda a educação. A busca pela emancipação se torna falsa, caso não se leve em conta o eclipse da consciência causado pelo existente: “[...] a própria organização do mundo em que vivemos e a ideologia dominante — hoje muito pouco parecida com uma determinada visão de mundo ou teoria —, ou seja, a organização do mundo converteu-se a si mesma imediatamente em sua própria ideologia.” (ADORNO, 1967/2003e, p. 143.)

Dentro dessa teia ideológica, Adorno (1967/2003d, 1968/2003a) também indica algumas soluções para a educação, comentando que, como na sociedade atual, a capacidade de mudança das condições objetivas se encontraria praticamente impossibilitada e que as tentativas de se opor à repetição da barbárie nacionalista teriam de ser direcionadas ao sujeito, mesmo sabendo que são as condições objetivas que geram tais atrocidades. Nas palavras do autor, seria preciso fazer uma “inflexão em direção ao sujeito” para saber o que o leva a tais atos. Essa “inflexão ao sujeito” serviria para que este reconhecesse os mecanismos que o fizeram cometer tais atos, revelando-os a si próprio, para, com isso, evitar repetições. “É necessário contrapor-se a uma tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias. A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica.” (ADORNO, 1967/2003d, p. 121.)

O autor também escreve que, para que haja êxito na formação de indivíduos que repudiem a violência, a educação deve se preocupar primordialmente com o esclarecimento dos indivíduos e a formação na primeira infância, pois é nessa fase que os impulsos agressivos são instigados (ADORNO, 1967/2003d).

Adorno (1967/2003d) propõe o fim do respeito cego às autoridades, em voga em muitas das escolas de sua época e da atualidade, o qual, como já discutimos, conduz à heteronomia. Além disso, a atitude de reprimir os sentimentos também deveria ser alijada da educação:

[...] a educação precisa levar a sério o que já de há muito é do conhecimento da filosofia: que o medo não deve ser reprimido. Quando o medo não é reprimido, quando nos permitimos ter realmente tanto medo quanto esta realidade exige, então justamente por essa via desaparecerá provavelmente grande parte dos efeitos deletérios do medo inconsciente e reprimido (ADORNO, 1967/2003d, p. 128-129).

A importância de reconhecer o próprio medo é a mesma de reconhecer a si próprio. Hoje a coragem é confundida com a falta de medo, mas, na realidade, a coragem está na experiência de enfrentar o medo, enfrentando, desse modo, preconceitos de forma consciente, sem violência ou fuga.

Adorno (1968/2003a) escreve que um bom resultado de uma educação voltada para a autonomia e para uma superação daquilo que culminou em Auschwitz seria uma aversão do indivíduo a qualquer manifestação de barbárie:

[...] que o último adolescente do campo se envergonhe quando, por exemplo, agride um colega com rudeza ou se comporta de um modo brutal com uma moça; quero que por meio do sistema educacional as pessoas comecem a ser inteiramente tomadas pela aversão à violência física (ADORNO, 1968/2003a, p. 165).

A educação proposta por Adorno, que pretende evitar a barbárie e, com isso, a repetição de Auschwitz, evitaria também a violência nos estádios e o exagero nas manifestações dos torcedores

em suas atitudes, dando-lhes consciência e reflexão sobre seus atos. O esclarecimento é o principal recurso para resolver o problema, e a educação precisaria ser reformulada, ter suas práticas repensadas para combater a barbárie e promover a emancipação, algo ainda aparentemente distante.

7 OBJETIVOS E HIPÓTESES

7.1 OBJETIVOS

1. Investigar o que leva o indivíduo a torcer, o que este não aprecia nos times e torcedores rivais e os sentimentos envolvidos no ato de torcer, bem como a alienação advinda dessa prática.
2. Comparar torcedores com diferentes níveis de escolarização quanto aos itens investigados acima.

7.2 HIPÓTESES

1. Os preceitos da ideologia vigente e a identificação – tanto com a família e os amigos quanto com a mídia em geral – seriam partes primordiais na motivação do torcedor comum em relação ao ato de torcer, repleto de emoções intensamente amáveis para com seu time e intensamente hostis para com os rivais. A alienação insurgiria na dificuldade de reflexão sobre a própria prática e as razões desta.
2. A escolaridade não diferencia a forma e a intensidade do ato de torcer nem a relação com o time e o torcedor rivais.

8 MÉTODO

8.1 SUJEITOS

Os sujeitos da pesquisa aqui relatada são dezesseis torcedores comuns do sexo masculino os quais não pertencem a torcidas organizadas e que têm suas idades especificadas na tabela 1, a seguir:

Tabela 1 – Média e desvio padrão das idades dos sujeitos dos grupos.

Idade	Grupo A	Grupo B	Total
Média	27,8	29,0	28,4
Desvio Padrão	4,9	5,4	5,2

A média de idade dos entrevistados é de 28,4 anos com desvio padrão de 5,2 anos. Foram divididos em dois grupos: o primeiro, A, formado por torcedores que não chegaram ao ensino médio e o segundo, B, formado por torcedores que concluíram o ensino médio. Todos os sujeitos do grupo A são moradores do Conjunto Habitacional Parque do Gato, antiga Favela do Gato. O conjunto se localiza ao lado da torcida corintiana Gaviões da Fiel. Esses sujeitos têm média de idade de 27,8 anos e desvio padrão 4,9. O grupo B foi formado por sujeitos abordados na rua ou em ambiente de trabalho, os quais têm média de idade de 29 anos e desvio padrão de 5,4.

Nos quadros abaixo, daremos especificações mais detalhadas de cada sujeito. Atribuímos pseudônimos a todos eles:

Quadro 1 – Sujeitos do grupo A

Pseudônimo	Idade	Grau de escolarização	Time para que torce
Antônio	42	Terceira série EF	Corinthians
Rodrigo	31	Ensino fundamental completo	Palmeiras
Marcos	20	Quinta série EF	São Paulo
Fábio	30	Quinta série EF	São Paulo
André	27	Quinta série EF	Corinthians
Lucas	30	Sétima série EF	Grêmio
Marcelo	21	Oitava série EF	Corinthians
Julio	21	Sétima série EF	Corinthians

Dos sujeitos pertencentes ao grupo A, quatro torcem para o Corinthians, dois para o São Paulo, um para o Palmeiras e um para o Grêmio. Observa-se também a baixa escolaridade: nenhum dos sujeitos terminou o ensino fundamental 2 e dois nem o ensino fundamental 1.

Segue abaixo o quadro 2, com as especificações dos sujeitos do grupo B:

Quadro 2 – Sujeitos do grupo B

Pseudônimo	Idade	Grau de escolarização	Time para que torce
Altay	35	Ensino médio completo	Palmeiras
Tiago	25	Ensino superior completo	São Paulo
Daniel	25	Ensino médio completo	Corinthians
Igor	19	Ensino médio completo	Santos
Humberto	26	Ensino médio completo	Santos
Otávio	31	Ensino médio completo	São Paulo
Alessandro	34	Ensino médio completo	Corinthians
Guilherme	27	Ensino médio completo	São Paulo

Como podemos ver, o grupo B é constituído por dois corintianos, três são-paulinos, um palmeirense e dois santistas. Todos terminaram o ensino médio e um, o superior.

8.2 MATERIAL

Inicialmente foi feito um questionário (ver anexo 1) para reconhecer o grau da atitude de torcer dos sujeitos e se eles realmente acompanhavam o futebol, seja no estádio, seja por meio da mídia de massa (rádio, tevê, jornal). As perguntas eram:

Qual o seu time?

O que você sente pelo seu time?

Já pertenceu a uma torcida organizada?

Se sim, gostava?

Se não, gostaria de participar de alguma?

Com que frequência você vai ao estádio?

Com que frequência você assiste aos jogos de futebol na tevê?

Com que frequência você assiste aos programas televisivos sobre futebol?

Com que frequência você ouve os jogos de futebol no rádio?

Com que frequência você assiste aos programas televisivos sobre futebol?

Com que frequência você ouve os programas de rádio sobre futebol?

Com que frequência você lê as notícias do jornal impresso sobre futebol?

Todas as questões já traziam repostas em múltipla escolha.

Depois do questionário, foram realizadas as entrevistas semi-estruturadas, como propostas por Bleger (1980). O roteiro continha as seguintes questões:

O que é torcer?

Por que você torce?

Por que escolheu determinado time para torcer?

O que esse time representa para você? Por quê?

De que time menos gosta?

Por que menos gosta?

Aquilo que você não gosta no outro time há no seu?

Houve questões intercaladas com essas que variaram de acordo com as respostas do sujeito. Os objetivos das questões do roteiro estão expressos no quadro 3:

Quadro 3 – Perguntas das entrevistas e seus objetivos

Pergunta	Objetivo
O que é torcer?	Verificar o que significa esse ato para o sujeito.
Por que você torce?	Conhecer as motivações do sujeito que fazem com que ele torça.
Por que escolheu determinado time?	Quais fatores o fizeram escolher o time e torcer: Família, mídia, amigos etc.
O que esse time representa para você? E por quê?	Reconhecer a importância do time para o sujeito.
De que time menos gosta? E por quê?	Que tipo de sentimento tem em relação ao torcedor e ao time rival.
O que você não gosta no outro time há no seu?	Examinar o reconhecimento do torcedor das diferenças e semelhanças das torcidas e dos times.

8.3 PROCEDIMENTO

Durante a fase de coleta dos dados, foi aplicado o questionário (anexo 1) em cada sujeito, individualmente; o pesquisador lia cada questão e dava as alternativas para que os sujeitos as escolhessem. Isso foi feito para evitar constrangimentos caso o sujeito tivesse dificuldades de leitura e se repetiu com todos.

Após isso, o gravador era ligado e as questões abertas iniciavam, sendo dada liberdade ao sujeito para suas respostas. Caso este não entendesse a questão, ela era explicada de outra forma. Por

exemplo, muitos sujeitos não entenderam a questão “o que representa o seu time para você?”, por isso ela foi reformulada para “quando você ouve o nome de seu time o que vem à sua cabeça?”, mas as perguntas são fundamentalmente as já apresentadas. Quando uma pergunta não esgotava a questão, ela era complementada. Isso ocorreu com alguns sujeitos ao falarem sobre o que os fez torcer pelo time; poucos deram respostas conclusivas e foi preciso abordar o tema de outra forma: “Você se lembra de quando começou a torcer?” ou “Você se lembra do que estava fazendo quando se percebeu torcedor do seu time?”

A análise quantitativa se deu inicialmente com base no questionário. Dividimos os grupos A e B e verificamos a frequência das respostas dos sujeitos em cada questão. Em seguida, dispusemos os dados obtidos em sete tabelas. Posteriormente, as questões abertas também tiveram seus dados analisados quantitativamente: procuramos pelas respostas ou categorias de respostas mais frequentes e dispusemos suas frequências em seis tabelas intercaladas pelas análises qualitativas de cada questão – estas foram expostas de maneira mais ampla e com as respostas de cada sujeito relacionadas entre si em conjunto com as hipóteses.

9 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na tabela 2 estão expostas as freqüências dos resultados nas questões relacionadas ao apreço que o entrevistado tem pelo seu time:

Tabela 2 - Freqüência das respostas relacionadas ao apreço do sujeito pelo time.

Sentimento	Grupo A	Grupo B	Total
Ama	4	6	10
Gosta	3	2	5
Simpatiza	1	0	1

De acordo com a tabela 2, há uma tendência de os sujeitos do grupo B, de maior escolaridade, demonstrarem mais afeto ao seu time, em comparação com os sujeitos do grupo A, posto que a freqüência de respostas de amor ao time é maior.

Na tabela 3 estão dispostas as respostas referentes à freqüência de ida ao estádio:

Tabela 3 - Freqüência de ida ao estádio

Freqüência	Grupo A	Grupo B	Total
Sempre	1	1	2
Quase sempre	1	5	6
Raramente	3	2	5
Quase nunca	3	0	3
Nunca	0	0	0

Percebe-se, segundo os dados, que o grupo A tem pouca assiduidade na ida ao estádio. Muitos associaram a dificuldade da ida ao preço dos ingressos, à dificuldade de locomoção e à violência. Os entrevistados do grupo B comparecem mais freqüentemente e não se queixaram desse tipo de problema.

Na tabela 4 estão expostas as freqüências com que assistem aos jogos pela tevê:

Tabela 4 - Freqüência com que assistem a jogos pela tevê

Freqüência	Grupo A	Grupo B	Total
Sempre	7	6	13
Quase sempre	1	2	3
Raramente	0	0	0
Quase nunca	0	0	0
Nunca	0	0	0

Percebe-se que ambos os grupos tem alta freqüência quanto a assistir aos jogos pela tevê, sem muita distinção entre si.

A tabela 5, a seguir, se refere às freqüências com que os entrevistados ouvem os jogos de futebol pelo rádio:

Tabela 5 – Freqüência com que ouvem jogos pelo rádio

Freqüência	Grupo A	Grupo B	Total
Sempre	3	0	3
Quase sempre	2	3	5
Raramente	1	4	5
Quase nunca	0	0	0
Nunca	2	1	3

Os entrevistados do grupo A recorrem mais ao rádio para ouvir jogos de futebol do que os do grupo B, que tem um número pequeno de ouvintes de jogos.

A tabela 6 traz os resultados relativos à freqüência com que vêem programas jornalísticos de futebol pela tevê:

Tabela 6 -Freqüência com que vêem programas esportivos na tevê

Freqüência	Grupo A	Grupo B	Total
Sempre	7	7	14
Quase sempre	1	0	1
Raramente	0	0	0
Quase nunca	0	1	1
Nunca	0	0	0

Novamente ambos os grupos demonstraram alta frequência em uma mesma atitude relativa à televisão, veículo que acaba por ser o mais usado pelos torcedores. Um entrevistado afirmou quase nunca ver os programas por estar trabalhando no horário em que são transmitidos.

Já os dados acerca dos programas de rádio sobre futebol estão expressos na tabela 7:

Tabela 7 - Frequência quanto a ouvir programas esportivos de rádio

Frequência	Grupo A	Grupo B	Total
Sempre	5	1	6
Quase sempre	0	2	2
Raramente	1	2	3
Quase nunca	0	2	2
Nunca	2	1	3

Vê-se que no grupo A há ouvintes mais frequentes do que no grupo B, talvez por aqueles terem menos acesso a outros meios de comunicação.

Na tabela 8 são apresentadas as frequências com que consultam a mídia impressa esportiva:

Tabela 8 - Frequência com que consultam a mídia impressa esportiva

Frequência	Grupo A	Grupo B	Total
Sempre	4	6	10
Quase sempre	0	1	1
Raramente	1	1	2
Quase nunca	0	0	0
Nunca	3	0	3

Os entrevistados do grupo B lêem mais frequentemente sobre futebol. No grupo A há também uma boa fração de leitores, mas alguns nunca recorrem a esse tipo de mídia de massa, aparentemente, pelo que pudemos notar, por serem analfabetos ou por terem muita dificuldade para ler, apesar de teoricamente já estarem suficientemente escolarizados para isso.

De uma forma geral, pela análise do resultado dos questionários, percebe-se que ambos os grupos são formados por uma maioria de torcedores convictos – o que o questionário pretendia indagar –, os entrevistados demonstraram acompanhar o time.

Doravante apresentaremos os resultados quantitativos e qualitativos das questões abertas. Na análise quantitativa de cada resposta foi retirado o trecho que melhor expressava a opinião do grupo de entrevistados e que se apresentou com mais frequência. Intercalados a esses resultados estão os qualitativos, com as respostas que expressam tanto as diferenças quanto as semelhanças inter e intragrupo. As análises estão também relacionadas às hipóteses da pesquisa.

A tabela 9 apresenta os resultados da pergunta “o que é torcer?”, que pretendia apreender como o torcedor refletiria sobre o tema.

Tabela 9 – Frequência de respostas para a pergunta “o que é torcer?”.

Frequências	Grupo A	Grupo B	Total
Acompanhar o o time	1	6	7
Paixão	1	0	1
Diversão	1	2	3
Ser fã (fanático)	3	0	3
Gaviões da Fiel	2	0	2

As respostas mais frequentes do grupo A estão relacionadas ao fanatismo, possivelmente pela intensa presença da torcida Gaviões da Fiel, vizinha da comunidade. No grupo B a resposta mais comum foi “acompanhar o time”, ou seja, ajudá-lo nas vitórias e acompanhar seu cotidiano por meio dos veículos de mídia, o que, segundo nossas hipóteses, podemos relacionar aos falsos sentimentos de pertença provocados pelo aparato da indústria cultural e pelo narcisismo coletivo.

Os resultados qualitativos da questão demonstram que, indiretamente, alguns entrevistados do grupo A mencionam a violência:

Incentivar o time no estádio e nada de confusão. Eu não levo minhas crianças. Eu tenho um menino que quer ir, não levo por causa de briga. Vai eu e uns colegas meus, só, quando eu vou, sem camisa e essas coisas também. (Rodrigo)

Quando perguntado sobre o que é torcer, Rodrigo fala também da violência. Torcer seria “incentivar o time”, e não aquilo que outros podem entender como torcer: “confusão”, “briga”.

Marcos menciona pontos semelhantes:

Ah, torcer é um meio de... Como é que se fala? É paixão, mesmo. É torcida pelo time de que a gente gosta. Na minha opinião, é uma sensação boa torcer para o time da gente. Isso faz parte do esporte e da vontade da gente, e não precisava dessa violência que tem no estádio. A gente fica até com medo de ir e torcer pelo time da gente porque não sabe se volta. Daí torcer, pra mim, é isso: paz e amor. É um prazer estar torcendo para o time da gente. (Marcos)

Demonstra, assim, que o ato de torcer fica relacionado à violência, mesmo por aqueles que não a praticam. Isso apareceu indiretamente no grupo B em outras questões.

Nessa primeira questão alguns sujeitos do grupo B mencionaram a confraternização como parte do que seria torcer:

Ah... torcer, meu, acho que é uma forma de diversão, né, cara? De brincar de estar junto com a... É a mesma coisa que sair com os amigos, tá ligado? É brincar, não levar demais a sério, né, meu? Acho que é isso se divertir. (Daniel)

É gostar muito do seu time, sentir muita, muita vontade de ver. Sei lá, eu tenho na minha cabeça sempre... eu tenho várias camisetas, então o time está na minha cabeça sempre, em conversas, em tiração de sarro, brincar com os outros, zoar com outros torcedores, então, meu, importância total na minha vida, futebol. (Humberto)

Nesses relatos o outro aparece na confraternização do torcer, ato considerado uma necessidade para a socialização, não como uma imposição, mas como um facilitador, que exclui os que não estão envolvidos. A situação assemelha-se ao que foi descrito aqui sobre a indústria cultural e sobre a música popular: ao mesmo tempo levam à formação de grupos, excluem aqueles que não se interessam pelo assunto.

A resposta sobre “o que é torcer” sofreu grande influência do meio em que os entrevistados residiam. No grupo A, os sujeitos de escolaridade mais baixa falaram do fanatismo, da presença da torcida Gaviões da Fiel e da violência – esta mencionada indiretamente. No grupo B, a resposta foi mais relacionada ao próprio conceito de torcer, que, de certa forma, está atrelado à idéia de acompanhar o time e auxiliá-lo a vencer. Aquilo que surgiu quanto à confraternização seria secundário, tendo o clube como ideal e a união do grupo por consonância.

Na tabela 10 dispusemos as freqüências das respostas à questão “por que você torce?”, pergunta feita para perceber as motivações do torcedor nessa atitude:

Tabela 10 – Freqüência de respostas para a pergunta “por que você torce?”.

Freqüências	Grupo A	Grupo B	Total
Gosta do time	3	1	4
Sonho de ser jogador	1	1	2
Pela torcida	1	1	2
Gosta	3	1	4
Emoção	0	3	3
Não sabe, incontrolável	0	1	1

Dessas respostas, o grupo A teve três entrevistados que disseram torcer por gostar do time, enquanto apenas um do grupo B deu essa resposta. Três integrantes desse último relacionaram suas razões à emoção. Apesar de terem nível de escolarização mais alto, não indicaram proporcional grau de reflexão sobre a atitude, e um sujeito, Guilherme, deu essa resposta por não saber dar outro motivo:

Entrevistador: *O que te motiva a torcer, o que te leva a torcer?*

Guilherme: *Ah, essa é difícil, hein, bicho. Ah... sei lá, eu gosto do São Paulo desde criança, influenciado pelos meus irmãos e... não tenho motivo, gosto do São Paulo, simpatia mesmo.*

Entrevistador: *Mas o que te faz continuar torcendo para o São Paulo, o que você sente torcendo?*

Guilherme: *Ah... emoção, né, cara? Emoção, nada de mais, emoção mesmo... Não tem algo mais forte que isso, não.*

Essa emoção pode estar relacionada aos laços de amor formados pelo indivíduo no grupo, bem como às sensações de prazer da participação na vitória fomentadas pela ideologia.

No grupo A o entrevistado Julio fala da vizinha Gaviões da Fiel e de seu papel na motivação em seu torcer:

Entrevistador: *Por que você torce? O que te mantém torcendo?*

Julio: *É muita força que os caras me deram e tudo. Fora isso, eu sempre gostei, cara.*

Entrevistador: *Quem te deu muita força?*

Julio: *Deixa eu ver aqui... A gaviões mesmo, o diretor, conheço ele, gente fina para caramba. Me deu muita força e sabe que eu sou nato⁵³.*

A torcida organizada, por auxiliar aqueles que não são seus membros, adquiriu papel de instituição mediadora, levando o torcedor comum a admirar ainda mais o time. O narcisismo coletivo, nesse caso, insurge por meio da torcida e do time.

Dois sujeitos do grupo B, Daniel e Alessandro, mencionam indiretamente a violência e falam, de uma certa maneira, da alienação provocada pela atitude:

Entrevistador: *Por que você torce?*

Daniel: *Ah... Para me divertir e, acho, até para esquecer um pouco os problemas, esfriar a cabeça, para relaxar um pouco, né? Extravasa assim um pouco, né? Sem violência, que absurdo isso, né? E... mas é isso, né? Relaxar um pouco...*

Daniel fala da alienação provocada pelo torcer, de um esquecimento temporário dos problemas, de como o torcer os alivia. A questão é: e se esses problemas esquecidos temporariamente acabam sendo subjugados e não refletidos ou, pior, e se são redirecionados em raiva contra o torcedor

⁵³ Corintiano desde que nasceu, por ser de uma família de corintianos.

rival? Por vezes, na vitória, eles podem ficar ainda mais aliviados, mas caso haja a derrota e, com isso, a frustração, as conseqüência podem ser as já conhecidas e citadas aqui amiúde.

A seguir, a resposta de Alessandro, que também menciona a violência indiretamente:

Entrevistador: *Por que você torce? O que te motiva a torcer?*

Alessandro: *Ah, o que me motiva a torcer é aquela grande massa de pessoas que têm preferência por um time, que joga de repente, com uma outra... com outro time que tem uma outra grande massa rival. Mas não assim, no aspecto de violência, assim de esportividade para de competição, né? Então é essa competição que me leva a torcer para o meu time, esse tipo de competição.*

Alessandro expõe o que se poderia chamar de laços de amor entre os componentes do endogrupo e de uma aversão ao exogrupo corroborados pela vontade de vitória e pela competição, componentes da atual ideologia.

Quanto ao sentimento que os sujeitos têm pelo time, citaremos as expressões de emoções relacionadas ao torcer:

Entrevistador: *E por que você torce?*

Altay (grupo B): *Porque eu gosto.*

Entrevistador: *E o que você sente quando você torce?*

Altay: *Emoção muito grande, né? Legal, gostoso, vibração, adrenalina, emoção. Torcer pelo seu time é a melhor coisa que tem. Se você tem um time é gostoso demais. Mais gostoso ainda é ver ele ganhar.*

Nessa fala o gosto pelo torcer se encerra no próprio torcer, a emoção desse ato e de ter o time basta. Acrescenta a sensação de ver o time ganhar. Na citação abaixo, também de um integrante do grupo B, manifesta-se uma forte emoção e uma dificuldade de racionalizar a questão:

Entrevistador: *Por que você torce?*

Igor: *Ah, não sei, é uma coisa que vem de dentro, sabe? Tipo, eu me empolgo só de ouvi falar do Santos: “Santos joga bola”, “o Santos vai jogar”, as torcidas... Estádio, tudo, já vem de dentro, é incontrolável para mim, eu preciso torcer.*

A atitude “incontrolável” do torcedor denuncia-o como alienado de suas próprias ações. A heteronomia imputada ao homem pela sociedade o desqualifica das capacidades que poderia adquirir e ainda o mantém “feliz” sem buscar alterações significativas em seu meio. Para ele, é a emoção que o leva a agir, que o leva a torcer, e a pseudoformação, com seus ideais, escamoteia o quanto a relação com o time é mediada.

Essa questão demonstrou a ubiqüidade da alienação no tema. A dificuldade de refletir sobre o ato de torcer e a presença de respostas que dão a razão do ato ao gostar e à emoção demonstram uma alienação não apenas do mundo objetivo, mas também, e pior, de um não-reconhecimento de si mesmo.

Os dados da questão que visou a reconhecer o que levou os entrevistados a torcer por seus respectivos times estão dispostos na tabela 11:

Tabela 11 - Freqüência de respostas para a pergunta “o que o tornou torcedor?”.

Freqüências	Grupo A	Grupo B	Total
Família	4	4	8
Mídia	3	2	5
Ir ao estádio	1	0	1
Família e mídia	0	2	2

Observa-se que nos dois grupos é grande a influência da família sobre a escolha do time e sobre o ato de torcer, mas a mídia também exerce papel importante.

Muitos dos entrevistados afirmavam não se lembrar de quando escolheram o time. Perguntamos a eles, então, qual era a lembrança mais remota. No grupo A havia mais lembranças recentes, pois alguns entrevistados são imigrantes oriundos de outros estados e começaram a torcer em São Paulo, como Antônio:

Entrevistador: *Por que você torce, então?*
Antônio: *Só por prazer de ver mesmo os caras jogar. Meu sonho era jogar futebol. Como não deu certo não custa nada vê-los jogar.*
Entrevistador: *Quando você se viu torcendo pela primeira vez pelo Corinthians? O que te fez torcer pelo Corinthians? Você se lembra ou não?*
Antônio: *Era no tempo do Tupãzinho, que ele entrava no segundo tempo fazendo gol, Marcelinho Carioca, quando ele jogava futebol, ele jogava bastante, tinha o Viola também, que ninguém esquece, então aquilo foi levando, levando, e você vai torcendo cada dia mais...*
Entrevistador: *E o momento, você lembra?*
Antônio: *Parece uma brincadeira, saímos eu mais os meus colega para assistir a Corinthians e São Paulo, daí chegou lá todo mundo ia para o... com um negócio, todo mundo junto, então eu disse assim, "não, eu vou escolher um time, o Corinthians", aí teve o clássico, o Corinthians ganhou, aí começou...*

Antônio fala da importância dos amigos e da mídia na sua escolha do time e na sua decisão de torcer, bem como da importância dos jogadores, já que seu sonho era um dia se tornar um deles. O narcisismo coletivo reaparece. Antônio busca no torcer uma maneira de sentir as emoções que teria caso alcançasse o seu desejo, desejo que a própria indústria cultural cria para, em seguida, demonstrar a impossibilidade de atingi-lo. Ficam apenas as derivações dos desejos dos indivíduos, ou seus simulacros. Na resposta de Fábio, a seguir, a televisão aparece novamente:

Entrevistador: *Por que você escolheu esse time?*
Fábio: *A primeira coisa que eu vi na tevê, o primeiro jogo a que eu assisti foi o do São Paulo. Aí eu disse: "Esse vai ser o meu time de coração."*

A razão da escolha ainda não parece, mesmo porque esta não é feita com interferência da consciência.

Dois dos torcedores do grupo A, André e Julio, deram explicações quase naturais para suas escolhas. André depois mudou:

Entrevistador: *O que te fez escolher o Corinthians?*
André: *Escolho porque eu sou corintiano. Nós somos lá do Norte e nós sempre escolhemos o Corinthians para torcer.*
Entrevistador: *Você se lembra de quando começou a torcer pelo Corinthians?*

André: Lembro-me do momento. Justamente eu fui ao jogo Corinthians e Bragantino e a partir daí comecei a gostar.

André fala que escolheu o time por já ser corintiano, mas depois se corrige afirmando que o grupo do qual faz parte – no caso, os nortistas – usualmente escolhe esse time para torcer e mais adiante afirma ter escolhido após ir ao estádio. Aparentemente ele já era corintiano e começou acompanhar depois da ida ao estádio. No entanto, a confusão demonstrada ao responder a pergunta denunciou que era a primeira vez que ele pensava no assunto.

O entrevistado Julio já havia mencionado indiretamente a família, mas quando perguntado deu uma explicação que remetia a certa aptidão natural:

*Julio: [...] Desde que nasci, já vem de família, para esse negócio de família grande, e era toda, inteira, corintiana. Em casa, mesmo se fosse de outro time, não é por causa da família. Tipo assim: teve de ser e sou até hoje.
Entrevistador: Então, por que você escolheu o Corinthians?
Julio: Não escolhi, não é meu. Não é meu e não escolhi nem nada. Eu já nasci para ser corintiano, já nasci sendo corintiano.*

Colocar a razão de torcer como parte da natureza de si mesmo, como uma idiossincrasia, demonstra ainda mais o caráter irracional da adesão. Não podemos dizer que algo precisa ser irracional para ter cunho emocional; quando o entrevistado expressa isso podemos pensar na sugestão a que fica submetido como torcedor e no modo como a atitude foi apropriada sem que houvesse uma reflexão sobre sua verdadeira importância.

Igor, do grupo B, menciona uma “virada”⁵⁴ que o fez escolher seu time em um jogo a que assistiu pela televisão.

*Entrevistador: Por que você escolheu o Santos para torcer?
Igor: Ah... Desde pequeno, meu pai é são-paulino, do nada, assim, bateu aquele negócio por aquele time do Santos, aquele entrosamento, aquela camisa, a bandeira, o hino, tudo.*

⁵⁴ “Virada” ocorre quando um time está perdendo, mas vence a partida.

Entrevistador: *“Aquele entrosamento” é o quê?*

Igor: *Ah, tudo, a equipe toda, da época em que comecei assistir ao jogo até agora.*

Entrevistador: *De todos os ingredientes do time, qual te fez escolhê-lo?*

Igor: *Foi quando o Santos tava perdendo, a torcida empurrando, ele fez o gol. Naquele momento eu senti um... nossa! Disparou meu coração, eu falei: “É esse o time, é esse meu time, é esse o Santos.”*

Entrevistador: *Então foi a vitória?*

Igor: *Foi a virada, quando ele virou... Nossa! Eu vibrei e eu falei: “É agora, é o meu time, esse é o Santos.”*

A ideologia da vitória, presente na sociedade atual, também aparece nesse relato. Muitos dos torcedores escolhem os times mais presentes na mídia, que também são os mais vezes vencedores. Já que as ambições individuais estão solapadas, os indivíduos procuram satisfazer seu narcisismo coletivo. Alessandro também mencionou o pai:

Entrevistador: *E por que você escolheu o Corinthians para torcer?*

Alessandro: *Ah, porque além de ser, assim, “o” time – que era muito bom na época em que eu comecei a entender de futebol, ele ganhava muitos títulos –, é... meu pai também é corinthiano, então isso meio que passou de pai para filho.*

Entrevistador: *E você se lembra do momento em que começou a torcer para o Corinthians?*

Alessandro: *Me lembro. Estava passando um jogo em minha casa, meu pai estava tendo a oportunidade de assistir comigo e aquela vibração deles, dos amigos dele, me contagiou, e ali já eu olhei e tive certeza de que ali eu era corinthiano, de que era aquele time mesmo, que eu ia torcer para o resto da minha vida.*

A presença do pai foi fundamental para a escolha de Alessandro. A televisão também esteve presente, mas a vibração do pai e dos amigos deste é que o levaram à decisão. Com as instituições tendo a maior parte na formação do indivíduo – tanto de sua moral como de seus anseios –, o pai, de certo modo, ainda pôde sentir ter seu papel, mesmo que enfraquecido.

Essa questão, “o que é torcer?”, foi respondida de maneira incomum por Otávio, que afirma ter escolhido o time casualmente, pela beleza da camisa:

[...] *quando eu era criança, meu pai me levou na feira e falou: “Escolhe um time.” Eu não tinha nem noção do que era futebol, aí eu me simpatizei pela camisa do São Paulo, acabei escolhendo; daí em diante virei torcedor do São Paulo e venho acompanhando*

sempre, entendeu? E para mim isso é torcer, mas quando eu escolhi o São Paulo para ser meu time eu não tinha noção ainda do que eram as coisas de futebol, mas é engraçado uma coisa: escolhi e nunca mais mudei, entendeu? (Otávio)

Apesar do modo de escolha incomum, Otávio, como diversos outros, fala da importância de não mudar de time. É preciso ter fidelidade ao time para ser considerado torcedor, um verdadeiro amante, apaixonado.

Essa última resposta circunscreve algo que os próprios torcedores sabem: que o modo como se escolhe o time é, de certa forma, arbitrário. Por vezes, escolhe-se o time que está em melhores condições no campeonato, por outras, um que teve bom desempenho em determinado jogo, ou até um para o qual alguém do círculo de amigos ou familiar torce. Enfim, a maioria escolhe os times já em evidência, sem saber de sua história – às vezes sabe apenas das vitórias e derrotas –, de sua função política; escolhe das maneiras que foram mencionadas, sempre mediadas por uma instituição, por alguém ou pelos dois.

Na tabela 12 estão elencados os resultados quanto à representação do time para cada torcedor. Colocamos por grau de importância, pois as respostas aparentemente diferiram muito, mas tinham conteúdos semelhantes. Um dos sujeitos se referiu ao time como sendo “um pedaço” dele, outro dizia ser “tudo”, outro uma “família”. Por isso, resolvemos dividir essas respostas em “muito”, “médio” e “pouco”, de acordo com a intensidade de cada afirmação.:

Tabela 12 - Frequência de respostas para a pergunta “o que representa o seu time para você?”.

Frequências	Grupo A	Grupo B	Total
Muito	5	7	12
Pouco	2	1	3
Não entendeu a pergunta	1	0	1

Dos entrevistados do grupo A, cinco sujeitos deram grande importância ao time, enquanto no grupo B quase todos os entrevistados (sete) atribuíram esse mesmo grau – todos os sujeitos

mantiveram-se consoantes ao que responderam na primeira questão do questionário (“o que você sente pelo seu time?”). O grupo dos sujeitos com nível de escolarização mais alto demonstrou essa maior inclinação à devoção ao clube, algo que a educação deveria refrear ou, pelo menos, tornar mais branda. Houve certa dificuldade para obter a resposta dessa questão no grupo A, pois alguns sujeitos não entendiam a pergunta, que era posteriormente reformulada para “o que vem à sua cabeça quando se fala no seu time?” ou “o que você pensa, quando se fala no seu time?”. Mesmo assim, um sujeito – Rodrigo – não entendeu e respondeu: “*Pensar? [...] Sobre esporte não tem muito o que pensar não, cara. Não sou torcedor doente. Eu torço para o Palmeiras, mas não fanaticamente.*” Em geral, as respostas demonstraram que o time é visto com grande importância por ambos os grupos, como para Marcos – “[...] *É tudo. É esporte, é amor, é a vontade de torcer.*” – ou para Fábio – “*É, bem dizer, um pedaço de mim, né?*”. As respostas de ambos os grupos também se relacionavam a uma segunda família e ao amor.

Altay, ex-integrante da torcida organizada Mancha Verde, fala de uma “força” que o time lhe dá:

Entrevistador: *O que representa o Palmeiras para você e por quê?*

Altay: *Palmeiras é um time de que eu gosto muito, time do coração, gosto para caramba do Palmeiras. É um time que acho que tem, sei lá, passa força para a gente assistindo, que é torcedor.*

Entrevistador: *Que tipo de força é essa?*

Altay: *Assim inexplicável, né? É uma coisa de coração, mesmo, só quem gosta mesmo para falar, mas é uma força muito grande o prazer de torcer pelo seu time, né? O prazer de torcer pelo Palmeiras, o verde-esperança, natureza, me identifique demais com esse time aí, é bom.*

Podemos pensar que essa força vem do sentimento de pertença ao grupo e da inebriação que a massa proporciona, assim como podemos mencionar novamente o narcisismo coletivo e a sensação da vitória que dele deriva.

A representação atribuída ao time demonstra a intensidade da importância que ele assume na vida de cada torcedor. Essa devoção, exibida pela maioria dos entrevistados, denota também um enfraquecimento da individualidade de cada um. Há um alheamento dos desejos, que estão sendo outorgados a algo externo a si. Algo que vive e sente prazer pelo indivíduo. Algo idealizado, endeusado, que faz com que a multidão se arvore mesmo que apenas para participar coletando as migalhas que sobram de suas glórias.

Os resultados quanto ao porquê de se gostar menos ou nada de determinado time estão expostos na tabela 13, a seguir:

Tabela 13 - Frequência de respostas para a pergunta "por que você menos gosta de determinado time?".

Respostas	Grupo A	Grupo B	Total
Violência	4	2	6
Rivalidade	2	1	3
Rival tem futebol ruim	1	0	1
Torcida grande	0	1	1
Não clara	1	0	1
Prepotência do rival	0	3	3
Rival tem vencido	0	1	1

Pelos dados, observa-se que quatro sujeitos do grupo A e dois do grupo B dizem não gostar do time rival pela violência e pelo vandalismo que a torcida pratica. Dois do grupo A e um do grupo B se referiram à rivalidade como razão de seu desapareço, outro deu uma resposta confusa, que preferimos colocar como "não clara". Três sujeitos do grupo B davam como razão o fato de o torcedor rival ser prepotente, algo que não apareceu entre os entrevistados do grupo A.

Os motivos dados para não se gostar do torcedor ou do time rival geralmente vieram acompanhados por afirmações que buscavam atenuar a resposta, como esclarecer que aquilo não implicava violência ou que possuíam amigos ou familiares que torciam para o rival. Aliás, muitos sujeitos do grupo A e alguns do B se referiram à violência em questões que não se relacionavam a

ela. Alguns criticavam a violência e se defendiam dizendo não ser fanáticos. No entanto, uma resposta de um entrevistado do grupo B demonstrou um certo exagero na aversão ao rival:

O time de que eu gosto menos? Eu acho que... a maioria respondeu Corinthians, né? O porquê? Não é nem tanto pelo Corinthians, mas mais pelos torcedores, que são muito pertinentes⁵⁵, já têm a fama de serem muito maloqueiros, não sabem se portar direito. Não que isso seja um racismo, mas a maioria dos corintianos que eu conheço... é uma pouca minoria que sabe se portar educadamente no estádio, na vida social. Não sei, acho que isso já vem meio predefinido... corintiano... é uma coisa meia taxada, já. Acho que é por isso. (Guilherme)

O preconceito de Guilherme é conspícuo, com um modo de pensar sobre o outro que se assemelha ao do *ticket* fascista, o outro já vem “taxado”, “predefinido”, e se alguns são, todos são, por pertencerem ao mesmo grupo.

Outro integrante do grupo B, ex-integrante da torcida mancha-verde, disse que os corintianos eram menos gostados por serem corintianos. E acrescentou:

Porque isso aí vem de moleque também, rivalidade né? Sei porque eu já fui de torcida organizada e rivalidade sempre teve, né? Então a gente, é... então todo mundo que é palmeirenses não gosta do Corinthians, é o time mais detestado, só eles, acho que para gosta deles... hehehe... você é corintiano? [Perguntando em tom de voz bem baixo.] (Altay)

Dessa forma, ele assevera que não gostar dos corintianos é uma atitude do seu grupo, mas ao mesmo tempo se preocupa em saber se o entrevistador é ou não corintiano; o preconceito demonstra sua cegueira. Altay também se explica pela “rivalidade”, que vem desde quando era mais novo, “moleque”. A rivalidade apareceu em muitas das entrevistas e era referida como algo natural, ou seja, que fazia parte do torcer e das relações dos torcedores inextricavelmente.

⁵⁵ Aqui, com certeza, o sujeito não queria dar o sentido que essa palavra tem, demonstrou mais querer dizer algo como “persistente” ou “chato”.

Dois sujeitos do grupo A tiveram receio de dizer aquilo de que não gostavam no torcedor ou time rival, mas demonstraram não gostar dos corintianos por causa da torcida Gaviões da Fiel, que, como já foi mencionado, é vizinha ao conjunto habitacional em que eles residem. Rodrigo demonstrou essa postura:

Entrevistador: *E por que você gosta menos?*
Rodrigo: *Não sei, é que eu detesto, mesmo. Não gosto do Corinthians.*
Entrevistador: *Por quê? O que tem o corintiano ou o time do Corinthians?*
Rodrigo: *Você já foi na torcida da Gaviões da Fiel, ali, já?*
Entrevistador: *Não.*
Rodrigo: *Dá uma passadinha ali. Você vê uma vez, você desgosta.*
Entrevistador: *Mas o que tem lá? Eu nunca fui.*
Rodrigo: *Ah! Tem de tudo. Tudo que você pode imaginar tem lá na Gaviões.*
Entrevistador: *Mas o que é “tudo”? Eu não sei.*
Rodrigo: *Você deve ter uma base. Lá tem de tudo.*
Entrevistador: *Tudo o quê? Violência?*
Rodrigo: *Ah, não sei te falar e não vou te falar.*
Entrevistador: *Você acha que isso não tem na torcida do Palmeiras?*
Rodrigo: *Ter, tem. Eu nunca fui na sede da Mancha. Mas ter, tem, porque quando eu fui ao jogo do Palmeiras e eu vi que a Mancha passa no meio da torcida e a turma abre, com medo de umas certas pessoas da Mancha. A turma abre para eles passarem para o lugar deles. Usa droga, maconha, tudo no meio da torcida. Não respeita nada.*

Ele não fala as razões diretamente, mas acaba por mencioná-las, ao falar da torcida organizada de seu time, Mancha Verde. Outro sujeito, do Grupo A, tem a mesma atitude:

Fabio: *Olha, vou te falar uma coisa: tem muito vandalismo na torcida do Corinthians. Eu gostaria de saber o quê? Vamos supor da gente ir assistir a um jogo. Vamos supor que eu quero ir ao estádio, assistir a um jogo do São Paulo. Não posso levar minha mulher e meus filhos. Se eu for, é arriscado a gente chegar lá e terminar apanhando por causa de alguém, sem ter nada a ver.*
Entrevistador: *Mas você acha que na torcida do São Paulo não tem esse tipo de coisa?*
Fabio: *No São Paulo tem. Não tem esse time que não tenha, que não tenha vandalismo. Todos os times têm que ter. Sempre tem um que não presta mesmo. E aí quem está junto e não tem nada a ver termina se complicando junto.*
Entrevistador: *E o que tem o Corinthians de que você não gosta?*
Fabio: *Nossa! Muitas coisas.*
Entrevistador: *Fala só três.*
Fabio: *Não vou nem comentar.*
Entrevistador: *Não pode falar?*
Fabio: *Não, esquece.*
Entrevistador: *Você não quer falar porque você não lembra?*
Fabio: *Eu não quero falar mesmo.*

Fabio também menciona a violência, mas demonstra um certo medo de repetir a fala. Mesmo assim, o contato usual com a torcida Gaviões da Fiel não o impede de ver que as atitudes dela são comuns a todas as torcidas dos grandes clubes.

A aversão ao time e ao torcedor rivais está exposta nas respostas a essa questão, de maneira geral, não com muita intensidade, mas mesmo assim denotando o preconceito, a falta de reflexão sobre o tema e outros efeitos da pseudoformação. A rivalidade foi mencionada direta e indiretamente muitas vezes e foi definida como algo dado, como um a priori, parte do ato de torcer.

Mas até mesmo a violência, que seria uma boa razão pra não se gostar de algo, está presente claramente em atos de todas as principais torcidas de São Paulo e é mais visível nos jogos entre esses times. Desse modo, para não se gostar de um time por razão da violência, deve-se não se gostar do seu próprio.

Na tabela 14 estão assinaladas as posições dos entrevistados quanto aos defeitos do torcedor rival: se eles são comuns a todos os torcedores dos principais times ou se o torcedor do time do entrevistado é diferente (algumas dessas respostas já foram citadas em conjunto com as respostas da pergunta anterior). A questão era feita após o entrevistado dizer os defeitos da torcida rival para que ele se deparasse com as contradições de sua posição:

Tabela 14 - Frequência de respostas para a pergunta “os defeitos da torcida do time rival e do time que você torce são iguais ou diferentes?”.

Respostas	Grupo A	Grupo B	Total
Iguais	5	3	8
Diferentes	3	5	8

Cinco sujeitos do grupo A e três do B colocaram que as torcidas são semelhantes quanto aos defeitos de seus times e torcedores. Três do grupo A e cinco do B afirmaram que as torcidas diferiam, sendo a rival sempre considerada pior. As respostas ficaram bem divididas e, na maioria das vezes, a discussão girava em torno do reconhecimento da violência como parte não apenas de uma torcida, mas de todas, e da postura importuna e prepotente de certos torcedores. O grupo B não só teve mais entrevistados que não consideravam os torcedores iguais, expondo certa visão estereotipada e desprovida de reflexão, como também teve dois que enfatizavam bastante essa diferença.

Sim, também têm. Mas eu acho que é em menor quantidade, como a do São Paulo também tem vândalo, a do Palmeiras, todos têm. Mas eu acho que, não sei, ficou mais caracterizado isso no Corinthians, na minha opinião, né? Por isso... Mas é do time que eu não gosto. (Guilherme)

André, corintiano do grupo A, também menciona o que vê de diferente entre as torcidas:

Entrevistador: Por que você não gosta desses times?

André: Violência nas torcidas organizadas deles. Aí nós não gostamos deles e não temos como bater de frente com esses times.

Entrevistador: Você então não gosta deles por causa da violência nas torcidas?

André: É muita violência e também pra nós não adianta nada. Hoje em dia, um pai de família não pode nem ir a um futebol por causa de muita violência desses times aí.

Entrevistador: Mas você acha que no Corinthians não tem essa violência?

André: Tem violência, mas é mais pouca. Não é muito crítico. É pouca briga.

O torcedor, nesses dois casos citados, demonstra perceber que sua torcida é também violenta, embora não com a mesma intensidade de outras. Essa percepção provavelmente advém do fato de que, quando ele vai ao estádio nos jogos em que os times de maior torcida se encontram – nos chamados clássicos –, a violência seja mais comum, ao passo que quando ele vai aos jogos contra times “de menor expressão” ela é menos presente. Assim, o torcedor dos times rivais acabam sendo vistos como mais violentos, mesmo que a violência tenha mesma intensidade dos dois lados.

Julio, corintiano e admirador da torcida Gaviões da Fiel, expressa o que vê de igual entre as torcidas:

Entrevistador: *Mas você não gosta do São Paulo por causa da violência? Você acha que o são-paulino tem alguma coisa que não te agrada?*

Julio: *Violência, mesmo. São Paulo, cara, é um time que representa, joga bem bonito, é bom você ver, não quer ficar por baixo. Quando não é o time é a torcida. Tem sempre esse confronto, então, cara, é a violência e muitos caras atacados. Mesma coisa, do mesmo jeito que tem, cara, a cada aqui tem ali jeito que eu sou fanático outro também é.*

Entrevistador: *Então a violência também existe na torcida do Corinthians?*

Julio: *Tudo igual, tudo a mesma coisa. Do jeito que um pensa, o outro pensa a mesma treta, a raiva, o nervoso. Ninguém quer ficar por baixo, mas é apenas um esporte. Eu podia muito bem torcer para qualquer um time, mas eu vi a parada como é que é, aliás eu nem vi, eu já nasci com a camisa do Corinthians.*

Há nesse relato a importância da ideologia da vitória e a aversão pela derrota – frustração –, que podem levar à violência: “Ninguém quer ficar por baixo.” Mas Julio parece perceber que a violência é algo que vem tanto de um lado como do outro.

Na entrevista de Humberto, a prepotência do rival aparece. Ele também chega a falar de uma raiva pelo rival, do que logo se defende:

Humberto: *[...] Esse fato de não assumir... toda vez que você vai conversar com um corintiano, um dia após a derrota ele nunca sabe dizer “não, pô, os jogadores erraram, o time não jogou bem”, ou seja lá qual for. Sempre tem uma desculpa pro juiz, uma desculpa por pênalti que não foi dado, esse tipo de coisa. Nunca é “porra, meu time perdeu porque jogou mal”, eles nunca assumem. E isso que me fez às vezes ter um pouco de raiva. Raiva, assim... Não a ponto de brigar com alguém por causa disso, mas você fica meio em cima: “Com esse aí eu não vou conversar, porque se ele é meio chato, é corintiano.” É isso.*

Entrevistador: *E você acha que na torcida do Santos não tem ninguém assim?*

Humberto: *Não, acho que a situação dos torcedores é mais ou menos dessa forma, né? Você hoje tira o sarro do outro, porque seu time ganhou. E amanhã o time dele ganha, ele tira o sarro de você também, então é uma coisa que você não sabe onde começa nem onde termina [...]. Uma bola de neve, quer dizer, um brinca com o outro, um zoa com a cara do outro, depois aquele outro vai querer devolver, daí vai tirar com o outro e outro e daí vai sempre, mas com certeza na minha torcida também tem. Eu, particularmente, não me acho muito chato com relação a isso, não, mas quando o meu time perde, pelo menos eu sei assumir que foi erro do time ou porque jogou mal. Não boto a culpa em juiz, ou coisa parecida, não.*

Humberto fala de uma “bola de neve” da gozação, do qual todos os torcedores participam, mas não menciona a violência física. Otávio chega a dizer que assiste aos jogos do time rival e torce por ele, caso esse esteja bem e jogando contra times estrangeiros, mas mesmo assim ainda os coloca como piores torcedores e dá como uma das causas o fato de estes não terem essa mesma atitude que ele. Além disso:

Entrevistador: Então você chega a torcer pelo Corinthians quando ele está em outro campeonato?

Otávio: Olha... para ser sincero, naquela época, quando tem um futebol bonito, um time, eu gosto de acompanhar, que nem naquela época de 98, 99. Tinha um futebol legal que eu gostava de acompanhar o Corinthians na Libertadores porque eles jogavam... um jogo aberto, um jogo bonito de se ver. Eu acompanho por isso, porque time que está jogando feio não adianta nem ficar lá assistindo, né? Você tem de acompanhar time que joga bonito.

Entrevistador: [...] Falando nisso, que características você acha que o corintiano tem?

Otávio: Ah... Os caras são chatos, viu? Os caras gostam de cantar vitória antes do jogo. E sempre eles são melhores, eles não são humildes de... Corinthians é Corinthians, não torce para ninguém. Um exemplo: se o São Paulo está na Libertadores e eles não estão, eles querem que o São Paulo saia o mais rápido possível, nunca querem que um time... Brasil e Argentina, eles preferem torcer para os argentinos do que para nós, entendeu? É isso que dá bronca deles, mas o restante, tranquilo...

Enfim, os entrevistados ficaram divididos nessa questão; se eles discorressem sobre as diferenças históricas entre os clubes e suas torcidas ou sobre as atitudes da maioria dos torcedores rivais, de fato suas opiniões seriam condizentes com a realidade, mas o que muitos expressaram tem mais relação com a atitude de alguns do que com aquilo que se registra no comportamento de uma torcida inteira.

Quanto aos resultados de modo geral, as diferenças entre os grupos A e B não foram muito grande, porém o grupo B se mostrou mais propenso à alienação e ao narcisismo coletivo do que o A em relação aos temas abordados no questionário inicial e à questão que visava a reconhecer o que o time representa para cada entrevistado. Os torcedores do grupo B demonstraram mais apego ao time do que os do A.

A dificuldade em saber por que se torce também foi maior no grupo B, cujos membros deram mais justificativas de cunho afetivo ou explicações irrefletidas, repetindo algo já costumeiramente dito. O preconceito também foi mais visível nesse grupo.

A pseudoformação provém de uma educação que não impede a barbárie, pelo contrário, a estimula. O indivíduo acaba por conseguir o aval da própria cultura para seus atos irrefletidos, alienados e violentos por meio da educação que recebeu e pelos moldes em que a própria sociedade se estabelece.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutimos neste trabalho as razões que levam alguém a torcer e a possibilidade de essa atitude levar à alienação e à violência. Não tínhamos a pretensão de exaurir o assunto, sabendo de sua vastidão.

É difícil criticar – mostrar os limites de – algo que faz parte de nossa vida tão intensamente. Além de termos de reconhecer aquilo que nos é prejudicial na relação que temos com o objeto de nossa crítica, somos freqüentemente taxados de contraditórios ou de insensíveis – afinal, “quem é tão frio a ponto de não gostar de futebol?”. Porém, podemos dizer: é fácil encomiar o futebol, é só repetir tudo o que já vem sendo continuamente escrito e dito sobre o assunto. Mesmo assim, esta dissertação não teve a intenção de ultrajar o futebol, mas apenas de reconhecer seu papel nesta sociedade. Pois é justamente esta sociedade que rege as condutas dos envolvidos com o futebol. Nesse esporte e em suas práticas se apresenta muito daquilo que fica recôndito, mas que é sintoma da sociedade. Alguns responsabilizam o futebol pela violência e pela alienação que se manifestam nas atitudes dos torcedores, mas estas surgem também em locais que não se relacionam com o futebol.

Assim, o que vem ocorrendo nas práticas do futebol não é a causa dos problemas da sociedade, mas sim o oposto: os problemas da sociedade é que ditam o que vem ocorrendo nas práticas de futebol, que, por sua vez, os reproduz. O futebol apropriado pela indústria cultural simboliza bem isso. O esporte se tornou um produto fabricado e isso levou a um célere desfalecimento de sua espontaneidade, sendo agora cada vez mais preocupado com a vitória e o lucro, em detrimento de sua beleza e de sua prática. A alienação, desse modo, insurge no futebol pelo potencial que este tem para provocá-la em conjunto com os artifícios da indústria da cultura. Os sujeitos aqui entrevistados mostraram isso em suas respostas. Por exemplo, quando questionados

sobre o que significa torcer, a resposta mais comum do grupo de pessoas com mais anos de escolarização já é preestabelecida: “acompanhar o time”. O ato em si não é pensado e nunca foi; os sujeitos parecem procurar uma resposta que já foi dada e que será mais aceita. O mesmo acontece, de outra maneira, com a questão “por que você torce?”, em que a emoção, ou algo inexplicável, é apresentada como a causa.

A torcida organizada, assim como os *hooligans*, se iguala em alguns aspectos aos *pogroms* fascistas, sinal de que a educação após Auschwitz proposta por Adorno (1967/2003d) ainda não triunfou. A barbárie permanece viva e ubíqua, e o indivíduo, alienado de si e de seu mundo. Mesmo o torcedor comum, como demonstrado aqui nas falas relacionadas ao time rival, dá sinais de preconceito. Rodrigues Filho (1964), como apontado no capítulo 1, diz que os brasileiros é que alteraram o modo de torcer, partindo do jantar “nivelador” dos ingleses mais educados e indo em direção ao gozo inofensivo do brasileiro mais brincalhão, o que deflagrou um processo de regressão que resultou nos atos violentos que podemos ver tanto no Brasil, nas torcidas organizadas, como na Inglaterra, com os *hooligans*. Um estudo mais profundo sobre essa trajetória seria interessante.

A perda da autonomia do indivíduo e a sugestão diante da massa e dos meios de comunicação não estão presentes apenas na atitude de torcer. Podemos observá-las nas *raves*, nas micaretas e em outras festas massificadas, bem como no que é produzido pela indústria cultural. Percebe-se que a totalidade dita a regra, à maioria dos indivíduos resta apenas se acomodar ou procurar algo da indústria a que tenha facilidade para se acomodar. Com o narcisismo coletivo, as vontades e os desejos já foram outorgados a alguma entidade externa, já não estão mais introjetados. A televisão e a mídia em geral “educam” e dizem o que é preciso fazer. As escolhas se restringem, a possibilidade de se revoltar conscientemente e com objetividade é quase nula. Outros movimentos que envolvem a massa, como a religião e a política, parecem guardar relações com a torcida quanto a seu

funcionamento, e todos os itens do capítulo 4 poderiam ser usados para pensar por que alguém escolhe votar em determinado político e quanto há de intervenção da consciência nesse ato.

A educação, algo que poderia desvencilhar o indivíduo desse emaranhado, hoje tem a aparência de um adestramento e cada vez que o indivíduo tenta sair fica ainda mais preso. Ele acaba por buscar na alienação essa saída, a única opção que a sociedade lhe dá. A pseudoformação, que leva o indivíduo a sujeitar-se tão facilmente aos ditames do capitalismo anacrônico, pode ser pensada com base na discrepância entre as respostas de cada um dos grupos.

Podemos inferir tudo isso dos resultados e da discussão desta pesquisa. Porque, reiterando, nas relações dos torcedores com “suas” escolhas e vontades, não são só as conseqüências do torcer que estão sendo manifestadas, mas também características desta sociedade. Fica a indagação: mudanças profundas e positivas que porventura ocorressem no futebol trariam benefícios à sociedade e ao indivíduo? Pensamos que sim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. (1959). Teoría de la seudocultura. In: ADORNO, T. W.. **Filosofía y superstición**. Madrid: Alianza, 1969. p. 141-74.

_____. (1953). **Bajo el signo de los astros**. Barcelona: Laia, 1986. 126 p.

_____. (1968). A indústria cultural. In: COHN, G. (Org.) **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: Ática, 1987. p. 287-295.

_____. (1941). Ataque de Veblen à cultura. In: ADORNO, T. W. **Prismas**. São Paulo: Ática, 1997. p. 69-91.

_____. (1968). A educação contra a barbárie. In: ADORNO, T. W.. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003a. p. 155-68.

_____. (1965). Tabus acerca do magistério. In: ADORNO, T. W.. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003b. p. 97-118.

_____. (1969). Educação e emancipação. In: ADORNO, T. W.. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003c. p. 169-86.

_____. (1967). Educação após Auschwitz. In: ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003d. p. 119-38.

_____. (1967). Educação – para quê? In: ADORNO, T. W.. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003e. p. 139-54

_____. (1951). A teoria freudiana e a propaganda fascista. **Margem esquerda**, São Paulo, n. 7, p. 164-89, 2006.

ADORNO, T. W. et al. (1950). **La personalidad autoritária**. Buenos Aires: Proyeccion, 1965. 926 p.

ADORNO, T. W.; SIMPSON, G. (1941). Sobre a música popular. In: COHN, G. (Org.) **Theodor W. Adorno**. São Paulo: Ática, 1986. p. 115-45.

BASTIDAS, C. **Driblando a perversão**. São Paulo: Escuta, 2002. 154 p.

BENJAMIN, W. (1938). Charles Baudelaire: um lírico no auge do Capitalismo. In: _____. **Obras Escolhidas III**. Alguns temas em Baudelaire. São Paulo: Brasiliense, 2000. p. 9-182.

BLEGER, J. **Temas de psicologia**: entrevista e grupos. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 144 p.

BUFORD, B. **Entre os vândalos**. São Paulo: Schwarcz, 1992. 287 p.

CAPEZ, F. Violência no futebol. In: LERNER, J. (Org.) **A violência no esporte**. São Paulo: Imesp, 1996. p. 49-52.

CROCHÍK, J. L. **Preconceito, indivíduo e cultura**. São Paulo: Robe, 1995. 174 p.

CROCHÍK, J. L. A corporificação da psique. **Educar em revista**, Curitiba, número 16, , 2000. p. 27-41.

DA MATTA, R. Antropologia do óbvio. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, p. 10-17, jun./jul./ago. 1994.

DIAS, D. S. **Futebol total**. Juiz de Fora. O Autor, 1980. 217 p.

DUARTE, O. **História dos esportes**. São Paulo: Makron, 2000. 252 p.

ENCICLOPÉDIA BRITANNICA do Brasil. São Paulo, 1993. v. 8

ENCICLOPÉDIA MIRADOR Internacional, São Paulo, 1989. v. 10

ENCICLOPÉDIA UNIVERSAL Ilustrada, Europeo-Americana, 1958. v. 2

KFOURI, J. Sonhar de olhos abertos. In: LERNER, J. (Org.) **A violência no esporte**. São Paulo: Imesp, 1996. p. 49-52.

FOLHA on line. Sítio da internet produzido pelo jornal paulista Folha de S. Paulo, disponibiliza parte do banco de dados do jornal na rede, além de produzir um jornal em tempo real. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u12427.shtml>>. Acesso em 25 jan 2001.

FOLHA on line. Sítio da internet produzido pelo jornal paulista Folha de S. Paulo, disponibiliza parte do banco de dados do jornal na rede, além de produzir um jornal em tempo real. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u54501.shtml>>. Acesso em 25 jan 2003.

FOLHA on line. Sítio da internet produzido pelo jornal paulista Folha de S. Paulo, disponibiliza parte do banco de dados do jornal na rede, além de produzir um jornal em tempo real. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0612200515.htm>>. Acesso em 6 dez 2005.

FOLHA on line. Sítio da internet produzido pelo jornal paulista Folha de S. Paulo, disponibiliza parte do banco de dados do jornal na rede, além de produzir um jornal em tempo real. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u99111.shtml>>. Acesso em 8 mar 2006a.

FOLHA on line. Sítio da internet produzido pelo jornal paulista Folha de S. Paulo, disponibiliza parte do banco de dados do jornal na rede, além de produzir um jornal em tempo real. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u101507.shtml>>. Acesso em 18 mai 2006b.

FRARE, J. A Paixão é uma bola. **Revista Nova Escola**, São Paulo, p. 10-14, jun. 1994.

FREUD, S. (1921). **Psicologia de grupo e análise do ego**. Rio de Janeiro: Imago, 1974a. p. 91-179. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. 18.)

_____. (1930). **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1974b. p. 73-148. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. 21.)

_____. (1914). **Sobre o narcisismo**: uma introdução. Rio de Janeiro: Imago, 1974c. p. 89-119. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. 14.)

_____. (1917-1918) **O tabu da virgindade**. Rio de Janeiro: Imago, 1974d. p. 197-215. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. 11.)

_____. (1923). **O ego e o id.**, Rio de Janeiro: Imago, 1974e. p. 15-80. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. 19.)

GRANDE ENCICLOPÉDIA Portuguesa e Brasileira. Lisboa/Rio de Janeiro, 1945. v. 5

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. (1956). **Temas básicos da sociologia**. São Paulo: Cultrix, 1978. p. 205.

_____. (1947). **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. 254 p.

LOPES, J. S. L. A vitória do futebol que incorporou a pelada. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, p. 64-83, jun./jul./ago. 1994.

MACHADO A. R.; O futebol e a violência. In: LERNER, J. (Org.) **A violência no esporte**. São Paulo: Imesp, 1996. p. 101-106.

MARCUSE, H. (1965). A obsolescência da psicanálise. In: MARCUSE, H. **Cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. v. 2.

OLIVEIRA, M. A. T. Educação física escolar: formação ou pseudoformação? **Educar em revista**, Curitiba, n. 16, p. 11-26, 2000.

PIMENTA. C. A. M. **Torcidas organizadas de futebol, violência e auto-afirmação**: aspectos da construção das novas relações sociais. São Paulo: Vogal, 1997. 160 p.

_____. Torcidas organizadas: brutalidade uniformizada no Brasil. In: PINSKY, J.; PINSKY C. B. (Orgs.) **Faces do fanatismo**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 262-81.

POCIELLO, C. Os desafios da leveza: as práticas corporais em mutação. In: SANT'ANNA, D. B. (Org.) **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação liberdade, 1995. p. 115-120.

PRADO, D. A. Dois textos: Tempo (e espaço) no futebol. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, p.18-29, jun./jul./ago. 1994.

RETTO, A. B. A. Multidão sem rosto. In: LERNER, J. (Org.) **A violência no esporte**. São Paulo: Imesp, 1996. p. 39-44.

RODRIGUES, N. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Schwarcz, 1994. 197 p.

RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. 197 p.

SANTOS, T. C. **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol**. São Paulo: Annablume, 2004. 171p.

SEVCENKO, N. Futebol, metrópoles e desatinos. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, p. 30-37, jun./jul./ago. 1994.

UOL esportes. Sítio jornalístico dedicado a informações sobre o esporte em “tempo real”. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2005/04/14/ult59u92779.jhtm>>. Acesso em 14 abr 2005.

UOL esportes. Sítio jornalístico dedicado a informações sobre o esporte em “tempo real”. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2006/02/26/ult59u100222.jhtm>>. Acesso em 26 fev 2006a.

UOL esportes. Sítio jornalístico dedicado a informações sobre o esporte em “tempo real”. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2006/05/05/ult59u101948.jhtm>>. Acesso em 5 mai 2006b.

ANEXO 1

Agradecemos sua colaboração!

Data de Nascimento: ___/___/___

Grau de escolarização: _____

Qual o seu time?

O que você sente pelo seu time?

Amor Gosta Simpatia Quase nada Nada

Já foi de torcida organizada?

Sim. Qual? _____

Não

Se sim, gostava?

Sim

Não

Se não, gostaria de participar de alguma?

Sim, qual? _____

Não

Com que frequência você vai ao estádio?

Sempre Quase sempre Raramente Quase nunca Nunca

Com que frequência você assiste aos programas televisivos sobre futebol?

Sempre Quase sempre Raramente Quase nunca Nunca

Com que frequência você ouve os programas de rádio sobre futebol?

Sempre Quase sempre Raramente Quase nunca Nunca

Com que frequência você lê as notícias do jornal impresso sobre futebol?

Sempre Quase sempre Raramente Quase nunca Nunca

ANEXO 2 – ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1A

Antônio

Entrevistador: Para você, o que é torcer?

— Eu acho, assim, tipo um esporte, só por esporte, mesmo.

Entrevistador: Mas como assim “tipo um esporte”?

— Porque às vezes você torce por um time e você quer ver aquele jogador fazer uma coisa bonita, tal. E, como eu sonhava também em ser um jogador de futebol, mas não deu certo.... então por isso eu peguei aquela vontade de torcer para um time, daí escolhi o Corinthians.

Entrevistador: Por que você torce, então?

— Só por prazer de ver mesmo os caras jogar. Meu sonho era jogar futebol. Como não deu certo, não custa nada ver eles jogarem.

Entrevistador: Quando você se viu torcendo pela primeira vez pelo Corinthians o que te fez torcer pelo Corinthians? Você lembra ou não?

— Era no tempo do Tupãzinho, que ele entrava no segundo tempo fazendo gol, Marcelinho Carioca, quando ele jogava futebol, ele jogava bastante. Tinha o Viola, também, que ninguém esquece, então aquilo foi levando, levando, e você vai torcendo cada dia mais...

Entrevistador: E o momento, você lembra?

— Parece uma brincadeira. Saímos eu mais os meus colega para assistir Corinthians e São Paulo, daí chegou lá, todo mundo ia para o... com um negócio, todo mundo junto, então eu disse assim: “Não, eu vou escolhe um time, o Corinthians.” Aí teve o clássico, o Corinthians ganhou, aí então começou...

Entrevistador: E o que representa o Corinthians para você?

— Para mim é um grande time, dá prazer você assistir de vez em quando, né? Porque agora está uma merreca.

Entrevistador: Mas então ele representa ser grande?

— Tem, tem, o Corinthians é muito grande. O Corinthians é a maior nação do mundo, para mim, né?

Entrevistador: Por que, para você, ele é a maior nação do mundo?

— É o segundo time maior da... do estado, né? Você sabe, né? Corinthians mesmo, não tem jeito.

Entrevistador: Dos times que existem, de qual você menos gosta?

— Menos? Pode ter certeza, o Palmeiras.

Entrevistador: E por que você menos gosta do Palmeiras?

— Rival, rivalidade não presta. Por isso que eu falo, quando estão os dois jogando, aí agora é um contra o outro e acabou-se. Ainda, para começar, tem os torcedores, que fica zoando com a cara da gente, quando a gente perde. E aquilo vai levando cada dia mais, então com certeza é o Palmeiras.

Entrevistador: O que você acha dos palmeirenses?

— São amigos, só que, quando eles ganham, ficam zoando a cara da gente é igual à gente, quando a gente ganha ficando zoando a cara deles, então cada dia mais vai crescendo mais aquele negócio. Mas que eu conheço palmeirense, é tudo amigo.

Entrevistador: Então você não gosta do time, mas gosta dos palmeirenses?

— Só não gosto do time, de modo da rivalidade, só isso.

ENTREVISTA 2A

Rodrigo

Entrevistador: Para você, o que é torcer?

— É ir ao estádio e você ver o seu time.

Entrevistador: O que você acha, o que você sente?

— Incentivar o time no estádio e nada de confusão. Eu não levo minhas crianças. Eu tenho um menino que quer ir, não levo por causa de briga. Vou eu e uns colegas meus, só, quando eu vou. Sem camisa, e essas coisas também.

Entrevistador: Mas por que você torce?

— Como assim?

Entrevistador: O que faz você torcer?

— Porque eu gosto do Palmeiras. Eu torço para o Palmeiras. Gosto de ver o meu time jogar.

Entrevistador: Por que você escolheu o Palmeiras?

— Lá em casa todo mundo é palmeirense. E, tipo assim, é onde eu vejo menos confusão. Até uns anos atrás, é no Palmeiras. Tem uns times aí que são mais de briga ainda.

Entrevistador: Você escolheu o Palmeiras porque tem menos briga?

— No meu ponto de vista, é.

Entrevistador: E o que o Palmeiras representa para você? O que ele te faz pensar?

— Pensar?

Entrevistador: O que ele significa para você?

— Sobre esporte não tem muito o que pensar não, cara. Não sou torcedor doente. Eu torço para o Palmeiras, mas não fanaticamente.

Entrevistador: Dos times que existem, de qual você menos gosta?

— Do Corinthians.

Entrevistador: E por que você gosta menos?

— Não sei, é que eu detesto mesmo. Não gosto do Corinthians.

Entrevistador: Por quê? O que tem o corintiano ou o time do Corinthians?

— Você já foi na torcida da Gaviões da Fiel, ali, já?

Entrevistador: Não.

— Dá uma passadinha ali. Você vê uma vez, você desgosta.

Entrevistador: Mas o que tem lá? Eu nunca fui.

— Ah! Tem de tudo. Tudo que você pode imaginar tem lá na Gaviões.

Entrevistador: Mas o que é tudo? Eu não sei.

— Você deve ter uma base. Lá tem de tudo.

Entrevistador: Tudo o quê? Violência?

— Ah, não sei te falar e não vou te falar.

Entrevistador: Você acha que isso não tem na torcida do Palmeiras?

— Ter, tem. Eu nunca fui na sede da Mancha. Mas ter, tem, porque quando eu fui no jogo do Palmeiras e eu vi que a Mancha passa no meio da torcida e a turma abre, com medo de umas certas pessoas da Mancha. A turma abre para eles passarem para o lugar deles. Usa droga, maconha, tudo no meio da torcida. Não respeita nada.

Entrevistador: E aí, você acha que isso tem mais na Gaviões do que na Mancha?

— Eu nunca fui na torcida da Gaviões, mas tem. Isso para mim é normal. É normal porque todas elas fazem, mas tem mais na Gaviões. Eu fui na quadra da Gaviões no Carnaval, na escola de samba mais o menino e eu vi lá coisa a mais. Nas outras também deve ter, é que eu nunca fui.

Entrevistador: Você se lembra de como começou a torcer pelo Palmeiras?

— Cara, eu não sei, mas isso faz tempo. Era no tempo antes da Parmalat. Eu sempre gostei do Palmeiras, mas o tempo eu não lembro.

Entrevistador: Você era pequeno? Lembra do que te fez torcer por ele?

— Eu torcia para o Sport Recife. Eu ainda torço lá em Pernambuco. Eu devia ter uns doze anos quando passei a torcer pelo Palmeiras.

Entrevistador: Quando você veio para cá?

— Não, lá mesmo, em Pernambuco.

Entrevistador: E como foi? Você viu um jogo?

— Não, não foi por jogo.

Entrevistador: Foi porque alguém te falou?

— É porque tinha um rapaz lá que gostava muito do Palmeiras e eu comecei a andar com ele e comecei a gostar também. Foi isso.

Entrevistador: Era um amigo seu de lá?

— Era. Ele é torcedor doente. Palmeiras, ganhando ou perdendo, ele anda com a camisa do time, uniforme, chuteira, todo Palmeiras. Ele é fanático do Palmeiras.

ENTREVISTA 3A

Marcos

Entrevistador: Para você, o que é torcer?

— Ah, torcer é um meio de.....Como é que se fala? É paixão, mesmo. É torcida pelo time de que a gente gosta. Na minha opinião, é uma sensação boa, torcer para o time da gente. Isso faz parte do esporte e da vontade da gente, e não precisava dessa violência que tem no estádio. A gente fica até com medo de ir e torcer pelo time da gente, porque não sabe se volta. Daí torcer, para mim, é isso: paz e amor. É um prazer estar torcendo para o time da gente.

Entrevistador: Por que você torce?

— Ah, cara, porque eu gosto. Gosto mesmo do São Paulo. Não gosto mesmo é de fazer parte de torcida organizada. Torço na boa, mesmo.

Entrevistador: Por que você escolheu o São Paulo para torcer?

— Eu não sei, foi de inocência, mesmo. Vi meu pai torcendo para o São Paulo, crescendo, crescendo e vendo ele torcendo, aí eu falei: “São Paulo vai ser meu time do coração.”

Entrevistador: Você torce desde pequeno?

— Desde pequeno.

Entrevistador: Você acha que é por causa do seu pai que você torce?

— Nem tanto pelo meu pai. Eu gosto do time, mesmo.

Entrevistador: Você se lembra do momento em que começou a torcer pelo São Paulo?

— Não lembro. Eu era muito pequeno. Só me lembro de quando meu pai me deu uma camisa do São Paulo.

Entrevistador: E você se lembra do momento em que você pensou: “Que legal torcer para o São Paulo!”?

— Ah, cara, eu falo isso direto!

Entrevistador: E da primeira vez, você não lembra?

— Não, não lembro.

Entrevistador: O que representa o São Paulo para você? O que significa?

— Ah! Significa.. o que representa pra mim? É tudo. É esporte, é amor, é a vontade de torcer.

Entrevistador: E, dos times que existem, de qual você menos gosta?

— Do Corinthians.

Entrevistador: Por que o Corinthians?

— Não suporto esse time, cara.

Entrevistador: O que tem no Corinthians que faz com que você não goste?

— O futebol deles, o futebol deles é muito ruim.

Entrevistador: Mas é só pelo futebol ser ruim? É a única razão de você não gostar?

— É isso mesmo. Não gosto porque jogam mal.

Entrevistador: E do corintiano, o que você acha?

— Nada contra. Cada um torce para o time que quer.

Entrevistador: O problema é mesmo o time, não é o torcedor?

— O problema é o time. O torcedor não tem nada a ver com o time. Cada um faz sua parte. É só o time, mesmo.

ENTREVISTA 4A

Fábio

Entrevistador: Para você, o que é torcer?

— Torcedor é... ser um torcedor fanático, né? Torcer é...como se diz...

Entrevistador: O que você sente? O que representa para você?

— Representa amar o time, né? Sobre o que é torcer, aí você me pegou.

Entrevistador: O que você sente quando está torcendo? Fala de um momento seu na torcida.

— Emoção, emoção, né? Quando você está ali, no meio daquela multidão, é muito bonito e bom. Eu queria realizar um sonho: chegar perto do Rogério Ceni. Do time, mesmo, quem faz a gente ser são-paulino mesmo é só o Rogério. Já está todo mundo indo embora. Indo não, já foi. Foi embora o Kaká, agora o Mineiro. Vai acabar o time, né, só isso, só.

Entrevistador: E por que você torce?

— Torço porque gosto. Porque a gente gosta e é um time de que eu gosto.

Entrevistador: Por que você escolheu esse time?

— A primeira coisa que eu vi na TV, o primeiro jogo a que eu assisti foi do São Paulo. Aí eu disse: “Esse vai ser o meu time de coração.”

Entrevistador: Você lembra de quando foi que escolheu torcer para o São Paulo?

— Nossa!! Eu devia ter uns sete ou oito anos.

Entrevistador: Mas aconteceu o quê? Como foi?

— Estava assistindo a um jogo, até lembro que era São Paulo e Boca Juniors. Nessa época não era tão fanático, não, mas passei a ser. Vai crescendo, vai amadurecendo.

Entrevistador: O que representa o São Paulo para você?

— O que representa para mim? Fiquei em dúvida.

Entrevistador: Por que você escolheu o São Paulo?

— Ah, eu gostei do time. Por isso que eu escolhi ser torcedor do São Paulo.

Entrevistador: E hoje em dia, o que ele significa na sua vida?

— É, bem dizer, um pedaço de mim, né. Eu gosto mesmo do São Paulo.

Entrevistador: Dos times que estão aí, de qual você gosta menos?

— Menos, do que eu gosto menos, do Corinthians.

Entrevistador: E por quê?

— Olha, vou te falar uma coisa: tem muito vandalismo na torcida do Corinthians. Eu gostaria de sabe o quê... Vamos supor de a gente ir assistir a um jogo. Vamos supor que eu quero ir ao estádio assistir a um jogo do São Paulo. Não posso levar minha mulher e meus filhos. Se eu for, é arriscado a gente chegar lá e terminar apanhando por causa de alguém sem ter nada a ver.

Entrevistador: Mas você acha que na torcida do São Paulo não tem esse tipo de coisa?

— No São Paulo tem. Não tem esse time que não tenha, que não tenha vandalismo. Todos os times tem que ter. Sempre tem um que não presta, mesmo. E aí quem está junto e não tem nada a ver termina se complicando junto.

Entrevistador: E o que o Corinthians tem de que você não gosta?

— Nossa! Muitas coisas.

Entrevistador: Fala só três.

— Não vou nem comentar.

Entrevistador: Não pode falar?

— Não, esquece.

Entrevistador: Você não quer falar porque você não lembra?

— Eu não quero falar mesmo.

Entrevistador: Nenhuma?

— Não

ENTREVISTA 5A

André

Entrevistador: Para você, o que é torcer?

— É quem é fanático, é gostar de um time, se tiver condições de gostar. Não é falar que vai gostar e não gostar. Só gosta do time aquele que tem um time só.

Entrevistador: Então torcer, para você, é gostar do time?

— Por que você torce?... Porque gosta do time.

Entrevistador: O que te fez escolher o Corinthians?

— Escolho porque eu sou corintiano. Nós somos lá do Norte e nós sempre escolhemos o Corinthians para torcer.

Entrevistador: Você lembra quando começou a torcer pelo Corinthians?

— Lembro do momento. Justamente eu fui no jogo Corinthians e Bragantino e a partir daí comecei a gostar.

Entrevistador: E você já estava morando aqui em São Paulo?

— Já.

Entrevistador: O que o Corinthians representa para você?

— Ah! Representa muitas vitórias, muita felicidade. No bairro onde a gente mora tem do lado a Gaviões da Fiel. Também passei a torcer pelo time por causa disso. Eu também torço porque é um time que dá muita oportunidade para a criançada daqui. Pega e põe na escolinha aos domingos.

Entrevistador: De que time você menos gosta?

— O que eu menos gosto é o Flamengo e o Sport Recife. Não, eu gosto do Flamengo e do Sport. Os times que eu não gosto mesmo são Palmeiras e São Paulo. Eu não sou chegado nesses times.

Entrevistador: Por que você não gosta desses times?

— Violência nas torcidas organizadas deles. Aí nós não gostamos deles e não temos como bater de frente com esses times.

Entrevistador: Você então não gosta deles por causa da violência nas torcidas?

— É muita violência e também, para nós, não adianta nada. Hoje em dia um pai de família não pode nem ir num futebol por causa de muita violência desses times aí.

Entrevistador: Mas você acha que no Corinthians não tem essa violência?

— Tem violência, mas é mais pouca. Não é muito crítico. É pouca briga.

ENTREVISTA 6A

Lucas

Entrevistador: O que é torcer, para você?

— É ter paixão por algum time. Saber, no estádio, respeitar a torcida . Torcer é ser fanático por futebol, mas ir ao estádio e não vir para casa fazendo bagunça. Saber que, seu time ganhe ou perca, a gente não ganha nada com isso. Apenas é uma paixão, um mito de cada um, porque você tem seus ídolos, porque você gosta da coisa. Como eu gosto de futebol, tem aquele que gosta de novela. Então cada um tem os personagens do seu gosto no dia-a-dia, que, para mim, estão dentro do futebol.

Entrevistador: E o que você sente quando torce?

— Eu sinto que futebol traz cultura. Mostra coisas boas. Ensina coisas boas. Tem ídolos que trazem esperança para crianças carentes. Quando você assiste e vê eles, como, por exemplo, o Ronaldinho Gaúcho, quando inaugurou o CT [Centro de Treinamento], que dá escola, educação e tudo. Então, a gente que é carente, pobre, você olha ali, você enxerga ídolos que trazem esperança para as crianças. Mesmo que você sendo pobre, simplesmente, uma bola, não é só assistir, também traz cultura, traz lazer e assim por diante.

Entrevistador: Por que você torce?

— Ah, porque eu gosto, gosto do esporte, gosto de futebol. Traz cultura.

Entrevistador: Por que você escolheu o Grêmio?

— Porque meus pais já torciam.

Entrevistador: Você lembra de quando você começou a torcer para o Grêmio?

— Desde criança, desde que nasci. Não posso dizer, mas muito cedo, por causa também da região em que eu nasci. Lá uns torcem para o Inter e outros para o Grêmio. E eu comecei a torcer para o Grêmio, porque eu gostava mais do Grêmio.

Entrevistador: Mas você se lembra do momento em que você fez a escolha? O que te fez torcer?

— Influência dos pais, mesmo.

Entrevistador: E o que o grêmio representa para você?

— Para mim, um é time que eu escolhi e representa... é a mesma coisa de quem escolhe o São Paulo. É porque eu gostei, se eu torcer pro Inter, São Paulo ou Palmeiras ou qualquer outro, todos eles transmitem cultura, e eu sou Grêmio porque sempre torci por ele.

Entrevistador: E o que ele significa para você?

— Para mim, o Grêmio é apenas um time por que eu torço. É que a gente tem que escolher alguém para torcer. Representa simplesmente o que qualquer time representa: cultura, coisa boa.

Entrevistador: Por que você acha que “tem de escolher alguém para torcer”?

— Ah, porque você não pode torcer para todo mundo. Tem que ter alguém.

Entrevistador: E, dos outros times, de qual você gosta menos?

— Para mim, todos são bons.

Entrevistador: Não tem nenhum de que você não goste?

— Não, não. O que eu menos gosto, não tem o que falar. Todos os times que entram em campo e que você vai torcer transmitem coisas boas. Eles não vão lá trazer briga. Todos são bons. Quem não é bom geralmente são certos tipos de torcidas organizadas, que vão no estádio para bagunçar, e aí falam que o time é ruim, mas o time não, o time é bom, todos eles são bons.

Entrevistador: Mas você não sente nenhum tipo de rivalidade em relação a um time?

— Não, não, porque a gente que é brasileiro deve torcer não para o nosso time, mas deve torcer para o nosso futebol. É lógico que, se tiver um Brasil e Argentina, a gente vai torcer, e aí tem rivalidade, aí tem.

Entrevistador: Então o time de que você menos gosta é o da Argentina?

— Com certeza!

Entrevistador: O que tem o time da Argentina? Do que você não gosta neles?

— Não, não é que não gosto deles, é que tem esse negócio de Brasil e Argentina porque é um clássico do futebol mundial. Quando tem um Brasil e França, Brasil e Alemanha, não tem, mas, quando é Brasil e Argentina, aquele drama, aquela rivalidade de que a gente gosta. Uma coisa boa que a gente traz por torcer. Porque eu sou brasileiro, e a Argentina, mesma coisa. Como que ele é o melhor rival para nós. O futebol nosso e o deles são bonitos. Rivalidade é aquela coisa do sangue, do coração da gente.

ENTREVISTA 7A

Marcelo

Entrevistador: Para você, o que é torcer?

— É o que tem na Gaviões da Fiel.

Entrevistador: Mas, para você, o que é torcer?

— Torcer? É que eu tenho muito orgulho negócio do Corinthians. Porque eu gosto muito do Corinthians é que eu sempre que vou no jogo do Corinthians. Eu pulo, grito, garra.

Entrevistador: O que você sente quando está torcendo?

— Cara, eu fico muito nervoso. Corinthians perdendo eu fico louco.

Entrevistador: E quando ganha?

— É só alegria, fico só pulando, gritando. Venho embora em paz

Entrevistador: E por que você torce?

— Porque é meu time, claro. O corintiano é muito orgulho. Para ser corintiano tem que ter muito amor pelo time.

Entrevistador: E por que você escolheu o Corinthians para torcer?

— Porque eu nasci corintiano, meus irmãos são tudo são-paulinos e eu corintiano.

Entrevistador: Mas o que fez você ser corintiano?

— Primeiro por que assisti a um jogo do Corinthians na televisão e aí falei: vou ser corintiano mesmo.

Entrevistador: E você se lembra da hora ?

— Não via a hora. Acho que foi em 1800 e poucos, não sei que dia foi. Eu sei que o primeiro dia que eu vi o jogo do Corinthians eu fiquei doido, já comprei a camisa do Corinthians.

Entrevistador: E o que fez você escolher o Corinthians?

— É que eu sinto muito orgulho de ser corintiano

Entrevistador: E o que o Corinthians representa para você? O que significa?

— O Corinthians o que é para mim eu nem sei explicar. Essa eu fiquei em dúvida.

Entrevistador: O que te vem à cabeça quando você ouve a palavra Corinthians?

— É que ser corintiano é ter paz, amor.

Entrevistador: E, dos times que tem aí, de qual você menos gosta?

— Palmeiras e São Paulo. O último de que menos gosto é do Vasco.

Entrevistador: Por que você gosta menos do Palmeiras e do São Paulo?

— Ah, porque isso aí não vira, não. São-paulino é pé-de-chão. Os caras ficam doidos quando eu falo isso.

Entrevistador: O que é isso? Não entendi.

— Os são-paulinos são pé-de-chinelo, os caras chamam pé-de-chinelo.

Entrevistador: Mas por que “pé-de-chinelo”?

— Olha, é assim: torcer para o São Paulo é pé-de-chinelo. Os caras chamam assim “pano de chão”, eu falo o contrário, eu falo outro jeito. O que eu falo é só esse aqui.

Entrevistador: Então...?

— A Gaviões é diferente. Nós somos diferentes.

Entrevistador: Onde está a diferença?

— A torcida do Corinthians é mais garra, é mais força.

Entrevistador: E as outras você acha que não tm?

— Não têm, não.

ENTREVISTA 8A

Julio

Entrevistador: Para você, o que é torcer?

— Torcer, para mim, é uma coisa que você é fã, gosta, sente prazer de ver e sentir, boas jogadas, a torcida. Tudo é show de bola! Eu sou desde pequeno, vem de família e isso até meu avô, que eu nem conhecia, já era corintiano. Pai e mãe e irmão é tudo Corinthians

Entrevistador: O que você sente quando está torcendo?

— Ah! Muita emoção, hein, caralho! Nossa! Show de bola, cara. Até morrer. Não sei nem o que falar, é coisa boa demais, já vem do coração, já vem nato. Fui criado já para ser isso.

Entrevistador: Por que você torce? O que te mantém torcendo?

— É muita força que os caras me deram e tudo. Fora isso, eu sempre gostei, cara.

Entrevistador: Quem te deu muita força?

— Deixa eu ver aqui. A Gaviões, mesmo, o diretor, conheço ele, gente fina pra caramba. Me deu muita força e sabe que eu sou nato. Não tem nem como falar nada. Já nasci para ser corintiano. No Carnaval mesmo, quando foram desfilar, deu vontade de pular lá no meio e sair com a galera. Pena que não podia. Se eu pudesse, show de bola. Desde que nasci, já vem de família para esse negócio de família grande, e era toda, inteira, corintiana. Em casa, mesmo se fosse de outro time, não é por causa da família, tipo assim: teve de ser e sou até hoje.

Entrevistador: Por que você escolheu o Corinthians?

— Não escolhi, não é meu. Não é meu e não escolhi nem nada. Eu já nasci para ser corintiano, já nasci sendo corintiano.

Entrevistador: O que representa o Corinthians para você?

— Muitas emoções. Os caras são muito gente fina, dão a maior força.

Entrevistador: Que caras são esses?

— O diretor, os participantes da Gaviões, lá não tem esse negócio de ser mais ou de ser menos, lá é tudo igual.

Entrevistador: Quando você pensa no Corinthians, o que te vem à cabeça?

— O que me vem à cabeça? Eu penso tudo, cara, é minha família. Você vê, só de eu falar já fico emocionado. Para mim, representa tudo; já nasci sendo, e sou. Vem tudo na mente quando eu penso no Corinthians: futebol, jornal, rádio e televisão. Quando vejo a televisão preciso ter um rádio do lado, tem que ter jornal também, para saber de tudo do começo ao fim. Rádio, televisão, jornal, reportagem.

Entrevistador: E, dos times que existem, de qual você gosta menos?

— Palmeirense, não é, meu? Palmeirense, porque a maioria dos paulistas... mesmo São Paulo são em mais. Sempre que tem que ter um que você menos gosta, que você mais gosta. O São Paulo mesmo; a maioria do que acontece de encrenca sempre joga Corinthians e São Paulo. A mais ignorante que tem é quando vai jogar São Paulo e Corinthians. São as maiores torcidas e, quando vai ter aquele confronto, não se dão bem. Tem aquele jogo de Corinthians e Palmeiras, não tem tanto que você vê nem faz muito barulho. Mas quando é clássico e final, esse negócio como um São Paulo e Corinthians, você vê que tem morte, tem tudo. É rival, não é, meu?

Entrevistador: E por que você acha que acontece isso? O que tem o são-paulino que fazia isso acontecer?

— Eu tenho para mim assim: ganhando e perdendo é a mesma coisa. Para poder jogar tem que saber perder. Se só ganhar também não vai ter graça. Quer dizer assim: um não quer ficar por debaixo do outro. Os dois jogam bola demais, os mais rivais que tem entre os times daqui de São Paulo você vê que são tudo suave, mas o que dá mais treta mesmo, o que você vê no jornal e tudo, é a Gaviões e Mancha... nem Palmeiras e Santos não é tanto, mas o São Paulo e o Corinthians você vê que estraçalha.

Entrevistador: Você acha que a pior coisa, que faz você não gostar do São Paulo, é a violência?

— É a violência. É por que não tem nada a ver. É apenas um torneio, um esporte, aí é desse esporte que vem várias tretas, esse negócio todo. A maioria das vezes é com o Corinthians e o São Paulo. E são as torcidas maiores, também.

Entrevistador: Você acha que a maior violência é do São Paulo?

— Não, do jeito que um pensa o outro pensa também! Está todo mundo atacado, não é, meu? Olhe que a coisa que acontece isso, violência... mas é apenas um esporte, cada um tem seu time, sou fanático de coração. Do jeito que eu sou fanático pelo Corinthians também tem fanático pelo São Paulo também, entendeu? Aí vai num clássico e tal, daqui a pouco começa o pau também, aí começa treta.

Entrevistador: Mas você não gosta do São Paulo por causa da violência? Você acha que o são-paulino tem algo, uma coisa que não te agrada?

— Violência, mesmo. São Paulo, cara, é um time que representa, joga bem bonito, é bom você ver, não quer ficar por baixo. Quando não é o time é a torcida. Tem sempre esse confronto, então,

cara, é a violência e muitos caras atacados. Mesma coisa. Do mesmo jeito que tem cara a cada aqui tem ali; do jeito que eu sou fanático outro também é.

Entrevistador: Então, também tem violência na torcida do Corinthians?

— Tudo igual, tudo a mesma coisa. Do jeito que um pensa o outro pensa; a mesma treta, a raiva, o nervoso. Ninguém quer ficar por baixo, mas é apenas um esporte. Eu podia muito bem torcer para qualquer um time, mas eu vi a parada como é que é. Aliás, eu nem vi, eu já nasci com a camisa do Corinthians.

ENTREVISTA 1B

Altay

Entrevistador: P ra você, o que é torcer?

— Torcer é você ajudar o time a ganhar. Você torcer é incentivar o time, incentivar o time para que ele ganhe as partidas.

Entrevistador: E por que você torce?

— Porque eu gosto.

Entrevistador: E o que você sente quando você torce?

— Emoção muito grande, né? Legal, gostoso, vibração, adrenalina, emoção. Torcer pelo seu time é a melhor coisa que tem. Se você tem um time é gostoso demais. Mais gostoso ainda é ver ele ganhar.

Entrevistador: E por que você escolheu o Palmeiras?

— É que, desde criança, meu tio, meu pai sempre foram palmeirenses, e por eles eu sou palmeirense, desde criança.

Entrevistador: E você se lembra do momento em que você viu que era palmeirense?

— Ah, lembro. Como eu te falei, desde criança eu sempre fui palmeirense, sempre eu o vestia. Meu tio, meu pai também compravam as roupas para mim do Palmeiras, me vestia as roupas. Então foi daí a influência. Sempre, sempre, sempre. Nunca fui torcer para outro time, sempre palmeirense.

Entrevistador: E você se lembra do momento em que você viu como é bom torcer?

— Lembro. A primeira vez, vixe, faz muito tempo. Desde moleque, desde molequinho, desde criança, sempre senti emoção, desde moleque, desde molequinho.

Entrevistador: O que representa o Palmeiras para você e por quê?

— Palmeiras é um time de que eu gosto muito. Time do coração gosto pra caramba do Palmeiras. É um time que acho que tem, sei lá, passa força, gente assistindo, que é torcedor.

Entrevistador: Que tipo de força é essa?

— Assim inexplicável, né? É uma coisa de coração mesmo, só quem gosta mesmo para falar, mas é uma força muito grande o prazer de torcer pelo seu time, né? O prazer de torcer pelo Palmeiras, o verde-esperança, natureza. Me identifico demais com esse time aí, é bom.

Entrevistador: E, de todos times que tem, de qual que você gosta menos?

— Corinthians... hehehe... Corinthians, sem dúvida

Entrevistador: E por quê?

— Porque isso aí vem de moleque, também. Rivalidade, né? Sei porque eu já fui de torcida organizada e rivalidade sempre teve, né? Então a gente, é... então todo mundo que é palmeirense não gosta do Corinthians. É o time mais detestado. Só eles, acho, para gostar deles. Hehehe... [perguntando bem baixo] Você é corintiano?

Entrevistador: E o que você acha do corintiano?

— Corintiano? Tenho uns amigos corintianos, mas nada contra. Os que eu conheço são gente boa. Agora os que eu não conheço é tudo ruim, hehehe.

Entrevistador: Mas ruim por quê?

— Porque torcem para o Corinthians, né?

Entrevistador: Mas têm alguma característica do corintiano que te incomoda?

— Tem, tem muitas.

Entrevistador: Algumas que você lembrar você pode falar?

— Ah... sempre que perde é porque o juiz roubou, sempre que dá a alguma coisa errada tem alguma desculpa... corintiano é muito chato, corintiano é chato. Nada contra, mas...

Entrevistador: Mas você acha que isso não tem nas outras torcidas?

— Pode ter, tem alguns curva-de-rio, mas na do Corinthians tem mais... a do Corinthians é a pior, eu acho que é a pior. Torcida chata, os jogadores são tudo meio mascarados, também, eu não gosto muito do Corinthians, não.

ENTREVISTA 2B

Tiago

Entrevistador: Para você, o que é torcer?

— Pô, acho que acompanhar o time, os jogos, vibrar quando ganha. E também faz parte ficar chateado quando o time perde, acho que é isso.

Entrevistador: O que você sente quando você torce?

— Pô, isso, acho que emoção, né? Você fica emocionado com o jogo, tipo, fica tenso e alegria. Varia. Varia muito durante o jogo, por exemplo, durante o próprio jogo as sensações que você tem, acho que é isso.

Entrevistador: Por que você torce?

— Por que que eu torço? Pô, acho que eu gosto de esporte e... do futebol, gosto do... tenho o que eu falei, tenho aquele amor ao seu time, não tenho nenhuma outra motivação especial, acho que esse tipo de coisa você não tem muito controle, né?

Entrevistador: Por que você escolheu o São Paulo para torcer, você lembra?

— Pô, eu era pequeno. Na verdade, eu sou são-paulino desde antes de o São Paulo ser campeão do mundo de 92, apesar de ser de uma geração... que é constante da minha geração que é são-paulino por causa disso também... eu torcia antes. Eu lembro que eu voltava da praia ouvindo jogo de futebol com meu pai, e os jogos do São Paulo acho que eu geralmente mais lembro de ouvir, e acabei gostando do time, mas não tive influência de ninguém.

Entrevistador: E você se lembra do momento em que você escolheu o São Paulo para torcer?

— A época mais ou menos eu lembro, mas não teve um momento, um título especial que fez eu começar a torcer para o time. Lembro da época, só.

Entrevistador: Você não se lembra como foi? Se estava com amigos, se estava vendo o jogo, como que foi, isso você não lembra?

— Eu lembro realmente que eu ouvia o jogo muito pelo rádio quando eu ia viajar e quando estava, enfim, à tarde, com meu pai, essas coisas assim, e eu ouvia o jogo apesar de meu pai não ser são-paulino, ser santista. E eu via os jogadores. O Careca jogava, na época. Jogava bem, fazia uns lances legais, e aí eu acabei gostando do time.

Entrevistador: O que o São Paulo representa para você? E por quê?

— Pô... representa... é complicado. Eu posso dizer que faz parte da minha vida constantemente. E eu acompanho todo dia, sempre discuto... A maioria dos meus amigos é são-paulina também, então a gente vai para o estádio junto, um... É até uma forma de confraternização. Depois que você termina a faculdade, essas coisas assim, você não encontra com as pessoas constantemente, então meio que quarta-feira é um dia que tem um jogo, ou domingo, sábado. Se junta muita gente que não tem possibilidade de se encontrar mais, que se via antigamente, e tal, aí se junta o pessoal, se confraterniza, assiste ao jogo, discute depois, antes, até, e é isso, meu. Faz parte da vida da gente e é uma forma de você se desestressar também.

Entrevistador: Dos times que existem, de qual você gosta menos?

— Tem que ser brasileiro?

Entrevistador: Pode ser qualquer time.

— Do River Plate.

Entrevistador: Por quê?

— É o que menos gosto porque eu lembro que, sempre que vai lá na Argentina, não só os jogadores fazem firula e batem nos outros como a própria arbitragem geralmente ajuda. Então isso é uma coisa que irrita muito. Não adianta você jogar bola que o juiz influencia, ou evitar qualquer tipo de coisa, porque o juiz influencia, e eu não gosto do River. Eu não gosto do River inclusive por uma final, que foi o jogo mais roubado que eu já vi na minha vida, foi um absurdo, daí eu peguei birra do time e não gosto dele justamente por isso.

Entrevistador: E dos torcedores, de quais você gosta menos?

— Com os do River eu não tenho muito contato, e os torcedores mais chatos mesmo são os corintianos.

Entrevistador: Por que você acha os corintianos os mais chatos?

— É porque tem muita quantidade, acho... Palmeirense quase não tem, né? Está escondido, sei lá... santista também, né? Difícil você pegar hoje em dia. Aqui então tem muito mais corintiano. Quando tem um jogo, não sei o quê, alguma coisa que você perde, ou mesmo quando não é contra, eles aproveitam para te tirar um sarro. Então são mais chatos, mas eu tenho amigos corintianos, meu irmão é corintiano, enfim, não é uma coisa muito grave, lógico.

Entrevistador: Mas que característica dos corintianos que faz você não gostar deles ?

— Não. Acho que basicamente é mais porque tem muita gente que se conhece, e qualquer tipo de coisa que possa acontecer com seu time, ainda mais agora que eles não têm mais como discutir futebol, então qualquer coisa é motivo para te pegar no seu pé. Entendeu, ela também é uma torcida que gosta muito de futebol que está sempre ligada nas coisas, e a rivalidade faz parte, né?

ENTREVISTA 3B

Daniel

Entrevistador: Para você, o que é torcer?

— Ah... torcer, meu, acho que é uma forma de diversão, né, cara? De brincar de estar junto com a... é a mesma coisa que sair com os amigos, tá ligado? É brincar, não levar demais a sério, né, meu? Acho que é isso, se divertir.

Entrevistador: Por que você torce?

— Ah... para me divertir e, acho, até para esquecer um pouco dos problemas, esfriar a cabeça, para relaxar um pouco, né? Extravasa assim um pouco, né? Sem violência, que absurdo isso, né? E... mas é isso, né? Relaxar um pouco...

Entrevistador: Por que você escolheu o Corinthians para torcer?

— Ah, vem daquele negócio de pivete, né, meu? Meu pai era corintiano, tal, ele não era fanático, assim, tá ligado? Mas eu, vendo ele assim, eu virei corintiano também, vendo ele torcendo tal, assistindo a jogo, virei corintiano...

Entrevistador: Você se lembra do momento em que você se viu corintiano, o momento que você escolheu ser corintiano?

— Lembrar nitidamente assim o momento não, cara. Uma coisa que eu tenho assim bem clara, quando eu era pivete, é o meu pai sentado assistindo ao jogo tipo falando “vai, Corinthians”, tá ligado? Que nem eu falei, ele não era fanático, mas ele curtia, não lembro um momento assim específico, mas eu lembro, tenho esses flashes assim, tá ligado?

Entrevistador: De você pequeno e seu pai assistindo?

— Exato. Exato.

Entrevistador: Se você pudesse dizer o que o Corinthians representa pra você e por quê...

— Então, cara, o Corinthians é a minha... é o time que me levou a curtir futebol, né, meu? A amar futebol, mesmo, que eu gosto apesar dos problemas que tem, que ele esconde muita coisa do país, tal... mas é um esporte show de bola, assim, que eu gosto pra caramba, e o Corinthians é o... é o time que representa o futebol nesse esporte, né, cara? Que eu amo e, como é que eu posso te falar, assim: o Corinthians eu acho do caralho!

Entrevistador: Dos outros times, de qual você gosta menos?

— Menos, né, meu? Paulista, né, meu? Corinthiano... eu gosto menos mesmo é do São Paulo e do Palmeiras, né? O Santos também, que é outro rival grande, mas menos um pouco, assim, porque tanto, não é... não é tão grande a rivalidade quanto São Paulo e Palmeiras, tá ligado? E acho que o Vasco um pouco, também não gosto muito, não.

Entrevistador: E por que você não gosta desses outros times?

— Por causa da rivalidade, né, meu? É que nem eu falo, assim, né, meu, sem nunca descambar, descamba para o lado da violência, que é absurdo, né? Mas é a rivalidade mesmo, né? São os maiores rivais uns dos outros. O Corinthians é do São Paulo, é do Palmeiras, eles são do Corinthians, né? Então... é bem isso aí mesmo, não gosto deles por causa disso, quero ver eles se dando mal.

Entrevistador: E características desses times de que você não gosta?

— Olha, a característica que eu não gosto, assim, no Palmeiras, no caso, seria... eu vejo muita gente falando que é porque é da Itália, “sou da Itália”. A gente não é da Itália. Eu sou brasileiro, tá ligado? Eu sou brasileiro, e mesmo se fosse pa... se, por acaso, eu fosse palmeirense, não ia ficar com essa conversinha “Itália”, tá ligado? Que não é nossa realidade. Eu sou brasileiro. E tem muita gente que acha que é isso, pensa, se diz italiano, tá ligado? E o São Paulo... sei lá... é, também. Do campo do futebol mesmo, tá ligado? É... acho que o são-paulino meio... meio acho que gosta de ser meio sangue-azul, assim, tá ligado? Acho que se julgam meio superiores, não só socialmente, assim, tipo economicamente, mas com relação ao futebol, mesmo, acho eles meio... se dão muito como entendedores do assunto mais que os outros, tá ligado? No campo do futebol, lógico, né meu? Tenho milhares de amigos palmeirenses, corinthianos, a gente ri, são-paulinos, a gente brinca, a gente zoa e, meu, é tranquilo.

Entrevistador: Você acha que o Corinthians não tem nenhuma dessas características?

— Não... Tem, existe, com certeza, né? Eu brinco assim, é... eu falo assim... tá, eu vejo essas características do outro, não significa que a torcida do Corinthians é perfeita, né, meu? Tem muita gente que se acha meio... Aliás, a torcida do Corinthians é que tem fama de chata, assim, né? Mais que as outras, né? Mas não sei... Mas tem muito chato mesmo, tá ligado? Tem muito corinthiano chato, tem muito corinthiano metido a sangue-azul, metido a elite, mas acho que, no geral, a torcida do Corinthians é uma torcida que gosta de brincar sempre, muita gente interpreta pelo lado de que é chata, mas acho que corinthiano gosta de brincar e de zoar, assim, sem maldade, pelo menos à primeira vista. Que nem eu falei, tem muito idiota no meio, não adianta querer falar que não tem, porque tem.

ENTREVISTA 4B

Igor

Entrevistador: Para você, o que é torcer?

— Ah, torcer é quando você, sei lá... eu vibro pelo meu time, quero meu time, ah... quero meu time ganhar, seguir a caminhada dele. Onde ele estiver eu estou com ele, entendeu?

Entrevistador: Por que você torce?

— Ah, não sei, é uma coisa que vem de dentro, sabe? Tipo, eu me empolgo só de ouvi falar do Santos. “Santos joga bola, o Santos vai jogar”, as torcidas... estádio, tudo já vem de dentro, é incontrolável para mim, eu preciso torcer.

Entrevistador: Explicar por que, mesmo, você não sabe?

— Explicar por que, mesmo, não sei.

Entrevistador: Por que você escolheu o Santos para torcer?

— Ah... desde pequeno. Meu pai é são-paulino. Do nada, assim, bateu aquele negócio por aquele time do Santos, aquele entrosamento, aquela camisa, a bandeira, o hino, tudo.

Entrevistador: Aquele entrosamento é o quê?

— Ah, tudo, a equipe toda, época em que comecei assisti ao jogo, até agora.

Entrevistador: De todos os ingredientes do time, qual mais te fez escolher ele?

— Foi quando o Santos tava perdendo, a torcida empurrando ele, ele fez o gol. Naquele momento eu senti um... nossa! Disparou meu coração, eu falei: “É esse o time, é esse meu time, é esse, o Santos.”

Entrevistador: Então foi a vitória?

— Foi a virada, a virada. Quando ele virou, nossa, eu vibrei e eu falei: “É agora, é o meu time, esse é o Santos.”

Entrevistador: O que o Santos representa para você? E por quê?

— O Santos representa para mim... Tipo, a gente que não tem renda, assim, a gente vê o futebol como um lazer para a gente. O Santos representa para mim, então, eu vejo o Santos como uma segunda família para mim. Gosto de ir para o estádio, gosto de torcer, gosto de jogar com a camisa do Santos, representa muito.

Entrevistador: Quando você ouve “Santos” o que você sente?

— Ah... inexplicável isso. Minha atenção já dobra só naquele momento, só, entendeu? Ou seja, eu amo demais o Santos.

Entrevistador: De que time você menos gosta?

— Do Corinthians.

Entrevistador: Por quê?

— Ah... para mim, eles são os que mais arrumam encrenca, confusão. Tanto a torcida organizada quanto a torcida mesmo. de estádios. assim, entendeu? Qualquer um que você vê na rua, assim, na rua, corintiano, se você fala que é de outro time já começa a olhar feio assim para você. Isso, para mim... disso daí eu não gosto.

Entrevistador: E quais são as características dos torcedores corintianos de que você não gosta?

— O vandalismo, a violência. Tem os torcedores que vão para torcer, mas tem outros que vão só para estragar, tá ligado?

Entrevistador: E você acha que na torcida do Santos isso não existe?

— Não, isso existe, mas aí que tá: para mim, o Santos faz quando ele quer reivindicar alguma coisa, entendeu? Não é sempre, eles não vão para brigar, eles vão mais para... torcer mesmo, pra empurrar o time do Santos, que ela quer sempre melhor para o time do Santos, a torcida. Tanto a Jovem como a Sangue Jovem como a Força Capital Jovem, a Fúria Santista...

ENTREVISTA 5B

Humberto

Entrevistador: Para você, o que é torcer?

— É gostar muito do seu time, sentir muita, muita vontade de ver, sei lá. Eu tenho, na minha cabeça, sempre eu tenho várias camisetas, então o time está na minha cabeça sempre, em conversas, em tiração de sarro, brincar com os outros, zoar com outros torcedores, então, meu, importância total na minha vida, futebol.

Entrevistador: Então por que você torce? No torcer, o que, para você, é bom?

— Porque... não tem uma explicação definida sobre isso, assim, direta, mas, ah... Eu trago isso desde meu pai. Sempre vi meu pai assistir aos jogos do meu time atual, que é o mesmo dele, e então não sei se vem uma coisa meio de criança e foi desenvolvendo, mas... sei lá, o futebol é uma coisa que eu gosto tanto de jogar como de assistir, comentar, ter um time para que você torce mesmo, acho legal isso.

Entrevistador: E o que você sente torcendo?

— Emoção, emoção. Já chorei muito pelo meu time, tanto de alegria quanto de tristeza. Claro que mais de tristeza, mas eu sinto uma emoção muito grande, eu gosto, não sei como definir exatamente isso, né? Mas o fato de ver as partidas, sei lá, você... é uma coisa que você não sabe de onde tirar, mas o fato de jogar, gostar de jogar, acho que, por isso que... daí que sai, talvez, o torcedor, porque você vê o quanto é legal jogar um futebol, quem gosta. Então daí que você tira esse negócio de torcer para alguém e estar vendo todo dia aquilo, ou sempre, pelo menos, né? Sobre aquilo.

Entrevistador: E por que você escolheu o Santos?

— Veio do meu pai, herança. Ele já era santista, me apeguei desde pequeno e por isso torço para ele até hoje.

Entrevistador: E você se lembra do momento em que você viu que era santista?

— Hm... não, exatamente quando foi, não. Como eu disse, desde pequeno meu pai me dava, né, comprava roupas, me comprava camisetas, sei lá. Desde pequeno sempre tendo aquela imagem, sempre vendo aquilo, então... Mas lembrar mesmo quando resolvi virar santista não sei. Quando eu era mais pequeno, era aquela coisa mais de brincadeira, mas depois que cresceu, sei lá, ficou meio sério para mim, sei lá, é um negócio que eu levo a sério.

Entrevistador: E você não lembra o que fez você levar a sério?

— Como virou sério, não... exatamente como virou sério, não... acho que foi depois que eu comecei a ter, a crescer, né? Você vai aprendendo, vai desenvolvendo. No começo, quando você

é pequeno, você só vê a bola saindo, a bola entrando no gol, é a falta, é isso, aquilo, só que você não dá muita atenção, você não entende muito aquilo, né? Mas aí depois você cresce, você vai aprendendo, vai vendo o que é um escanteio, pênalti, isso é falta, mão, impedimento, então, não sei te dizer exatamente isso, mas é isso aí.

Entrevistador: O que o Santos representa para você e por quê?

— O que ele representa para mim? Na minha vida mesmo não... Representa em termos de torcida, mas não me dá dinheiro, não me dá nada. Mas é pela emoção, mesmo, é porque eu gosto, e... É isso aí. E porque também, como eu disse, esse negócio de time, de torcida, de torcer para alguém é meio difícil você definir, porque como, de que jeito, né? Então sei lá, é meio complicado isso.

Entrevistador: E dos times que você conhece agora, de qual você gosta menos? E por quê?

— Corinthians. Agora não, sempre! Também herança de meu pai também. Não gostava, então resolvi não gostar também. Os torcedores também às vezes acho meio chatos.

Entrevistador: Me fale algumas das características da torcida do Corinthians que fizeram você não gostar dos corintianos.

— Sei lá, acho eles... Acho todo corintiano meio prepotente, os caras, eles nunca têm desculpa para uma derrota São insistentes em dizer que o time é bom, é bom, é bom, é timão, é timão, sei lá... Esse negócio do torcedor não... esse fato de não assumir... toda vez que você vai conversar com um corintiano um dia após a derrota ele nunca sabe dizer “não, pô, os jogadores erraram, o time não jogou bem”, ou seja lá qual for. Sempre tem uma desculpa para o juiz, uma desculpa para o pênalti que não foi dado, esse tipo de coisa. Nunca é “porra, meu time perdeu porque jogou mal”, eles nunca assumem. E isso que me fez às vezes ter um pouco de raiva. Raiva, assim... não a ponto de brigar com alguém por causa disso, mas você fica meio em cima: “Com esse aí eu não vou conversar, porque se ele é meio chato, é corintiano.” É isso.

Entrevistador: E você acha que na torcida do Santos não tem ninguém assim?

— Não, acho que a situação dos torcedores é, são mais ou menos dessa forma né? Você hoje tira o sarro do outro, porque seu time ganhou. E amanhã o time dele ganha, ele tira o sarro de você também. Então é uma coisa que você não sabe onde começa nem onde termina, porque sempre tem uns que tiram o sarro de você. Só que daí quando seu time ganhar você... sempre tenho ali uma vontade de pagar por aquele dia que ele pegou e zoou com você porque seu time perdeu, então acho que vai sempre aumentando, né? Uma bola de neve, quer dizer, um brinca com o outro, um zoa com a cara do outro, depois aquele outro vai querer devolver, daí vai tirar com o outro e outro e daí vai sempre. Mas com certeza na minha torcida também tem. Eu, particularmente, não me acho muito chato com relação a isso, não, mas quando o meu time perde pelo menos eu sei assumir que foi erro do time, ou porque jogou mal. Não boto a culpa em juiz ou coisa parecida, não.

ENTREVISTA 6B

Otávio

Entrevistador: Para você, o que é torcer?

— Olha, para mim, torcer... Para mim... Como eu posso te responder, velho? É... eu adoro futebol, acompanho bastante e... quando eu era criança, meu pai me levou na feira e falou: “Escolhe um time.” Eu não tinha nem noção do que era futebol, aí eu me simpatizei pela camisa do São Paulo, acabei escolhendo, daí em diante virei torcedor do São Paulo e venho acompanhando sempre, entendeu? E, para mim, isso é torcer. Mas quando eu escolhi o São Paulo para ser meu time eu não tinha noção ainda do que eram as coisas de futebol, mas é engraçado uma coisa: escolhi e nunca mais mudei, entendeu?

Entrevistador: Mas por que você acha que você escolheu?

— Então, eu gostei do desenho da camisa. Porque eu tinha uns dois, três anos, quatro anos de idade. Meu pai não me influenciou nada em questão de escolher um time. Nada. Aí tava eu e meu irmão e ele falou: “Escolhe uma camisa de um time que você gosta.” Aí eu escolhi a camisa do São Paulo. Engraçado, meu irmão escolheu a do Palmeiras, e meu pai era palmeirenses e eu nem sabia, entendeu? Foi bem interessante.

Entrevistador: E por que você torce? O que te motiva a torcer?

— Ah... aquela coisa, né? Sonho de criança. Todo mundo acho que um dia pensou em ser jogador de futebol, né? É por isso que eu acompanho bastante, vejo os lances, por isso.

Entrevistador: Então sua motivação está ligada a esse sonho?

— Sim, se eu tivesse condições, né? Mas eu não tenho condições para ser jogador, então, entendeu? Por isso que eu acompanho bastante.

Entrevistador: O que o São Paulo representa hoje em dia para você? E por quê?

— Ah... O que sempre representou. É um time de ponta, né? A gente tem bastante alegrias, né? Década de 90, aí no final a gente teve algumas tristezas... e a minha esposa falou: “Por que você não muda de time?” Eu falei: “Não, não tem cogitação de mudar de time.” Entendeu? Eu gosto do São Paulo, e foi aquela coisa, como eu te falei, eu gostei da camisa e, de lá para cá... é uma paixão, é uma paixão, né? Mas eu não sou o retardado de fazer coisas pelo futebol, sou uma pessoa bem consciente.

Entrevistador: Então quer dizer que ele representa uma paixão.

— É uma paixão. Às vezes você torce mais pelo clube do que pela seleção, né? Pelas últimas coisas que vêm acontecendo na seleção.

Entrevistador: Então, quando vem a idéia de São Paulo, para você, à cabeça vem o quê, mais ou menos?

— Ah... aquele sonho, né? De criança. De repente ser um jogador, ver a galera, né? Te aplaudir, tudo, chamar... gritar seu nome, é isso que representa, aquele sonho de criança, né? Acho que todo mundo teve isso, de querer um dia ser jogador. E, se fosse para mim ser, eu, um... eu queria ser do São Paulo, entendeu? Se fosse para escolher.

Entrevistador: E, falando dos outros times agora, de que time você gosta menos?

— Ah... eu não tenho muita coisa, não, mas eu gosto de tirar mais barato é do Corinthians. Mas não tenho nada contra, e quando um time está num torneio, assim, eu até, se estiver só ele pelo Brasil, a gente acompanha, né?

Entrevistador: Então você chega a torcer pelo Corinthians quando ele está em outro campeonato?

— Olha... para ser sincero, naquela época, quando tem um futebol bonito, um time, eu gosto de acompanhar. Que nem naquela época de 98, 99. Tinha um futebol legal e eu gostava de acompanhar o Corinthians na libertadores porque eles jogavam... um jogo aberto, um jogo bonito de se ver. Eu acompanho por isso, porque time que está jogando feio não adianta nem ficar lá assistindo, né? Você tem de acompanhar time que joga bonito.

Entrevistador: Mas por que você gosta menos do Corinthians?

— Ah... mais pra tirar uma onda dos caras, né? Que todo corintiano é cheio de querer, então os caras vêm e tiram uma onda de nós, a gente depois tira uma onda deles, né? E os corintianos são os mais chatos, para ser sincero, é por isso que a gente gosta de... ficar pentelhando eles.

Entrevistador: Falando nisso, que características você acha que o corintiano tem?

— Ah... Os caras são chatos, viu? Os caras gostam de cantar vitória antes do jogo. E sempre eles são melhores, eles não são humildes de... Corinthians é Corinthians. Não torce para ninguém. Um exemplo: se o São Paulo está na libertadores e eles não estão, eles querem que o São Paulo saia o mais rápido possível, nunca querem que um time... Brasil e Argentina, eles preferem torcer para os argentinos do que para nós, entendeu? É isso que... dá bronca deles, mas o restante, tranquilo...

Entrevistador: E você acha que os torcedores de outros times são iguais aos corintianos?

— Não... Acho que o corintiano é o pior, é o que enche mais o saco. Mas o restante, eles tiram uma onda, mas é mais o sossegadinho, eles aceitam algumas coisas, já, que o corintiano não aceita.

Entrevistador: Então, para você, mesmo, o mais legal de torcer é...

— Aquele sonho de criança. E hoje em dia é engraçado, você ficar brincando com as outras pessoas, né? “Meu time está melhor que o seu”, e tira aquela onda, que a gente sempre tira, entendeu? É só por isso...

ENTREVISTA 7B

Alessandro

Entrevistador: Para você, o que é torcer?

— Ah, torcer é você se identificar com um time e querer que ele se dê bem, né? Torcer para aquele time que você escolheu e esperar o melhor dele, que ele sempre ganhe e alcance seus objetivos, que é ganhar os campeonatos.

Entrevistador: Por que você torce? O que te motiva a torcer?

— Ah, o que me motiva a torcer é aquela grande massa de pessoas que têm preferência por um time, que joga, de repente, com uma outra... com outro time que tem uma outra grande massa rival. Mas não assim, no aspecto de violência, assim de esportividade, para te... competição, né? Então essa competição é que me leva a torcer para o meu time, esse tipo de competição.

Entrevistador: E por que você escolheu o Corinthians para torcer?

— Ah, porque além de ser, assim, o time, que era muito bom na época que eu comecei a entender de futebol, ele ganhava muitos títulos, é... meu pai também é corintiano, então isso é... meio que passou de pai para filho

Entrevistador: E você se lembra do momento em que começou a torcer para o Corinthians?

— Me lembro. Estava passando um jogo em minha casa, meu pai estava tendo a oportunidade de assistir comigo, e aquela vibração deles, dos amigos dele, me contagiou, e ali já eu olhei e tive certeza que, ali, eu era corintiano, que era aquele time mesmo, que eu ia torcer para o resto da minha vida.

Entrevistador: E o que o Corinthians representa para você? Quando você ouve “Corinthians”, o que te faz pensar?

— Ah, me lembra de futebol, o amor que eu tenho pelo futebol, o time que representa o meu... o futebol, para mim, no Brasil, é o Corinthians, né? O time que eu torço, e é isso o que eu sinto quando escuto “Corinthians”.

Entrevistador: Por quê?

— Ah, porque é o time de minha preferência, é um time de grande massa, então, que luta... que tem muitos rivais, também, né? De muita expressão, time fortes, times grandes, então ele instiga essa competitividade e esse amor pelo futebol.

Entrevistador: De que time você gosta menos?

— Hoje em dia, do São Paulo, por ele ser um dos rivais do Corinthians que tem dado muito trabalho, então o... ultimamente, nem tanto mais o Palmeiras, que era o grande rival. Hoje em dia, a gente, corintiano, já não gosta muito mais do São Paulo e já vê como um grande rival.

Entrevistador: E quais as características do torcedor do São Paulo?

— Torcedores é aquilo, né? Existem bons torcedores, né? E maus torcedores, né? Toda... ah, os times, todas as equipes têm torcedores que são bons, que vão no intuito de assistir mesmo a um clássico, de assistir mesmo a um espetáculo e têm aquelas pessoas que já saem de casa com o intuito de brigar e arrumar confusão. Isso não está definido numa única torcida, isso tem em todas as torcidas, infelizmente né? Então, o que marca mesmo as diferenças das torcidas são mesmos os uniformes, os emblemas e as cores, né? Porque, de resto, cada um torce por seu time e assim vai ser sempre, cada um defendendo o seu.

ENTREVISTA 8B

Guilherme

Entrevistador: O que é torcer?

— Ah... acompanhar o seu time e querer que ele ganhe sempre, nada de mais...

Entrevistador: O que te motiva a torcer, o que te leva a torcer?

— Ah, essa é difícil, hein, bicho. Ah... sei lá, eu gosto do São Paulo desde criança, influenciado pelos meus irmãos e... não tenho motivo, gosto do São Paulo. Simpatia, mesmo.

Entrevistador: Mas o que te faz continuar torcendo para o São Paulo? O que você sente torcendo?

— Ah... emoção, né, cara? Emoção, nada de mais, emoção mesmo... Não tem algo mais forte que isso, não.

Entrevistador: E por que você escolheu o São Paulo para torcer?

— Foi a influência dos meus irmãos, mesmo e... na época, né? E agora... porque, realmente, se eu tivesse nascido nessa época, é o melhor time atual no Brasil, com estrutura e... muitas vantagens. Se fosse por esse momento, eu também torceria pelo São Paulo, mas, quando eu comecei, foi por influência dos meus irmãos, mesmo. Todos eles são são-paulinos e eu fui de carona, né?

Entrevistador: E você se lembra do momento em que você escolheu o São Paulo para torcer?

— Por incrível que pareça, eu lembro, cara. Foi quando a gente ficava jogando botão, futebol de botão, eu e meus irmãos, e meus irmãos sempre me empurravam o São Paulo, para mim ser o São Paulo. Acho que pra mim pegar gosto, e acabo dando certo.

Entrevistador: O que representa o São Paulo para você?E por quê?

— O que ele representa... ah... felicidade, né, cara. Ganha um monte de título aí, me deixa feliz, é... legal que você pode tira sarro dos colegas, mas não tem uma importância muito, assim, grande na minha vida, não. E porque que representa isso? Ah... sei lá, cara. O que ele representa? Ah... eu gosto, tenho simpatia, não sei te responder essa pergunta, não.

Entrevistador: Qual é o time de que você gosta menos?

— O time de que eu gosto menos? Eu acho que... a maioria respondeu Corinthians, né? O porquê? Não é nem tanto pelo Corinthians, mas mais pelos torcedores, que são muito pertinentes, já têm a fama de serem muito maloqueiros, não sabem se portar direito. Não que isso seja um racismo, mas a maioria dos corinthianos que eu conheço... é uma pouca minoria que sabe se portar

educadamente no estádio, na vida social. Não sei, acho que isso já vem meio predefinido... corintiano... é uma coisa meia taxada, já. Acho que é por isso.

Entrevistador: E você acha que os outros torcedores não têm as mesmas qualidades que têm os corintianos?

— Sim, também têm. Mas eu acho que é em menor quantidade, como a do São Paulo também tem vândalo, a do Palmeiras, todos têm. Mas eu acho que, não sei, ficou mais caracterizado isso no Corinthians, na minha opinião, né? Por isso... mas é do time que eu não gosto. Sabe assim... não tenho nada de mais contra ninguém, mas é que eles são... a dona do salão mesmo é corinthiana. Tinham... ela enche o saco, bicho, ninguém argumenta ela, mesmo perdendo.